



UEFS



Programa de Pós-Graduação
em Estudos Linguísticos

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
Curso Reconhecido pelo MEC, Portaria 485 de 14/05/2020, publicada no D.O.U. 18/05/2020

MAINARA DA GLÓRIA ARAÚJO DE JESUS

AS DENOMINAÇÕES PARA ‘PROSTITUTA’ NO INTERIOR DO NORDESTE –
ANÁLISE DE DADOS DO PROJETO ALiB

Feira de Santana-BA
2025

MAINARA DA GLÓRIA ARAÚJO DE JESUS

**AS DENOMINAÇÕES PARA ‘PROSTITUTA’ NO INTERIOR DO NORDESTE –
ANÁLISE DE DADOS DO PROJETO ALiB**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Josane Moreira de Oliveira

Feira de Santana-BA
2025

Ficha catalográfica - Biblioteca Central Julieta Carteadó - UEFS

Jesus, Mainara da Glória de
J56d As denominações para “prostituta” no interior do Nordeste –
análise de dados do Projeto ALiB / Mainara da Glória de Jesus. -
2025.
164f.: il.

Orientadora: Josane Moreira de Oliveira

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Feira de
Santana. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos,
2025.

1. Dialetologia. 2. Sociolinguística. 3. Projeto ALiB. 4. Léxico.
5. Prostituta. 6. Região Nordeste. I. Oliveira, Josane Moreira de,
orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. Programa de
Pós-Graduação em Estudos Linguísticos. III. Título.

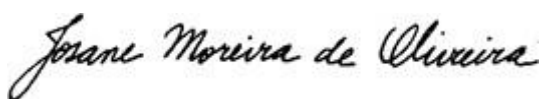
CDU: 801:392.65

Rejane Maria Rosa Ribeiro – Bibliotecária CRB-5/695

JESUS, Mainara da Glória Araújo. **As denominações para ‘prostituta’ no interior do Nordeste – análise de dados do Projeto ALiB.** 2025. 163f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2025.

Aprovada em: 18 de junho de 2025


Banca Examinadora



Profa. Dra. Josane Moreira de Oliveira (Orientador)



Profa. Dra. Norma Lúcia Fernandes de Almeida (Examinador Interno/titular)

Documento assinado digitalmente
 MARCELA MOURA TORRES PAIM FERNANDES
Data: 18/06/2025 15:30:05-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profa. Dra. Marcela Moura Torres Paim Fernandes (Examinador Externo/titular)

À minha mãe, Valdete da Glória Araújo de Jesus, por todo amor e incentivo. Minha fonte de inspiração, que nunca mediu esforços para que eu tivesse acesso ao melhor da Educação.

AGRADECIMENTOS

Ao Deus de Abraão, Isaque e Jacó, todo o meu louvor e adoração. Ele esteve cuidando de mim nos mínimos detalhes desta caminhada e me permitiu chegar até aqui. Sou grata pelo fôlego da vida e pela sua presença constante, o seu Espírito me trouxe calma e descanso nos dias mais difíceis. Ebenézer!

À minha orientadora, Profa. Dra. Josane Moreira de Oliveira, por todos os ensinamentos e orientações desde o período do Curso de Especialização em Linguística e Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa. Lembro que, após uma de suas aulas em que nos apresentou alguns dos dados e cartas linguísticas do ALiB, me encantei pelo Atlas e ela, com muita sabedoria e conhecimento, me conduziu às pesquisas do Projeto. A ela minha eterna gratidão, pela paciência, escuta e confiança para a realização desta pesquisa.

Ao Projeto ALiB, em especial à Profa. Dra. Jacyra Mota, Presidente do Comitê Nacional, por autorizar a utilização do *corpus* do Projeto para a realização desta pesquisa.

Ao PPGEL/UEFS, Programa acolhedor, responsável e comprometido com a promoção do fortalecimento da produção científica.

As Profas. Dras. Norma Lúcia Fernandes de Almeida e Marcela Moura Torres Paim, pelas contribuições apresentadas no Exame de Qualificação, sugestões que enriqueceram meu trabalho.

À CAPES, pelo apoio financeiro, o que possibilitou o custeio de atividades curriculares e meios para o desenvolvimento deste estudo.

À minha mãe, pessoa responsável pela minha formação, a primeira a se alegrar com as minhas vitórias e os “braços” com que sempre posso contar. E ao meu pai, por acreditar em mim.

À minha família, bem mais precioso, que sempre esteve comigo em todas as circunstâncias.

Ao meu namorado Cauã, pelas palavras de ânimo e coragem, por todo o cuidado e apoio.

A Cledson Conceição, pelo tempo de escuta e pelas contribuições para que este projeto se tornasse possível.

Ao colega de mestrado, Jalmir Profeta, um parceiro que vou levar no coração por toda a vida, que, com presteza, por diversas vezes, me auxiliou nas demandas do curso, com quem dividi erros e acertos, minha dupla de trabalhos.

Aos demais colegas do PPGEL: Paloma, Manu, Marcio e Priscila. Vocês foram essenciais nessa jornada! Os almoços e risadas compartilhadas tornaram os dias mais leves. Era um privilégio estar com vocês.

Aos amigos da IBF, meus irmãos de fé, pelas orações e cuidado, em especial: Nei, Jojo e Rosa.

A todos, minha eterna gratidão!

Nesse tempo eu ainda não era, de fato, uma mulher da vida. Aliás, não sei o porquê dessa alcunha, uma vez que toda mulher viva é da vida, não é da morte. Porém, esse era um nome, talvez o mais comum, dado às prostitutas. Havia outros, como meretriz, rapariga, rameira, mulher de vida fácil, mulher da rua, puta e alguns mais. De todos eles, eu nunca soube a origem, mas nunca encontrei coerência entre alguns deles e o trabalho que faziam as mulheres da casa de tia Madô. No entanto, se alguém procurar de verdade tais origens, vai encontrar, com certeza. Mesmo que sejam umas origens tortas. (Macedo, 2017, p. 45)

RESUMO

O presente estudo segue a perspectiva da Dialetoлогия e da Sociolinguística, concentrando-se na análise das lexias simples e complexas para denominar a ‘prostituta’, a partir de dados orais documentados e disponibilizados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB). O critério de seleção dos dados analisados foi a natureza geolinguística, delimitando o estudo da língua falada ao território correspondente ao interior da Região Nordeste, uma vez que os dados das capitais já constam dos volumes 2 e 3 do ALiB (Cardoso et al., 2014b; Mota; Ribeiro; Oliveira, 2023). Os procedimentos para a análise dos dados foram definidos com base nas questões da problemática que orientam esta pesquisa: identificação de variação espacial, de possíveis subáreas dialetais e de possível variação diageracional e diassexual. A pesquisa é baseada nos pressupostos teórico-metodológicos de Guérios (1956), Labov (2008 [1972]), Ferreira e Cardoso (1994), Biderman (1996, 2001), Cardoso (1999, 2010), Monteiro (2000), Mota (2000, 2012, 2021), Calvet (2002), Welker (2004), Silva (2012), Thun (2017), dentre outros. Os dados em análise atestaram a estreita relação entre língua, cultura e sociedade, pois revelam aspectos culturais da comunidade de fala, os resultados indicam que há uma diversidade de lexias utilizadas dentro do contexto geográfico nordestino, a partir de eufemismos e disfemismos, e que há mais variação diageracional do que diassexual e diatópica, prevalecendo o uso das lexias simples “prostituta” e “rapariga” e das lexias complexas formadas a partir da base “mulher [...]” em toda a região.

Palavras-chave: Dialetoлогия; Sociolinguística; Projeto ALiB; Região Nordeste. Léxico; Prostituta.

ABSTRACT

This study follows the perspective of Dialectology and Sociolinguistics, focusing on the analysis of simple and complex lexis to name the ‘prostitute’, based on oral data documented and made available by the Linguistic Atlas of Brazil Project (ALiB). The selection criterion for the data analyzed was the geolinguistic nature, delimiting the study of the spoken language to the territory corresponding to the interior of the Northeast Region, since the data for the capitals are already included in volumes 2 and 3 of the ALiB (Cardoso et al., 2014b; Mota; Ribeiro; Oliveira, 2023). The procedures for data analysis were defined based on the questions of the problematic that guide this research: identification of spatial variation, possible dialectal subareas and possible diagenational and diasexual variation. The research is based on the theoretical-methodological assumptions of Guérios (1956), Labov (2008 [1972]), Ferreira and Cardoso (1994), Biderman (1996, 2001), Cardoso (1999, 2010), Monteiro (2000), Mota (2000, 2012, 2021), Calvet (2002), Welker (2004), Silva (2012), Thun (2017), among others. The data under analysis attested to the close relationship between language, culture and society, as they reveal cultural aspects of the speech community, the results indicate that there is a diversity of lexicons used within the northeastern geographic context, based on euphemisms and dysphemisms. And that there is more diagenational than diasexual and diatopic variation, with the use of the simple expressions “prostitute” and “girl” prevailing beside the complex forms with the base “mulher [...]” throughout the region.

Keywords: Dialectology; Sociolinguistics; ALiB Project; Northeast Region; Lexicon; Prostitute.

LISTA DE SIGLAS

ALECE	Atlas Linguístico do Estado do Ceará
ALERS	Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul
ALiB	Atlas Linguístico do Brasil
ALiPE	Atlas Linguístico de Pernambuco
ALISPA	Atlas Linguístico Sonoro do Pará
ALF	Atlas Linguístico da França
ALMS	Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul
ALPB	Atlas Linguístico da Paraíba
ALPR	Atlas Linguístico do Paraná
ALS	Atlas Linguístico de Sergipe
ANPOLL	Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística
APFB	Atlas Prévio de Falares Baianos
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
EALMG	Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
IFOCS	Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas
GT	Grupo de Trabalho
PIB	Produto Interno Bruto
SUDENE	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
UEL	Universidade Estadual de Londrina
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFCS	Universidade Federal de Santa Catarina
UFMA	Universidade Federal do Maranhão
UFMS	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFPA	Universidade Federal do Pará
UFRPE	Universidade Federal Rural de Pernambuco
UFs	Unidades fraseológicas
UnB	Universidade de Brasília

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Rede de pontos da Região Nordeste – ALiB	70
Figura 2: Carta 1 – Lexias simples frequentes para ‘mulher que se vende para qualquer homem por dinheiro’ no interior do Nordeste	133
Figura 3: Carta 2 – Lexias complexas frequentes para ‘mulher que se vende para qualquer homem por dinheiro’ no interior do Nordeste	135
Figura 4: Carta 3 – Lexias com a base <i>mulher [...]</i> frequentes para ‘mulher que se vende para qualquer homem por dinheiro’ no interior do Nordeste.....	137

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Lexias simples para ‘prostituta’ no interior do Nordeste.....	115
Gráfico 2: Lexias complexas para ‘prostituta’ no interior do Nordeste.....	119
Gráfico 3: Lexias mais frequentes para ‘prostituta’ no interior do Nordeste por estado (percentuais).....	132

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Produções na área do léxico (ALiB)	21
Quadro 2: ALiB – interior do Nordeste.....	72
Quadro 3: Respostas dos informantes.....	95
Quadro 4: Denominações mais frequentes para ‘prostituta’	101
Quadro 5: Messalina: lexia dicionarizada	112
Quadro 6: Lexias dicionarizadas associadas aos animais.....	116
Quadro 7: ‘Prostituta’ no <i>Dicionário do português nordestino</i>	122
Quadro 8: Fraseologismos mais frequentes no interior do Nordeste.....	122

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição geral dos dados – lexias para ‘prostituta’ no Nordeste	98
Tabela 2: Lexias simples e complexas para ‘prostituta’ no Nordeste	99
Tabela 3: Lexias mais frequentes para ‘prostituta’ no interior do Nordeste por Estado	131
Tabela 4: Lexias mais frequentes para ‘prostituta’ no interior do Nordeste por Sexo	139
Tabela 5: Lexias mais frequentes para ‘prostituta’ no interior do Nordeste por Faixa etária	142

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	18
2 REVISÃO DA LITERATURA	21
3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS	28
3.1 LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE	28
3.2 A DIALETOLOGIA E A GEOLINGUÍSTICA PLURIDIMENSIONAL	30
3.3 A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA	41
3.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O LÉXICO	48
3.5 TABUS LINGUÍSTICOS	53
3.6 A PROSTITUIÇÃO	56
3.6.1 No Brasil	60
3.6.2 No Nordeste	65
4 METODOLOGIA	67
4.1 O PROJETO ALiB	67
4.1.1 O ALiB na Região Nordeste	72
4.2 CARACTERÍSTICAS DA FORMAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO NORDESTE	73
4.2.1 Dados das localidades (IBGE)	79
4.2.1.1 <i>Maranhão</i>	79
4.2.1.2 <i>Piauí</i>	80
4.2.1.3 <i>Ceará</i>	81
4.2.1.4 <i>Rio Grande do Norte</i>	83
4.2.1.5 <i>Paraíba</i>	84
4.2.1.6 <i>Pernambuco</i>	85
4.2.1.7 <i>Alagoas</i>	87
4.2.1.8 <i>Sergipe</i>	88
4.2.1.9 <i>Bahia</i>	88
4.3 PROCEDIMENTOS ADOTADOS	93
5 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS	95
5.1 RESPOSTAS DOS INFORMANTES	99
5.1.1 Denominações mais frequentes	100
5.1.2 Denominações de ocorrência única	102

	17
5.2 DESCRIÇÃO DAS LEXIAS	114
5.2.1 Lexias simples.....	114
5.2.2 Lexias complexas	119
5.3 RELAÇÕES DE SENTIDO PARA AS CRIAÇÕES LEXICAIS	127
5.4 VARIAÇÃO DIATÓPICA	129
5.5 VARIAÇÃO DIASSEXUAL.....	138
5.6 VARIAÇÃO DIAGERACIONAL.....	140
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	144
REFERÊNCIAS	149
APÊNDICE 1: EXEMPLÁRIO DAS LEXIAS SIMPLES.....	157
APÊNDICE 2: EXEMPLÁRIO DAS LEXIAS COMPLEXAS.....	163

1 INTRODUÇÃO

A estreita relação entre língua, cultura e sociedade, debatida em estudos linguísticos, revela como as práticas culturais de um povo podem explicar os contextos que motivam a preferência e o uso da língua por seus falantes e as novas criações lexicais que surgem a todo momento. Partindo dessa constatação, a proposta desta pesquisa segue a linha investigativa sobre variação e mudança linguística no português e foi construída dentro da perspectiva da Dialectologia/Geolinguística (Ferreira; Cardoso, 1994; Cardoso, 2010; Thun, 2017), da Sociolinguística (Labov, 2008 [1972]) e com base nos Estudos do Léxico (Biderman, 1996; 2001), concentrando-se na análise das denominações utilizadas no interior do Nordeste para ‘prostituta’.

Os dados analisados são orais, de natureza geolinguística, e foram documentados e disponibilizados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), lançado em 1996, de iniciativa da Universidade Federal da Bahia (UFBA), que tem como fundamentos os “princípios gerais da Geolinguística contemporânea, priorizando a variação espacial ou diatópica e atento às implicações de natureza social que não se pode, no estudo da língua, deixar de considerar” (<https://alib.ufba.br/content/objetivos>).

A temática escolhida para esta pesquisa são as denominações para ‘prostituta’. O *corpus* a ser analisado faz parte do questionário semântico-lexical (QSL) utilizado nas entrevistas do ALiB, que possui como metodologia a documentação e a análise das expressões dadas a conceitos pertinentes a 14 áreas semânticas. “Convívio e comportamento social” corresponde ao oitavo campo semântico do ALiB, no qual está inserida a pergunta para ‘prostituta’: “Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem” (Comitê Nacional..., 2001, p. 32).

Em pesquisa concluída recentemente sobre as denominações para ‘prostituta’ (Jesus, 2023) no Curso de Especialização em Linguística e Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa foi feita uma análise comparativa entre os dados de duas amostras: do *Atlas prévio dos falares baianos* (APFB) e do ALiB-Bahia. Investigou-se a continuidade ou não dos usos dos itens lexicais, a carga semântica dos termos empregados, a variação diageracional e diassexual, além de se ter buscado a identificação de possíveis áreas dialetais. Constatou-se que, de fato, no estudo da língua, os atlas constituem um espaço privilegiado para a reflexão sobre o processamento da oralidade e sobre os contextos que motivam o uso de determinados falares.

Tendo em vista os novos vieses de interpretação que os dados coletados permitiram, como o uso de determinados vocábulos relacionados aos contextos sócio-históricos das comunidades, após o mapeamento da área baiana, a proposta de análise dos dados, desta vez, concentra-se no Projeto ALiB e se expande aos inquéritos realizados nas localidades do interior da Região Nordeste, já que os dados das capitais já foram analisados por Isquerdo e Benke (2023).

À vista disso, a problemática que motivou e organizou esta pesquisa busca responder às seguintes questões:

- Quais são as lexias simples e complexas utilizadas para designar a ‘prostituta’?
- Há subáreas dialetais no interior da Região Nordeste?
- Há diferença entre os usos dos homens e das mulheres, dos mais jovens e dos mais velhos?

Dessa forma, objetiva-se:

- Analisar as lexias utilizadas para designar a ‘prostituta’ presentes nos dados orais de natureza geolinguística documentados no ALiB, a fim de verificar os tipos de variações existentes;
- Mapear possíveis subáreas dialetais na Região Nordeste;
- Descrever a formação das lexias e os contextos sociais que permitem identificar as relações de sentido que originam as criações lexicais.

A partir de então, são feitas as descrições das formas simples e complexas utilizadas no interior do Nordeste para designar a ‘prostituta’; a verificação da existência de variação diasssexual, diageracional e dialetal nos dados do ALiB e o estudo da formação das lexias utilizadas, acompanhado dos seus respectivos contextos dos inquéritos.

A escolha do estudo do léxico neste processo investigativo se justifica por ele ser uma importante ferramenta de compreensão do homem e do meio em que ele vive. De forma geral, ele ajuda a compreender a estreita relação entre língua, cultura e sociedade, pois “num vocabulário estão sintetizadas a vida, os valores e crenças de uma comunidade social” (Biderman, 1992, p. 399 apud Robbin, 2022, p. 200). É um campo de estudo interdisciplinar

que constitui “um conjunto aberto, em contínua expansão, impossível de ser delimitado em sua totalidade” (Zavaglia, 2012, p. 231).

A pesquisa interessa à Dialetoлогия pelo mapeamento da Região Nordeste, para verificar possíveis áreas dialetais assim como pelo fato de o *corpus* a ser estudado ser de natureza geolinguística, metodologia utilizada pelos dialetólogos para estudar as línguas em seu contexto geográfico, através da representação cartográfica, em que é possível também ter o controle sobre variáveis extralinguísticas, já que a seleção das localidades onde são realizados os inquéritos passa por critérios específicos relacionados à história, à geografia, à economia e à sociologia. E é significativa para a Sociolinguística, uma vez que todas as mudanças que ocorrem na língua precisam ser verificadas à luz dos costumes e do modo de vida da comunidade onde reside o grupo de falantes em que tais mudanças ocorrem (Labov, 2008 [1972], p. 21).

Quanto à escolha da temática, por conta de o ofício do meretrício ter sido historicamente estigmatizado ao longo dos séculos, por questões religiosas atreladas à moralização dos costumes, tabus linguísticos foram gerados em torno tanto da atividade do meretrício quanto da mulher que exerce tal atividade, fazendo com que os falantes da língua fossem naturalmente estimulados às novas criações lexicais para referir-se à ‘prostituta’.

Como organização estrutural, esta dissertação contém seis seções. São elas: 1) Introdução, contendo a apresentação do tema estudado e a importância do mesmo, a problemática que envolve a pesquisa, os objetivos da dissertação bem como a estrutura geral do trabalho; 2) Revisão da literatura, que expõe as sínteses de trabalhos já existentes sobre o tema, concomitantemente com o que existe de aplicação, procedimentos metodológicos ou de resultados relacionados; 3) Referencial teórico, contendo os conceitos de língua, cultura e sociedade, dialetoлогия e geolinguística pluridimensional, sociolinguística variacionista, léxico, tabus linguísticos e a prostituição no Brasil e no Nordeste; 4) Metodologia, que expõe os procedimentos adotados pelo Projeto ALiB, em que são apresentados os objetivos gerais, a seleção da rede de pontos, o perfil dos informantes, os questionários e a condução dos inquéritos; 5) Resultados e análise dos dados, seção em que se apresentam e discutem as denominações encontradas e em que se verificam e analisam as variações encontradas; 6) Considerações finais, contendo a síntese dos principais achados, as respostas às questões levantadas e caminhos para estudos futuros. A seguir, são listadas as Referências utilizadas na pesquisa e dois Apêndices com os dados da pesquisa.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Nesta seção, são retomados alguns trabalhos sobre o tema desta pesquisa, as denominações para ‘prostituta’, iniciando pelos que foram desenvolvidos com dados do ALiB e prosseguindo com outras publicações disponíveis.

Dentre os diversos fenômenos que podem ser estudados no ALiB, muitas pesquisas sobre o léxico vêm sendo realizadas. Entre monografias, dissertações e teses, na parte referente às produções, o *site* do ALiB registra:

Quadro 1: Produções na área do léxico (ALiB)

Área de estudo	Período	Número de publicações
Lexicologia	2007-2023	43
Lexicografia	2017-2023	06
Áreas dialetais	2012-2021	07
Fraseologia	2017-2022	04
Tabus linguísticos	2012-2023	06
Outros	2021	02

Fonte: (<https://alib.ufba.br/>).

É importante salientar que no Quadro 1 estão expostas apenas as produções registradas no *site* como concluídas, pois ainda existem as que estão em andamento e uma lista significativa de artigos publicados referentes a essas áreas de estudo.

Quanto às pesquisas relacionadas, especificamente, a pergunta 142 do QSL para ‘prostituta’, os registros do *site* do ALiB fornecem as produções a seguir, exibidas por nós em ordem cronológica:

- Dissertação de mestrado (Benke, 2012) – trata-se de um estudo do léxico na perspectiva dos tabus linguísticos, com base em dados geolinguísticos extraídos do banco de dados do Projeto ALiB. O *corpus* estudado foi constituído por denominações fornecidas como respostas para cinco perguntas do QSL do ALiB, vinculadas a três áreas semânticas: *ciclos da vida*: QSL 121 – “menstruação”; *convívio e comportamento social*: QSL 137 – “pessoa pouco inteligente”; QSL 141 – “marido traído” e QSL 142 – “prostituta”; e *religião e crenças*: QSL 147 – “diabo”. Foi identificada a “dinamicidade da língua em uso e as interferências

sofridas por ela nos níveis social, cultural, histórico e geográfico” e quanto aos tabus ficou “evidenciada a manifestação de pudor/decoro, de crenças e de superstições no âmbito mágico-religioso materializadas no léxico do grupo investigado” (Benke, 2012, p. 8).

- Capítulo de livro (Aragão, 2014) – texto intitulado “Variantes regionais e sociais de ‘prostituta’ nas capitais brasileiras – dados do ALiB”. Embora esse trabalho conste na base de dados das produções do ALiB, não foram encontradas outras informações e ele não foi localizado.
- Trabalho de conclusão de curso (Botelho, 2021) – como Relatório de Iniciação Científica Voluntária, o texto tem como objetivo analisar a variante lexical para ‘prostituta’ no Estado de Mato Grosso, a partir das respostas proferidas pelos 28 informantes do Projeto ALiB, habitantes de nove localidades mato-grossenses. Como principal resultado,

[...] a variante lexical prostituta teve predomínio no perfil feminino (54,4% de seus registros ocorreram na fala de mulheres) e na fala de jovens (também 54,4%), referendando sua classificação como norma padrão para designar o referente em questão. Todavia, entre os mais velhos (faixa etária II), a lexia perdeu espaço para outras designações, já que, nesse perfil, foi documentada uma maior diversidade de nomes (17 dos 25 analisados). (Botelho, 2021, p. 17)

- Monografia de especialização (Jesus, 2023) – busca-se investigar as denominações para ‘prostituta’, dentro do campo semântico “Convívio e comportamento social”, em uma área geograficamente definida (a Bahia), através da comparação de dados do *Atlas prévio dos falares baianos* (APFB) e do *Atlas linguístico do Brasil* (ALiB), a fim de verificar se as lexias simples e as lexias complexas (fraseologismos) dos anos 1950/1960 continuam em vigor e se outras surgiram no século XXI, monitorando a diferença entre os usos dos homens e das mulheres, dos mais jovens e dos mais velhos e as possíveis áreas dialetais no Estado da Bahia, quanto aos usos dessas lexias. Os dados revelaram preferências de uso da língua entre os mais jovens e os mais velhos, entre homens e mulheres e que “parece haver uma certa homogeneidade no Estado da Bahia quanto à denominação para ‘prostituta’. Constata-se que ‘prostituta’ é forma absoluta em todas as localidades selecionadas para a pesquisa” (Jesus, 2023, p. 43).

Embora não conste do *site* do ALiB, replicando o QSL do ALiB em Anori-AM, Araújo e Barros (2019) realizaram uma pesquisa e no artigo intitulado “As variações lexicais para o conceito de ‘prostituta’ no município de Anori-AM: um estudo dialetológico” apresentam um estudo investigativo e comparativo sobre as variações lexicais relacionadas ao conceito de ‘prostituta’ na zona urbana e rural do município de Anori, localizado no Amazonas, por meio de uma pesquisa qualitativa e quantitativa, numa perspectiva diatópica. A amostra foi composta de oito informantes, homens e mulheres, sendo quatro moradores da zona rural e quatro moradores da zona urbana, estratificados por sexo, pelas duas faixas etárias do ALiB e por nível de escolaridade (fundamental incompleto e médio incompleto). As autoras documentaram as variantes *rapariga*, *piriguite*, *vadia*, *quenga*, *prostituta*, *puta* e *putinha*. Todas as variantes foram encontradas em ambas as localidades, mas algumas predominaram em apenas uma delas, como no caso das variantes *prostituta*, *puta* e *putinha*, que se apresentaram apenas na fala de informantes da zona urbana. Já as variantes *rapariga*, *piriguite*, *vadia* e *quenga* foram encontradas na fala de informantes da zona rural.

Ainda sobre a denominação para ‘prostituta’ em dados do ALiB, em consulta ao Google, foram encontrados três artigos, descritos a seguir:

- “O ALiB e a norma lexical em Mato Grosso do Sul: nomes para *prostituta*” (Santos; Costa, 2020), que buscou investigar a variante para ‘prostituta’ na fala dos habitantes de seis localidades sul-mato-grossenses do Projeto ALiB, cujos resultados revelaram a presença de tabus linguísticos bem como de determinantes extralinguísticos, como a influência do sexo e da faixa etária para as escolhas lexicais, ratificando a importância desses estudos para o conhecimento dos modos de ser e de viver de uma sociedade. No universo pesquisado, *prostituta* firma-se como norma padrão para designar a profissional do sexo em Mato Grosso do Sul. *Biscate* foi a segunda lexia mais frequente, com 13,21% de produtividade, porém mais recorrente na fala dos informantes homens e mais velhos. *Mulher da vida/mulher de vida fácil*, por sua vez, registrou 7% das respostas. Em seguida, as lexias *puta* e *vadia* atingiram 6% das respostas, disputando a quarta posição. Como variantes lexicais menos produtivas, as autoras documentaram *galinha*, *piranha*, *quenga*, *vagabunda/mulher vagabunda*, *meretriz* e as variantes que começam com

mulher (mulher de zona, mulher sem vergonha, mulher de programa/garota de programa, mulher de rua e mulher do mundo).

- “Estudos alibianos em Mato Grosso: os nomes para *prostituta*” (Botelho; Costa; Carlos, 2022), um trabalho que visa analisar os nomes documentados pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil na pergunta 142 do QSL, em nove localidades do Estado do Mato Grosso, com o total de 28 informantes, em que, dos 25 designativos investigados para o referente em questão, confirmou-se que os fatores extralinguísticos são refletidos no léxico em uso pela comunidade, já que se constataram preferências de uso entre os diferentes perfis de informantes investigados. *Prostituta*, que predomina entre os mais jovens e entre as mulheres, domina os registros com 35,2%, seguida de longe por *biscate* e *rapariga*, ambas com 10,7%, *puta*, com 7,4% das ocorrências, *mulher da vida/de vida fácil*, com 5,3%, e, *mulher/garota de programa* e *meretriz* se apresentam com 3,2% de produtividade. Além das ocorrências únicas, isto é, daquelas unidades léxicas mencionadas apenas uma vez no *corpus*, foram registradas *piranha*, *carmélia*, *vagabunda*, *safada/mulher safada* e *vaca*, todas computando 2,1% de produtividade.
- “Os tabus de decência *rapariga* e *prostituta*, eufemizados e disfemizados na fala cearense, a partir de dados do ALiB” (Lavor; Viana; Araújo, 2023), artigo publicado na revista *Domínios de Linguagem*, em que foram analisadas as respostas para a questão 142 (a mulher que se vende para qualquer homem) presente no QSL do ALiB, em 12 localidades do Ceará, com o objetivo de analisar a variação entre os termos tabus *prostituta/puta* e *rapariga*. Os resultados estatísticos demonstraram que o termo tabu *prostituta/puta* é evitado em detrimento do termo *rapariga* e outras formas, como *mulher da vida*, *mulher de vida fácil*, *garota de programa*, etc. Foi identificado também que o termo *prostituta* é mais frequente do que o termo *rapariga*, o que indica que o falante faz uso constante de muitas outras formas para definir o fenômeno em pauta.

Vale destacar os resultados de Isquendo e Benke (2023) sobre as denominações para ‘prostituta’ nas capitais brasileiras, a partir do exame de dados do ALiB. As autoras, conforme a distribuição segundo as capitais e as regiões brasileiras, apresentam a produtividade das

denominações utilizadas: *prostituta*, *puta*, *rapariga*, *meretriz*, *rameira*, *rampeira*, *garota de programa*, *prima*, *quenga* e *biscate*. Sob o ponto de vista das variáveis sociais faixa etária e sexo, salientam que o registro de *rapariga* se destaca pelo uso majoritário entre os informantes da faixa etária II (50 a 65 anos), cerca de 68%, o que resulta no dobro do registro evidenciado entre os da faixa etária I (18 a 30 anos). Já *puta* teve predominância no vocabulário masculino, o que seria justificado pela carga semântica pejorativa da palavra.

Quanto às denominações complexas compostas pelo elemento *mulher* [...] para nomear a ‘prostituta’, as unidades lexicais destacadas foram: *mulher da vida*, *mulher de programa*, *mulher piranha*, *mulher de vida fácil*, *mulher galinha*, *mulher de rua*, *mulher à toa*, *mulher de aluguel* e *mulher da zona*. A maior ocorrência de *mulher da vida* foi entre as mulheres. Quanto aos casos de ocorrências únicas, a nota explicativa da Carta L15A (Cardoso et al., 2014b, p. 228) enfatiza que, além das variantes cartografadas, outros nomes foram documentados nas capitais brasileiras, como *nega choca*, *despicada*, *mundana*, *china*, *profissional do sexo* e *madalena*.

Especificamente sobre as capitais da Região Nordeste, a nota explicativa da Carta L15B (Cardoso et al., 2014b, p.240) informa:

No universo das 25 capitais brasileiras, registraram-se, além das variantes cartografadas, os seguintes casos de ocorrências únicas: *mulher que costura pra fora*, registrado em São Luís (MA), à informante feminina, faixa etária II, de nível de escolaridade universitário (Inf. 8); *mulher de tostão*, em Natal (RN), ao informante masculino, faixa etária II, de nível de escolaridade fundamental (Inf. 3); *mulher gasolina*, em João Pessoa (PB), ao informante masculino, faixa etária I, de nível de escolaridade fundamental (Inf. 1); *mulher de cabaré* e *mulher de batalhão*, em Maceió (AL), aos informantes masculinos, faixa etária II, respectivamente, de nível de escolaridade fundamental (Inf. 3) e de nível de escolaridade universitário (Inf. 7); *mulher bregueira* e *mulher de vida livre*, em Salvador (BA), ao informante masculino, faixa etária II, de nível de escolaridade fundamental (Inf. 3). (Cardoso et al., 2014b, p. 240)

Sobre o interior da Bahia e de Sergipe, as denominações para ‘prostituta’ foram alvo dos questionários do *Atlas prévio dos falares baianos* – APFB e do *Atlas linguístico de Sergipe* – ALS (Ferreira et al., 1987), respectivamente. No APFB, registram-se 33 variantes na Bahia referentes à designação de ‘prostituta’, documentadas nas cartas 106, 107 e 109, não havendo variação diatópica, mas sendo constatada interpretação semântica distinta como resposta à mesma pergunta: “como se chama a mulher que anda com qualquer homem, é só pagar?”.

As duas formas mais frequentes na norma culta, prostituta e meretriz, são anotadas sob as mais diversas lexias, por exemplo: protistuta, protestuda, prustetuda, putastuta, etc. A instabilidade fônica leva a pensar que não é essa a expressão mais usada ativamente pelos informantes. Meretriz ocorre como militris, miritriz, melitris, etc., com marcada preferência pela militris. Além dessas expressões registram-se várias metáforas, entre elas três serão destacadas: mulher solteira, mulher dama, mulher banguina. As duas primeiras são de caráter eufêmico e a terceira, ao contrário, é de caráter depreciativo. (Ferreira; Cardoso, 1994, p. 76)

A interpretação para *mulher solteira*, conforme nota interpretativa da carta 111 do ALS, que é o quarto atlas linguístico brasileiro publicado, explica que o termo *moça* faz referência à virgindade, independentemente da idade da mulher. Nesse caso então, *solteira*, que para o Código Civil Brasileiro opõe-se a *casada*, como estado civil pura e simplesmente, acumula na área os semas: 1. Não virgem + 2. Não casada + 3. Entrega-se por dinheiro” (Ferreira; Cardoso, 1994, p. 76). Dessa forma, há uma negação da condição de “ser moça” relacionando a ‘prostituta’ à mulher que não é virgem, mas também não é casada.

Em relação à expressão *mulher dama*, o *Dicionário prático de língua portuguesa* apresenta dentre as definições para a palavra ‘dama’: “mulher nobre, senhora” (Rios, 1998, p. 179), no entanto se percebe que na área rural o termo assume um sentido completamente oposto, depreciativo. Por isso, quanto ao esvaziamento e conseqüente alteração do significado da palavra, Ferreira e Cardoso (1994, p. 77) explicam que “dama, não é, nos dialetos rurais, uma forma polissêmica; apenas um conteúdo subsiste, o de ‘prostituta’. O comportamento de urbanidade atribuído a uma dama da cidade não funciona dentro de uma sociedade rural”. Mudanças na carga semântica da palavra, como neste caso, ocorrem continuamente e justificam-se pelo caráter mutável da língua. Essas alterações estão intimamente relacionadas às situações em que estão envolvidos os falantes, como pondera Andrade (2019):

As palavras na dinâmica da língua surgem, assumem outros significados a partir de um determinado contexto, podem desaparecer ou passar por uma mutação semântica. Destacamos, como exemplo, a palavra *puta*, do latim *putus*, *a*, *um*, que significava menino, adolescente. No século XII, já apresentava o sentido de prostituta. Atualmente, o termo *puta* está passando por uma extensão semântica, assumindo outros sentidos, como na expressão superlativa *fui a uma puta festa*, *fiquei puto da vida*, e na frase feita *puta que pariu* assume um valor interjetivo. A carga semântica da palavra *puta* já não está presente em certas situações e contextos. (Andrade, 2019, p. 4815)

Já em *mulher banguina*, a lexia *banguina* também possui conotação pejorativa. É um eufemismo popular para designar ‘égua’. “A adoção de nomes de animais para, pejorativamente, referir-se à mulher prostituta é bastante frequente. Por exemplo, o próprio nome égua e também vaca, cadela etc.” (Ferreira; Cardoso, 1994, p. 77). Posteriormente, veremos empregos semelhantes no *corpus* em estudo.

Registram-se 14 variantes em Sergipe referentes à designação de ‘prostituta’, além das já mencionadas, que haviam sido documentadas no APFB, a nota da Carta 112 do ALS, traz o registro de outros nomes, como *mulher de rua* e *à toa* e esclarece que as respostas transcritas foram selecionadas de acordo com a representação majoritária, ou seja, o nível de ocorrência, sendo assim, “as cartografadas eram, na sua maioria, ou ocorrências únicas ou inespecíficas” (Ferreira et al., 1987, s/p).

Dessa forma, embora haja trabalhos que examinam o tema em várias localidades brasileiras, o interior da Região Nordeste ainda não tinha sido *locus* de estudo. Assim, esta pesquisa pode ser somada às demais investigações, para dar a conhecer um pouco mais da realidade linguística do país.

Por fim, é de suma importância compreender o desenvolvimento dos estudos dialetais no Brasil, uma vez que “o conhecimento sistemático da variação, a delimitação de áreas linguísticas específicas e a relação entre os diferenciados usos que se faz da língua constituem-se num benefício de cunho social” (Mota; Cardoso, 2000, p. 49). A comunicação é inerente ao homem, entender como ela se estabelece é entender como funciona a estrutura social.

3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Esta seção consiste em uma abordagem teórica, a fim de consolidar as análises feitas nesta pesquisa. Para isso, foi dividida em seis tópicos, que tecem considerações no que tange: à estreita relação existente entre língua, cultura e sociedade; aos fundamentos da Dialetologia e da Geolinguística pluridimensional; ao aparato da Sociolinguística Variacionista; a alguns conceitos e definições acerca do léxico; aos tabus linguísticos; e, por fim, ao histórico da prostituição no Brasil e na Região Nordeste.

LÍNGUA, CULTURA E SOCIEDADE

Primeiramente, devemos conceber que a língua não pode ser vista meramente como um veículo utilizado para transmitir informações, pois, antes de tudo, ela é um meio pelo qual as pessoas estabelecem e mantêm relacionamentos, é o que afirma Monteiro (2000). Para Calvet (2002, p. 65), “com efeito, existe todo um conjunto de *atitudes*, de sentimentos dos falantes para com suas línguas para com as variedades de línguas e para com aqueles que as utilizam, que torna superficial a análise da língua como simples instrumento”. Enquanto que Coelho e Mesquita (2013) defendem que a língua possibilita ao sujeito se constituir como ser social, político e ideológico, pois, através dela, o indivíduo tem o poder, por meio do estabelecimento de suas relações com os demais, tanto de exercer influências, como de ser influenciado, além de desempenhar seu papel na sociedade, participando na construção de conhecimentos e da cultura.

Entender a importância estabelecida no meio social pela linguagem é corroborar com o pensamento de Espíndola (2021, p. 25) ao afirmar que, “como parte essencial da sociedade, o homem não teria como sobreviver e prosperar sem um sistema articulado de linguagem que lhe permitisse comunicar e elaborar o pensamento”. Então, resumidamente, a finalidade básica da língua é a de servir como meio de comunicação “e, por isso mesmo, ela costuma ser interpretada como produto e expressão da cultura de que faz parte” (Monteiro, 2000, p. 13), uma vez que o seu desenvolvimento é proveniente do contato com os costumes, ideologias e identidades de cada comunidade. Consoante Linton (1966, p. 99), é suficiente definir cultura “como a maneira de viver de uma sociedade. Esta maneira de viver compreende inúmeros pormenores referentes ao comportamento, mas entre eles há sempre fatores em comum”. De forma mais específica,

“de acordo com Eagleton (2005), a cultura pode ser entendida como o conjunto de valores, crenças, costumes e práticas que caracterizam o modo de vida de determinado grupo social” (Coelho; Mesquita, 2013, p. 27).

Tendo em vista esses conceitos, pode-se afirmar que língua, cultura e sociedade são indissociáveis. O homem executa ações individuais, mas que são articuladas pela sociedade, através das instituições sociais nos mais diversos setores (político, religioso, familiar, educacional, ideológico, econômico). Da mesma forma ocorre com a língua que ele utiliza, instrumento de interação linguística e social que utiliza com seus semelhantes. Ela é mediada a partir do *modus vivendi* de um povo e media a relação do homem com a sociedade.

O modo de vida de uma comunidade decide como a língua será utilizada, delineando um modelo base a ser seguido, as preferências de uso, assim como a exclusão dos usos linguísticos considerados impróprios. Essas seleções estão intrinsecamente relacionadas à visão de mundo e às crenças da sociedade, a partir de uma escala de valores estabelecida pela estrutura social hierárquica. Dentro desse viés, é a cultura que conduz o sujeito “a adotar padrões de comportamento aceitos por seu grupo social” (Coelho; Mesquita, 2013, p. 28).

Assim, a língua é influenciada pela cultura, mas também exerce influência sobre ela, ao passo que é por meio da língua que a cultura é construída, ao ser transmitida e difundida ao longo da história, conseqüentemente moldando a sociedade, que passa por mudanças em todos os níveis, em todo tempo. E quando a sociedade passa por mudanças, a língua, que é viva, acompanha, e muda também para atender às mais diversas demandas de comunicação entre os indivíduos. Ou seja, é um ciclo interativo de ligação, em que um exerce poder e intervenção sobre o outro, mutuamente.

Essa relação, porém, é muito mais profunda do que se imagina. A própria língua como sistema acompanha de perto a evolução da sociedade e reflete de certo modo os padrões de comportamento, que variam em função do tempo e do espaço. Assim se explicam os fenômenos de diversidade e até mesmo de mudança linguística, conforme Labov tem insistido. E, inversamente, pode-se supor que certas atitudes sociais ou manifestações do pensamento sejam influenciadas pelas características que a língua da comunidade apresenta. É o caso então de examinarmos, com mais vagar, até que ponto a sociedade é condicionada pela língua e, vice-versa, em que medida a língua é condicionada pela sociedade. (Monteiro, 2000, p. 17)

Feita essas considerações, segundo Bourdieu (1990, p. 15 apud Calvet, 2002, p. 106), “os linguistas não têm escolha senão buscar desesperadamente na língua o que está escrito nas

relações sociais onde ela funciona, ou de fazer sociologia sem o saber”. Labov (2008 [1972], p. 140) também afirma que “como forma de comportamento social, a língua naturalmente é de interesse para o sociólogo”. E Espíndola (2021, p. 26) acrescenta que “é também através do léxico que se reflete boa parte da cultura de uma sociedade”. Isto é, a língua desempenha, entre as suas funções, o papel de transmitir informações sobre o seu usuário, como bem descrevem Coelho e Mesquita (2013), a língua:

[...] se configura como produto cultural e histórico, e é utilizada para representar, de forma oral ou escrita, nossos pensamentos, sentimentos, sensações, emoções, percepções. Ela é, portanto, fundamental para compreendermos a identidade de um povo num determinado contexto social. (Coelho; Mesquita, 2013, p. 31)

Por conseguinte, a língua sistematiza a cultura e a sociedade. Não há língua sem cultura, nem cultura sem língua. Assim dizendo, língua, cultura e sociedade constituem uma relação de interdependência, em um constante processo de interação.

A DIALETOLOGIA E A GEOLINGUÍSTICA PLURIDIMENSIONAL

Nesta seção são apresentados os períodos marcantes do percurso histórico da Dialectologia brasileira, perpassando pelos atlas regionais até a elaboração do atlas nacional, e a importância dessas realizações. Espíndola (2021, p. 31) explica que “com o desenvolvimento dos estudos linguísticos na Europa, outros continentes foram influenciados a desenvolver também estudos mais específicos sobre os usos da língua”. Dessa forma, segundo Prudencio (2021, p. 160) “no decorrer de sua história, os estudos dialetológicos foram realizados, com a utilização de metodologias diferenciadas, e geraram produtos que condiziam com as condições socioeconômicas da época”.

A Dialectologia é a ciência que, usando o método da Geolinguística, estuda as línguas no seu contexto geográfico, tendo como objeto de estudo, assim como a Sociolinguística, a língua falada. No entanto, de forma mais específica, preocupa-se com a distribuição e a intercomparação dos dialetos regionais. Para Dantas e Carlos (2020, p. 390), a Dialectologia configurou-se como o ramo da Linguística que busca identificar diferenças dialetais de falantes da mesma língua, com base na concepção de que os falantes pertencentes a uma mesma região

“não falam da mesma maneira tendo em vista os diferentes estratos sociais e as circunstâncias diversas da comunicação” (Ferreira; Cardoso, 1994, p. 12).

A Dialetoлогия e a Geolinguística, conhecida também como Geografia Linguística, são áreas de estudos afins. A primeira utiliza o procedimento desenvolvido pela segunda, que “dispõe de técnicas para coleta de dados *in loco* e representação cartográfica dos dados que se têm revelado adequadas para o estudo dialetológico” (Mota, 2021, p. 246).

No avanço da Geografia Linguística, destaca-se o *Atlas linguistique de la France* – ALF (Gilliéron; Edmont, 1902-1910), que mapeou o vocabulário utilizado pelos camponeses em áreas geográficas da França. Este trabalho proporcionou grandes contribuições através da elaboração dos seus mapas. No Brasil, os estudos dialetais avançaram de forma gradativa, à medida que as comparações entre o português falado no país e o português europeu cada vez mais evidenciavam as diferenças inegáveis, haja vista que o contato entre línguas no país foi um fator marcante para tal diversidade.

Para Mota e Cardoso (2000), considerações referentes as variações do léxico do português brasileiro feitas no ALF por Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, teriam sido o ápice para o início dos estudos dialetológicos no Brasil, na primeira metade do século XIX. As considerações feitas pelo Visconde estão em “uma lista de palavras que apresenta um rol de oito nomes que mudam de significação e outro de cinquenta nomes usados exclusivamente no Brasil” (Cardoso, 1999, p. 234).

No entanto, Cardoso (1999) registra que muito antes de iniciar qualquer estudo, no século XVIII, a diversidade de usos entre o português brasileiro e o português europeu já era notada, como provam “as referências de D Jerônimo Contador de Argote a dialetos ultramarinos dentre os quais citava o do Brasil, caracterizando o seu léxico como possuidor de ‘*muytos termos das linguas barbaras, e muytos vocabulos do Portuguez antigo*’ (1725:300)” (Cardoso, 1999, p. 233).

Posteriormente, o enfoque nas variadas formas de falar tornou-se objeto de estudo de muitos pesquisadores da língua, tendo como ponto de partida a variação geográfica dentro do mesmo território.

Surgem, assim, monografias, que se constituem em marcos exemplares dos estudos nessa nova diretriz porque oferecem uma outra dimensão aos estudos dialetais, ilustradas, consensualmente, pela sempre repetida trilogia dos trabalhos de áreas: *O dialeto caipira* de Amadeu Amaral (1920), *O linguajar*

carioca em 1922 de Antenor Nascentes (1922) e *A língua do Nordeste* de Mário Marroquim (1934). (Mota; Cardoso, 2000, p. 42)

Essas publicações foram cruciais na classificação do percurso histórico dialetal em quatro fases, segundo Mota e Cardoso (2006). São elas:

- A primeira com foco no léxico, de 1826 a 1920, com obras de caráter lexicográfico: publicação de dicionários, vocabulários e léxicos regionais; um exemplo pode ser constatado com o *Dicionário da língua brasileira* (1832), de Luís Maria Silva Pinto.
- A segunda fase tem início com a publicação de *O dialeto caipira*, de Amadeu Amaral, e se estende até 1952, quando a geolinguística começa a se desenvolver no Brasil. Assim, passa-se a observar em uma área determinada outros fenômenos na língua além das diferenças lexicais. Então, Amaral (1920) identificou uma área de São Paulo como correspondente à do falar caipira. Essa fase possui vertentes diversificadas, a seguir exemplificadas: léxicos e glossários regionais (*Vocabulário gaúcho* – 1926); obras de caráter geral (*O português do Brasil* – 1937); fenômenos específicos de uma dada região (*O falar mineiro* – 1938); e estudos específicos sobre a contribuição africana (*O elemento afro-negro na língua portuguesa* – 1933).
- A terceira fase é marcada pelo Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, do governo brasileiro, que oficializa a ideia de elaboração de um Atlas Linguístico que compilasse a diversidade linguística dentro da enorme extensão geográfica em que o português é falado no Brasil. A partir daí cresce o número de teses de doutorado e dissertações de mestrado que se debruçam sobre aspectos dialetais nos seus mais diferenciados enfoques.
- A quarta fase tem início em 1996, com a retomada da ideia de um atlas nacional pela equipe do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) e chega até os dias atuais.

Conforme Teles (2018), as produções que marcaram a 4ª fase dos estudos dialetais no Brasil iniciam com a instalação do Comitê Nacional do Projeto ALiB, em 1996, e continuaram até 2014, com uma série de trabalhos publicados tanto em forma de atlas como de caráter monográfico. A principal característica apontada desse período é a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade por meio da utilização do *corpus* do Projeto ALiB. Para essa autora, a

publicação dos dois primeiros volumes do ALiB inaugura a 5ª fase dos estudos dialetológicos no Brasil, fato considerado um marco da Geolinguística brasileira. Para Teles (2018, p. 79-80) esta afirmação é comprovada “tanto pelo fato de inúmeros trabalhos terem sido desenvolvidos, desde então, a partir do seu conteúdo, quanto pela extensão alcançada[...]”. Ela destaca que os volumes publicados tiveram coberturas de telejornais locais e nacionais, abordagem em várias áreas de estudos linguísticos que o ALiB contempla, além do significativo quantitativo de produções científicas constatado através dos relatórios anuais do Projeto, alimentado por todas as equipes regionais participantes.

Os atlas sempre se constituíram na aspiração principal dos dialetólogos, como defendem Ferreira e Cardoso (1994). A justificativa para isso é o fato de eles serem documentos irrefutáveis de uma realidade da língua diversificada nos seus vários níveis; sendo assim, propiciam um conhecimento mais amplo da diversidade linguística. “Em meados do século XX, a ideia do global, com os estudos de geografia linguística que se concretizam com os atlas regionais e, mais recentemente, com o atlas linguístico do Brasil no que se refere à língua portuguesa” (Mota; Cardoso, 2000, p. 42), viabilizou notoriedade da Dialetologia brasileira.

Os pesquisadores Serafim da Silva Neto e Celso Cunha são mencionados na história como os responsáveis pela defesa da necessidade de elaboração de atlas linguísticos regionais. Então, em 1960 é iniciada a elaboração do primeiro atlas brasileiro, que, devido à perspectiva metodológica seguida na época pela geolinguística, é um atlas monodimensional, responsável por delimitar o seu *corpus* de análise aos falares baianos. Mota (2021) explica que:

Com relação aos caminhos, no Brasil, das duas áreas, ressalto que o estudo da variação linguística referente ao português iniciou-se, de modo sistemático, em 1957, na UFBA, sob a coordenação de Nelson Rossi, com a realização dos primeiros inquéritos para sondagem, que se estenderam até 1959. Análises desses dados, apresentadas a Congressos como o Primeiro Congresso Brasileiro de Dialectologia e Etnografia, em Porto Alegre, em 1958, e o IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, em 1959, em Salvador, contribuíram para a continuidade das pesquisas dialetais, levando a equipe baiana à elaboração e publicação do primeiro atlas linguístico brasileiro, o Atlas Prévio dos Falares Baianos – APFB (Rossi, 1963). (Mota, 2021, p. 247-248)

A publicação do APFB em 1963 propiciou a elaboração de novos atlas de outras regiões do Brasil. Ele foi idealizado pelo pesquisador Nelson Rossi, pioneiro no campo da Dialetologia e na execução de trabalhos geolinguísticos, que conseguiu formar um grupo de jovens

pesquisadores estudantes e recém-formados para realizar sondagens preliminares no campo da Dialetoologia. E as suas principais colaboradoras nessa empreitada foram Carlota Ferreira e Dinah Maria Isensee. “O objeto desse atlas é o mapeamento da área baiana dos falares baianos, que compreende, segundo a classificação de Antenor Nascentes, os Estados da Bahia, Sergipe, norte de Minas, leste de Goiás e do atual Tocantins” (<https://alib.ufba.br/atlas-previo-dos-falares-baianos-apfb>).

Ferreira e Cardoso (1994, p. 18) afirmam que o “*Atlas prévio dos falares baianos*” é um exemplo de que a Dialetoologia já interpretava os fatos linguísticos segundo diferenças sociais, profissionais, de nível de escolaridade, etárias, de sexo, dentre outras, muito antes de a Sociolinguística ter sido fixada como um novo ramo da ciência da linguagem. O APFB contou com nove inquiridores que passaram por uma fase de treinamento e usaram um questionário experimental contendo 3.000 questões, que originou, após a análise dos resultados, um Extrato de Questionário com 182 perguntas divididas pelas áreas semânticas Terra, Vegetais, Homem, Animais.

Sem o auxílio de aparelhos eletrônicos, que não eram comuns no início da década de 1960 como são nos dias atuais, a transcrição das falas dos entrevistados foi feita no momento do inquérito. “Sobre a maneira de formular as perguntas, as recomendações foram as de praxe: interrogação indireta, transcrição imediata e sem retoque posterior da resposta, dosagem cautelosa da insistência para não provocar cansaço” (Cardoso, 1994, p. 11). Quanto ao critério de seleção, as comunidades foram escolhidas pela antiguidade e pelo nível de isolamento. Assim, houve “um total de 100 informantes, 57 mulheres e 43 homens, com idade variando entre 25 e 60 anos. Com relação à escolaridade, todos eram analfabetos ou semi-analfabetos” (<https://alib.ufba.br/atlas-previo-dos-falares-baianos-apfb>).

Mota (2012) explica, citando Nelson Rossi, que o adjetivo prévio colocado no título do primeiro atlas brasileiro explicita a preocupação com os resultados. No entanto a produção do atlas logrou dimensões maiores e o APFB constituiu-se como legado de motivação para a criação de novos atlas linguísticos regionais no território brasileiro.

No Brasil, tivemos uma expansão nas últimas décadas do número de atlas regionais. Os mapas dialetais são bastante utilizados porque possibilitam a visualização de tendências conservadoras ou inovadoras, formas arcaicas ou novas no espaço mono ou pluridimensional no que diz respeito às variantes fonéticas e morfossintáticas, variantes semântico-lexicais, fraseologias, atitudes linguísticas, crenças, preconceitos, comportamentos, usos

linguísticos, percepções e competências, e dados sociológicos. (Azevedo, 2013, p. 90-91 apud Batista, 2015, p. 10)

A motivação gerada pelo APFB pode ser comprovada no *site* do ALiB, que registra uma lista de atlas regionais publicados, sendo que alguns deles primeiramente foram apresentados como pesquisas desenvolvidas em teses de doutorado. Seguem alguns dos atlas listados no *site*, com os respectivos anos de publicação:

- APFB – Atlas Prévio dos Falares Baianos (1963)
- ALS – Atlas Lingüístico de Sergipe (1987)
- EALMG – Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais (1977)
- ALPB – Atlas Lingüístico da Paraíba (1984)
- ALPR – Atlas Lingüístico do Paraná (1994)
- ALERS – Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul (2002)
- ALISPA – Atlas Lingüístico Sonoro do Pará (2004)
- ALS II – Atlas Lingüístico de Sergipe II (2005)
- ALMS – Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul (2007)
- ALECE – Atlas Linguístico do Estado do Ceará (2010)
- ALiPE – Atlas Linguístico de Pernambuco (2013)

Antes do início da elaboração do primeiro atlas, o APFB, segundo Cardoso e Mota (2012, p. 856), “os pesquisadores brasileiros começam a ressaltar a importância e a necessidade de realizar-se um atlas linguístico nacional, obra que colocaria o país junto a alguns países europeus, que já contavam com trabalhos dessa natureza”. Isso se comprova, tendo em vista que a ideia da elaboração do Atlas linguístico do Brasil surgiu em 1952, mediante determinação regulamentada pela Portaria n. 536, de 26 de maio de 1952, do governo brasileiro, requerida por nomes marcantes na história da Dialektologia no país: Serafim da Silva Neto, Celso Cunha, Antenor Nascentes e Nelson Rossi.

Todavia, em um período de maior concentração demográfica fora dos centros urbanos e em que os meios de comunicação não eram tão acessíveis, dificuldades em diferentes níveis levaram a postergar a iniciação do projeto, que só veio a ser implantado oficialmente em 1996, a partir do *Seminário Nacional Caminhos e Perspectivas para a Geolingüística no Brasil*,

realizado na UFBA. E a conclusão da pesquisa de campo viria a ocorrer em 18 de setembro de 2013, quando foi finalizada a constituição do *corpus*.

O Comitê Nacional realizou a sua primeira reunião em Maceió, nos dias 11 e 12 de março/97 e uma segunda reunião em julho/97, em Belo Horizonte, nos dias 13 e 14, quando foram definidas questões metodológicas e concluído o projeto amplo a ser encaminhado a organismos financiadores da pesquisa em nosso país. (Cardoso, 1999, p. 251)

O Projeto ALiB foi uma iniciativa da Universidade Federal da Bahia (UFBA), contando atualmente com o envolvimento de 14 universidades¹, e consolidou os estudos dialetais no Brasil. Cardoso e Mota (2012, p. 856) ressaltam a primeira localidade em que a entrevista foi feita: “em Quirinópolis, Goiás, por Vanderci de Andrade Aguilera, Diretora Científica do Projeto”, no mês de junho de 2001. Mota e Cardoso (2000) alegam que a primeira razão para elaboração do ALiB se deu pelo fato de que não havia dados coletados no país que apresentassem amplamente e de forma geral as características do nosso português. Então, isso precisava ser feito antes que se perdessem registros significativos com as mudanças sociais que estavam acontecendo.

A mudança da configuração demográfica do país com o aumento de concentração da população nos grandes centros urbanos, com o esvaziamento das áreas rurais e com a intensa migração interna tem trazido não só uma nova dimensão social, mas também política que, por certo, se fazem acompanhar de mudanças linguísticas cuja extensão ainda não podemos avaliar. Em decorrência, a língua sofre, também, mutações consideráveis e ágeis. Tudo isso se constitui razão maior para reafirmar a necessidade de descrever-se a realidade brasileira. (Mota; Cardoso, 2000, p. 45)

A língua é viva, sempre tem novos usos e novas possibilidades, então, quando a sociedade muda, ela sofre transformações também. Por isso, com a mudança demográfica no país, concomitantemente nas dimensões social, econômica e política, sem dúvida, ficaria mais difícil os inquiridores encontrarem informantes com o perfil que atendesse aos critérios

¹ O atual Comitê Nacional do ALiB, órgão que dirige e coordena todas as atividades do Projeto, é formado por professores de várias universidades, sendo composto por uma Diretora Presidente: Jacyra Andrade Mota-(UFBA), uma Diretora Executiva: Silvana Soares Costa Ribeiro- (UFBA), e por 13 Diretores Científicos: Abdelhak Razky (UFPA/UnB), Alcides Fernandes de Lima (UFPA), Aparecida Negri Isquerdo (UFMS), Conceição de Maria de Araújo Ramos (UFMA), Fabiane Cristina Altino (UEL), Felício Wessling Margotti (UFSC), José de Ribamar Mendes Bezerra (UFMA), Marcela Moura Torres Paim (UFRPE), Maria do Socorro Aragão (UFC), Marilúcia Barros de Oliveira (UFPA), Regiane Coelho Pereira Reis (UFMS), Valter Pereira Romano (UFSC) e Vanderci de Andrade Aguilera (UEL) (www.alib.ufba.br).

estabelecidos pelo ALiB para as entrevistas (os critérios utilizados pelo ALiB, assim como informações mais detalhadas sobre a composição do Atlas estão descritos na seção 4 – Metodologia).

Na metodologia utilizada pela Dialetologia, entende-se que para registrar a variação de uma língua a partir da coleta de dados empíricos, pode-se aplicar tipos distintos de questionários, de modo que Labov (2008 [1972], p. 63) constata que “o método básico para se obter uma grande quantidade de dados confiáveis da fala de uma pessoa é a entrevista individual gravada”, mas salienta que, para que os resultados sejam de fato fiéis aos usos e costumes da vida cotidiana, é preciso estudar a pessoa em seu contexto social natural, interagindo com a família ou seus pares.

Assim sendo, o método utilizado no processo da pesquisa da Dialetologia envolve quatro etapas de investigação: 1) Preparação da pesquisa; 2. Execução dos inquéritos; 3. Exegese e análise dos materiais recolhidos; e, por fim, 4. Divulgação dos resultados obtidos. E essas etapas envolvem os seguintes recursos interpretativos: a quem perguntar (os informantes), o que perguntar (o questionário), onde perguntar (as localidades) e quem perguntar (o inquiridor).

Quanto à Geolinguística, como já mencionado, é uma metodologia utilizada dentro da Dialetologia para estudos em pontos de áreas rurais ou interioranas, revelando as variações linguísticas por meio da representação cartográfica. Ela é conhecida também, tradicionalmente, como “geografia linguística” e “trabalha com a localização, a distribuição e a organização espacial, buscando descobrir padrões de distribuição dos fenômenos linguísticos no espaço e os processos que originam essa distribuição” (Teles; Ribeiro, 2014, p. 118).

Para o mapeamento dos diversos dialetos falados em cada região de um determinado território, Batista (2015, p. 10) afirma que o trabalho metodológico para a elaboração dos mapas geolinguísticos perpassa por três etapas: primeiramente o pesquisador faz a coleta de dados, em seguida a transcrição deles e, após o tratamento desses dados, chega à cartografia. Por possibilitar uma visibilidade mais detalhada dos traços específicos de uma língua, a representação cartográfica passou a ser utilizada na elaboração dos atlas regionais.

À vista disso, a Geolinguística se encarrega da delimitação e estruturação de áreas dialetais e do registro da difusão das inovações linguísticas pelo espaço. Segundo Thun (2017, p. 61), “desde o início existem os macromapas e macroatlases, isto é, mapas globais e continentais, mapas de regiões e de países específicos, que são modelos para os atlas nacionais

e supranacionais e para os atlas microlinguísticos”. No entanto, embora os mapas utilizados para a difusão das línguas sejam antigos, o primeiro mapa linguístico utilizado para representar a difusão de formas linguísticas específicas é datado do final do século XIX.

Dessa forma, os formatos adotados pela Geolinguística para dividir a sua área de estudo foram definidos pela geofísica e pela cartografia temática. Em seu desenvolvimento histórico, o desenvolvimento da Geolinguística transcorreu por quatro fases. É importante compreendê-las haja vista que o percurso desta ciência favoreceu as formas de análise da Sociolinguística. De forma sucinta, são feitas considerações sobre cada uma delas, com base em Thun (2017):

- Geolinguística Histórica – Foi a primeira fase e marcou a origem. Nesse período o recurso cartográfico ainda não era utilizado, os atlas consistiam em uma tabela de palavras somadas a um único mapa de populações e de língua. Esse é um período de transição em que os mapas de língua se desenvolveram, mas, com a crescente manifestação de interesse pelos estudos das línguas específicas, eles passaram a ganhar novas características, a partir da primeira ideia de criação de um mapa linguístico fonético. Quanto à obtenção de dados linguísticos, “é difícil identificar quem usou qual método primeiro. O certo é que, no primeiro período, o caminho ideal adotado nas fases seguintes – o registro oral feito com informantes sem conhecimentos científicos prévios – era a exceção” (Thun, 2017, p. 61).
- Geolinguística Monodimensional – Foi a segunda fase, pois passou a se ocupar de mapear as formas linguísticas segundo a divisão apenas diatópica, que são variações que ocorrem pelas diferenças regionais. Essa segunda fase é marcada pela acessibilidade à fotografia, com a criação do rolo de câmera Kodak, um auxílio significativo para a ciência no que tange à facilidade de reprodução de imagens. Nesse momento, a geografia linguística encontrou seu ápice nos procedimentos utilizados por Jules Gilliéron para a criação do *Atlas Linguistique de la France* – ALF, trabalho editado entre os anos de 1902 e 1910. Conforme García Mouton (2010 [1996] apud Dantas; Carlos, 2020), o ALF foi o primeiro estudo geolinguístico que cartografou os fenômenos morfológicos e lexicais, além dos fonéticos. “Os procedimentos de Gilliéron, ao menos sua pretensão ao rigor metodológico, vão muito além da primeira fase da Geolinguística, chegando até o momento presente” (Thun, 2017, p. 69). Jules Gilliéron fala em foto instantânea e

diz metaforicamente que um atlas linguístico deve ser uma foto instantânea de um momento da história de uma língua, sem pose (Thun, 2022, p. 13).

- Geolinguística Pluridimensional – É considerada a terceira fase, idealizada antes mesmo de Gilliéron iniciar os levantamentos para o ALF. Alertas da possibilidade de duas variedades de dialetos em um mesmo ponto promoveram investigações da variação linguística não apenas em uma única dimensão, a diatópica (lugar geográfico), mas passou a ser apresentada em diferentes classificações: diageracional (entre falantes mais novos e mais velhos), diagenérica (entre homens e mulheres), diastrática (falantes com graus de escolaridade diferentes), entre outras variáveis extralinguísticas. Thun (2017, p. 73) afirma que “desconsiderando a própria tradição, foi necessário o impulso da Sociolinguística para que a Geolinguística monodimensional se tornasse pluridimensional”. E, voltando ao que fora expresso anteriormente, quanto ao percurso da Geolinguística ter favorecido as formas de análise da Sociolinguística, Thun (2017) prossegue declarando que a Sociolinguística de Labov foi ampliada através da Geolinguística Pluridimensional, uma vez que a Geolinguística oferece à Sociolinguística hipóteses que precisam ser comprovadas através de investigações aprofundadas, como, por exemplo, a análise dos comportamentos linguísticos através das comparações de cartas linguísticas (mapas linguísticos). “Leva-se em conta a suposição de que todo fenômeno linguístico, em cada grupo de falantes e em cada estilo, pode ter uma difusão própria no espaço” (Thun, 2017, p. 75). Assim sendo, os usuários da língua são divididos em grupos por Labov, conforme características sociais e preferências linguísticas. Mas a isso devem ser acrescidos os fatores geográficos.
- Geolinguística das Redes de Comunicação – É a quarta fase do desenvolvimento da Geolinguística. Refere-se à quantificação do relacionamento entre os grupos de comunicação. Ela compara dados linguísticos com não linguísticos, partindo do pressuposto “de que o movimento de pessoas no espaço geofísico, de suas redes de comunicações habituais em direção a outros grupos, leva a relações comunicativas que originam novas redes de comunicação” (Thun, 2017, p. 76). Essa possível rede de comunicação deve ser confirmada por amostras de controle através dos atlas demográficos, que permitem a comparação de dados linguísticos com indicações de mobilidade horizontal dos falantes.

É importante destacar que os mapas de fenômenos linguísticos precisam ter um mapa geofísico como base, para que haja a descrição dos “limites políticos, acidentes geográficos, indicações de topônimos, coordenadas x e y, escala de tamanho, orientações norte/sul, *zoom* de áreas do mapa, localização e identificação dos pontos de inquérito (Batista, 2015, p. 19).

Dessa forma, compreende-se que “os princípios metodológicos da Geografia Linguística foram se aprimorando e tornando-a o método de pesquisa e de coleta de dados específica da Dialetologia” (Dantas; Carlos, 2020, p. 390). Por conseguinte, a metodologia dos estudos dialetológicos também passou por mudanças ao longo da história:

A Dialetologia pluridimensional distingue-se da Dialetologia monodimensional, hoje referida como tradicional, também pela extensão das pesquisas a todas as áreas, sem o interesse apenas por áreas rurais, isoladas, que norteou o aparecimento da Dialetologia, no século XIX, o que explica a denominação de Dialetologia urbana; e pelo tipo de falante entrevistado, com o abandono daquele até então identificado pelo acrônimo NORMs (= nonmobile, older, rural, males) – ou HARAS (= homem, adulto, rurícola, analfabeto, sedentário), na proposta de Zágari (2005, p. 52). (Mota, 2021, p. 246)

Assim, a Dialetologia pluridimensional e relacional, contrariamente à monodimensional, que só tem um informante, passa a ter um conjunto de informantes divididos por idade e categoria sociocultural, tendo, de acordo com Thun (2022), como aspecto importante o contraste entre as gerações, além da presença de um homem e uma mulher em cada grupo. Nesse prisma, segundo ele, a teoria laboviana entra na Dialetologia pluridimensional, tornando visível a variação através do tempo, num momento concreto da pesquisa, ao entrevistar pelo menos duas gerações.

As mudanças sociais foram um fator marcante no estímulo ao desenvolvimento das ciências em questão, haja vista que, se as transformações da sociedade interferem na língua, as metodologias utilizadas nos estudos precisam se adaptar a elas também. No caso do Brasil,

Tampouco pode-se desconsiderar a grande migração da população rural para os centros urbanos. Finalmente, não podemos deixar de mencionar a facilidade, nos dias de hoje, de locomoção de uma cidade a outra, além da evolução dos meios de comunicação. Assim, podemos afirmar que a Dialetologia tradicional sofreu transformações para adequar-se às exigências das mudanças sociais ocorridas na virada do milênio. (Dantas; Carlos, 2020, p. 402)

Ou seja, foram sendo acrescentadas aos poucos, à Dialetoologia tradicional, as variantes sociais que estão relacionadas à realidade social da língua. Já em relação à evolução da cartografia, Thun (2022) reitera que, apesar do desejo do pesquisador de incluir a maior quantidade de informações no mapa, os cartógrafos sinalizam que isso não é bom, visto que o maior intuito dos mapas é ser legível. Então, a tradição cartográfica visa a produzir mapas simples e claros.

Quanto à escolha da área geográfica da pesquisa, “a seleção das localidades deve estar embasada na relação entre a extensão territorial e a população da área do estudo. Ainda devem-se considerar aspectos históricos (povoamento, migrações), econômicos e sociais de cada localidade” (Dantas; Carlos, 2020, p. 392). Considerando que a diatopia e a cartografia das denominações para ‘prostituta’ estão no cerne desta pesquisa, a Dialetoologia e a Geolinguística se apresentam como fundamentais como aporte teórico-metodológico deste trabalho.

E tendo em vista que, a Sociolinguística, que em muito contribuiu para a Geolinguística pluridimensional, a divisão dos indivíduos em grupos torna possível analisar as preferências e comportamentos linguísticos e possibilita observar se as variações encontradas estão relacionadas ao sexo e à faixa etária dos informantes. Como no caso do ALiB, nas localidades do interior todos os informantes, quatro em cada ponto da rede, têm o mesmo grau de escolaridade, nível fundamental incompleto, não será possível verificar se há variação diastrática.

A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A Linguística tem como objeto de estudo a descrição das línguas. E a Sociolinguística é um ramo da Linguística que estuda a relação entre a língua e os fatores sociais. Embora formalmente seu surgimento seja datado na metade do século XX, Cabral (2014, p. 86) reitera que o despertar para os primeiros estudos sobre a linguagem humana começou muito antes, remetendo-nos a Faraco (2011):

A linguística se constituiu como ciência, no sentido que a modernidade deu ao termo, a partir dos últimos anos do século XVIII, quando William Jones, o juiz inglês que exercia seu ofício na burocracia colonial em Calcutá, entrou em contato com o sânscrito. Impressionado com as semelhanças entre essa língua, o grego e o latim, levantou a hipótese de que semelhanças de tal

magnitude não poderiam ser atribuídas ao acaso; era forçoso reconhecer que essas três línguas tinham uma origem comum. (Faraco, 2011, p. 29)

A partir de análises como essas, investigações e comparações entre diversas línguas levavam a uma “língua-mãe” e ao entendimento de que a língua sofria mudanças com o passar do tempo. Assim, o desenvolvimento da Linguística enquanto ciência autônoma, como atualmente ainda é amplamente estudado e debatido, foi viabilizado através da obra póstuma publicada em 1916 do linguista e filósofo suíço Ferdinand de Saussure, que é considerado o pai da Linguística Moderna. No entanto, a preocupação com os aspectos de natureza social, que defende o caráter heterogêneo e diversificado da língua, ou seja, o reconhecimento da multiplicidade de formas de falar, parte da Sociolinguística, que tem seu grande suporte empírico no desenvolvimento dos trabalhos do linguista estadunidense William Labov, que, através de pesquisas de campo, com evidências reais de uso da língua, proporcionou visibilidade à estreita relação da variação linguística com a heterogeneidade social, cunhando a Sociolinguística Variacionista, que ficou também conhecida por Teoria da Variação.

Dessa forma, a teoria laboviana embasa esta pesquisa, haja vista que uma das etapas no tratamento e análise dos dados coletados corresponde ao controle e à análise das variáveis sexo e faixa etária dos informantes do ALiB – Nordeste, objetivando verificar as correlações com os usos das lexias, visto que esta ciência “concebe a língua como um sistema heterogêneo e sujeito à variação propiciada pelo uso social e compartilhado da língua em eventos concretos de interação comunicativa” (Moreira, 2015, p. 156).

A princípio, vale salientar como ocorre o processo de variação linguística. Sucintamente, Labov apresentou de que modo se produzem a variação e a mudança:

Pode-se considerar que o processo de variação linguística se desenrola em três etapas. Na origem, a mudança se reduz a uma variação entre milhares de outras, no discurso de algumas pessoas. Depois ela se *propaga* e passa a ser adotada por tantos falantes que doravante se opõe frontalmente à antiga forma. Por fim, *se realiza* e alcança a regularidade pela eliminação das formas rivais. (Labov, 1976, p. 190 apud Calvet, 2002, p. 87)

[...] não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre. Ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto do passado, mas como uma força social imanente agindo no presente vivo. (Labov, 2008 [1972], p. 21)

Portanto, por sistema heterogêneo, entende-se a natureza do caráter mutável da língua, ou seja, é um objeto sujeito às transformações sociais e aos indivíduos que fazem o seu uso, considerando os contextos das comunidades de fala e o funcionamento da organização hierárquica de uma sociedade, organização essa conhecida pela distinção dos estratos sociais. Labov (2008 [1972], p. 140) atesta que “a forma do comportamento linguístico muda rapidamente à medida que muda a posição social do falante. Essa maleabilidade da língua sustenta sua grande utilidade como indicador de mudança social”. Ferguson (1959 apud Calvet, 2002, p. 116), ao fazer uma abordagem sobre a diglossia, explica que “em muitas comunidades linguísticas, duas ou mais variedades da mesma língua são utilizadas por determinados falantes em condições diferentes”.

Quanto aos estratos sociais, esses influenciam as formas diferentes de falar, pois a variação envolve dimensões econômicas de riqueza, desigualdade educacional, social, política e antropológica: condições que favorecem, devido às relações hierárquicas de poder que há na sociedade, oriundas de raízes históricas, o prestígio de um determinado padrão de uso da língua ou não. Isso explica o fato de um país com significativa dimensão geográfica, como o Brasil, país multilíngue, mas de forte sentimento monolíngue, marginalizar determinadas formas de falar, em detrimento do uso da linguagem padrão, que é chamada de “a forma correta” de falar, de acordo com o que está normatizado nas gramáticas, ou com o que pelo menos se aproxima do que lá está expresso.

Dessa forma, vale reiterar como a Sociolinguística tem um papel fundamental na desmistificação de justificativas ainda utilizadas para desvalorizar/menosprezar determinados falares, atestando cientificamente que a tentativa de apagar uma variação da língua é, consequentemente, eliminar também a história do falante e de sua comunidade de fala, já que “não constitui nada de novo dizer que a língua e a sociedade são duas realidades que se inter-relacionam de tal modo, que é impossível conceber-se a existência de uma sem a outra” (Monteiro, 2000, p. 13).

Em se tratando do uso ideal da língua, ao comparar o sistema linguístico com um sistema de mercadorias, isso é, a interação entre língua e sociedade como uma espécie de mercado linguístico, Bourdieu (1998) explica como a língua oficial é institucionalizada pela classe dominante, que, revestida de poder, manobra a classe menos favorecida. O autor defende que o padrão linguístico regido pela língua oficial é determinado de forma imperativa, ou seja, é

“produto de dominação política incessantemente reproduzida por instituições capazes de impor o reconhecimento universal da língua dominante” (Bourdieu, 1998, p. 32).

A língua oficial está enredada com o Estado, tanto em sua gênese como em seus usos sociais. É no processo de constituição do Estado que se criam as condições da constituição de um mercado linguístico unificado e dominado pela língua oficial: obrigatória em ocasiões e espaços oficiais (escolas, entidades públicas, instituições políticas, etc.), esta língua de Estado torna-se a norma teórica pela qual todas as práticas linguísticas são objetivamente medidas. Ninguém pode ignorar a lei linguística que dispõe de seu corpo de juristas (os gramáticos) e de seus agentes de imposição e de controle (os professores), investidos do poder de submeter *universalmente* ao exame e à sanção jurídica do título escolar o desempenho linguístico dos sujeitos falantes. (Bourdieu, 1998, p. 32)

Sendo assim, a idealização das regras e padrões do uso da língua são instituídos politicamente pela classe dominante através de agentes de imposição e de controle caracterizados por alguns setores da sociedade, como a escola. No entanto, apesar da atuação desses setores que agem como uma espécie de reguladores da linguagem, a Sociolinguística Variacionista reconhece que a língua não é mera estrutura desprovida de qualquer contexto social; pelo contrário, há diversidade linguística porque a língua está ligada a um fato social e, conseqüentemente, por isso ela é heterogênea.

Por conseguinte, a distinção de contextos sociais também justifica a preferência dos indivíduos de ambos os sexos pelo emprego de determinadas formas linguísticas, assim como a variação utilizada de acordo com a faixa etária a que pertencem. Para Bourdieu (1998, p. 41), “por maior que seja a parcela de funcionamento da língua infensa à variação, existe, tanto no plano da pronúncia, como no do léxico e mesmo da gramática, todo um conjunto de diferenças significativamente associadas a diferenças sociais. Por isso, Calvet (2002, p. 103) assevera que “uma descrição sociolinguística consiste precisamente em pesquisar esse tipo de correlações entre variantes linguísticas e categorias sociais, efetuando sistematicamente triagens cruzadas e interpretando os cruzamentos significativos”.

Temos, pois, *variável linguística* quando duas formas diferentes permitem dizer “a mesma coisa”, ou seja, quando dois significantes têm o mesmo significado e quando as diferenças que eles representam têm uma função outra, estilística ou social. Dizer, por exemplo, o *toalete*, o *reservado*, o *banheiro*, a *latrina*, o *WC* ou o *sanitário* evidentemente manifesta uma variável, mas resta o problema de saber a que *função* correspondem essas diferentes formas. Realmente pode-se considerar que essas diferentes palavras

se dividem em seu uso em uma escala de faixas etárias: os jovens diriam *banheiro*, seus pais *WC* e seus avós, *reservados*, por exemplo. Pode-se então imaginar que eles se dividam segundo o sexo dos falantes [...] pode-se ainda imaginar que eles se dividam segundo uma escala social, com as classes abastadas usando preferencialmente *toaletes*, e as classes desfavorecidas, *latrina*, etc. (Calvet, 2002, p. 102-103)

O exemplo acima citado por Calvet (2002) é um dos fenômenos registrados pelo Projeto ALiB em seus inquéritos. É comum encontrar mais de uma forma para se dizer a mesma coisa, tanto no que se refere ao léxico, quanto em outros níveis (morfossintático, semântico, fonético e fonológico) de uma língua. É exatamente o que Tedesco e Moutinho (2024, p. 223) expressam: “num mundo de diferenças, nunca é demais voltar a afirmar que a diversidade linguística é um fato incontestável, pois as línguas naturais apresentam um dinamismo inerente, assumindo-se heterogêneas por natureza”.

É importante destacar que as diferentes esferas dimensionais/contextuais estão atreladas às bases históricas de cada nação. Em se tratando especificamente do Brasil, o colonialismo foi um fator determinante, pois, como afirmam Pozzo, Luz e Rosa (2023, p. 76), “a imposição da língua portuguesa fez com que outras línguas fossem consideradas inapropriadas e fossem ‘esquecidas’”. O termo ‘esquecidas’ realmente precisa vir entre aspas, pois se constitui um eufemismo. Milhares de línguas indígenas vigentes no país no período da colonização foram, na verdade, dizimadas, consequência do processo colonial, dentre inúmeros outros fatores políticos, que também apagaram a heterogeneidade linguística da população africana, enquanto cada vez mais crescia o estímulo para a adoção da língua do dominador, neste caso, especificamente, o colonizador europeu.

Nesse contexto, “o que sabemos, como estudiosos da língua, é que, desde a ‘transferência’ da língua portuguesa para o Brasil, mudou o português falado no Brasil e mudou o português falado em Portugal” (Tedesco; Moutinho, 2024, p. 226). Essas mudanças são decorrentes do contato entre línguas e, como já mencionado, envolvem também questões relativas ao surgimento e à extinção linguística.

Em virtude das múltiplas formas de variação das línguas, há uma classificação para distinguir as ocorrências, com três tipos básicos de variação:

- Variação diatópica – caracterizada pelas diferenças geográficas, em que se observam falantes de vários locais;

- Variação diafásica – caracterizada pela moldagem do comportamento fala de acordo com as exigências do contexto comunicativo;
- Variação diastrática – caracterizada pelo grupo social, que envolve fatores ligados ao sexo, à faixa etária, à classe social e à escolaridade.

Ao considerar a variável sexo, objetiva-se a análise da relação existente entre o uso de variantes e os diferentes papéis sociais que tanto homens como mulheres desempenham em suas comunidades.

A variável faixa etária – num estudo em tempo aparente (cf. Labov, 2008 [1972]) – desempenha um papel importante para indicar o andamento de um fenômeno linguístico, evidenciando um processo de variação estável ou uma mudança linguística em progresso. Ou seja, o estudo do tempo aparente consiste no estudo sincrônico dos modos de falar de diferentes gerações de falantes.

A variável escolaridade está relacionada ao grau de instrução formal de uma pessoa, que pode influenciar a forma como ela utiliza a língua, como, por exemplo, a concordância de gênero e de número na fala. No Brasil, esta variável substitui a variável classe social, haja vista que a desigualdade social no Brasil tem suas consequências refletidas diretamente na educação.

Quanto à metodologia de análise dos fenômenos sociolinguísticos, Moreira (2015, p. 160) explica que “o modelo prevê uma abordagem que privilegia o caráter quantitativo, uma vez que se baseia em dados empíricos, rigorosamente estratificados e catalogados no seio da comunidade de fala, e são concebidos como estreitamente correlacionados às variáveis sociais”, considerando os fatores extralinguísticos e os aspectos sociais como interferentes na variação da linguagem.

No surgimento da Sociolinguística, como sinaliza Freitas (2022), para o registro da fala na busca pelo vernáculo, a metodologia mais utilizada foi a entrevista documentador e informante, o mais usual nos estudos labovianos. A respeito disso, Mota (2021) informa que o pesquisador precisa ter aparelhos adequados e de boa qualidade, de forma a evitar ruídos nas gravações que possam posteriormente dificultar a transcrição. E que nessas entrevistas, os instrumentos utilizados para coleta de dados são diversificados e podem ser: “questionários linguísticos, gravuras, rélias, objetos, principalmente em miniaturas, que os entrevistados devem identificar e nomear, aparelhos para o registro dos dados orais ou de fotos ou de movimentos, material para anotações” (Mota, 2021, p. 253).

Traçando o percurso histórico da Sociolinguística, Salomão (2011) afirma que no Brasil os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista começaram a ser expandidos a partir de grupos de pesquisadores de algumas universidades brasileiras, onde “diversos trabalhos de pesquisa foram conduzidos por estes grupos com o objetivo de descrever as formas variantes do português do Brasil e de explicar os fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem/desfavorecem as variantes linguísticas” (Salomão, 2011, p. 193).

Com a expansão desses estudos, na atualidade há grupos de pesquisa em todas as regiões do país. Um levantamento apontado por Salomão (2011) apresentou na época, 48 grupos de pesquisa ligados à Sociolinguística de orientação variacionista registrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. Atualmente, mais de uma década depois, há muito mais que isso, como informa Oliveira (2016, p. 491): “A documentação e a análise do português brasileiro (tanto falado como escrito) constituem empreendimentos avançados e de grande sucesso num país de dimensões continentais e de estratificação histórica, social, cultural e econômica bastante diversificada”. Freitag (2016) também confirma a expansão dos estudos no Brasil, declarando que a Sociolinguística de orientação variacionista é uma das áreas de pesquisa mais abrangentes e produtivas no Brasil, considerando algumas evidências, como o fato de o GT (Grupo de Trabalho) temático de Sociolinguística ser um pioneiro da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL), com grande número de membros participantes.

Em suma, o que o estudo das mudanças e variações linguísticas traz de contribuição para as pesquisas sobre o funcionamento da língua é o entendimento de que as línguas não são homogêneas, de que as regras gramaticais não devem ser encaradas como permanentes e/ou imutáveis, haja vista que não existe apenas uma única possibilidade de sua utilização, fazendo com que a língua seja um sistema flexível, sensível às pressões de uso. Para Oliveira (2017, p. 5), “sob esse prisma, desvincular o contexto social do contexto de uso língua é dar a ela um tratamento mecânico, desligado da realidade dos indivíduos que a manejam”.

Em uma análise relacionada ao estudo de um fenômeno de mudança, para reconhecer e avaliar os contextos mais favoráveis ou não, “primeiramente, o pesquisador há de ter a preocupação de definir quais as condições que favorecem as mudanças ou as restringem. Trata-se, portanto, de identificação dos fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam a mudança linguística” (Tedesco; Moutinho, 2024, p. 225). Assim, a Sociolinguística fortaleceu-

se ao suprir as lacunas não preenchidas pelas teorias estruturalista e gerativista, que, ao contrário, insistiam na homogeneidade do objeto linguístico.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O LÉXICO

A variação da língua reflete a identidade linguística do indivíduo. “O objeto da linguística não é apenas a língua ou as línguas, mas a comunidade social em seu aspecto linguístico” (Calvet, 2002, p. 121). O sociólogo britânico-jamaicano, Stuart Hall, afirma que a identidade “é definida historicamente e não biologicamente” (Hall, 2006, p. 13), ou seja, não é transferida geneticamente, e sim definida de forma concreta por uma série de elementos sociais que são constituídos nas relações entre os indivíduos. “As realizações lexicais dos indivíduos expressam sua visão de mundo, suas crenças, suas ideologias, seus valores e a norma linguística aprendida através das práticas socioculturais presentes em seu grupo social, que, geralmente, mantêm entre si uma identidade linguística” (Costa, 2021, p. 45).

Considerando a dimensão social da língua, podemos ver, no léxico, o patrimônio cultural de uma comunidade. Transmitidos de geração a geração como signos operacionais, é através dos nomes que o homem exerce a sua capacidade de exprimir sentimentos e ideias, de cristalizar conceitos. Assim, o patrimônio lexical de uma língua constitui um arquivo que armazena e acumula as aquisições culturais representativas de uma sociedade, refletindo percepções e experiências multisseculares de um povo, podendo, por isso, ser considerado testemunho de uma época. (Seabra, 2015, p. 73)

Por isso, através do léxico também é possível distinguir a manifestação dos traços culturais de uma sociedade, já que a língua de um povo está intrinsecamente ligada à sua identidade. Ao fazer menção ao trabalho desenvolvido pelo linguista Ferdinand de Saussure, Hall (2006, p. 40) complementa que “falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais”. Dentro desse prisma, a variação linguística, objeto de estudo da Dialetoлогия e da Sociolinguística, registra, descreve e analisa sistematicamente os diferentes falares, resultantes da multiplicidade de sentidos do léxico, campo de estudo inesgotável, uma vez que a língua, que possui dentre as suas principais características a heterogeneidade, está em constante variação e mudança.

Antunes (2012, p. 27) traz de forma generalizada uma definição do que é léxico, afirmando que é “o amplo repertório de palavras de uma língua ou o conjunto de itens à disposição dos falantes para atender às suas necessidades de comunicação”. Essas necessidades surgem naturalmente na relação do homem com o meio, de acordo com a demanda que lhe é imposta para atender à situação e à função comunicativa de que ele participa. Por isso, “uma característica essencial de qualquer língua viva é a sua incessante e ininterrupta mutação” (Lucchesi, 2011, p. 241). E Seabra (2006) defende que:

A análise do léxico permite-nos identificar traços relevantes dos grupos sociais que dele se utilizam e o manipulam, no interior dos quais situamos a motivação para a constituição e expansão do conjunto lexical. Esse fato nos leva a considerar que a evolução de uma sociedade bem como as transformações culturais (tradição, costume, moda, crença) propiciam mudanças no léxico, de vez que este está diretamente associado ao universo de pessoas e coisas. (Seabra, 2006, p. 221)

Quanto ao significado do termo em si, Welker (2004) aponta que a palavra léxico vem do grego: “*léxis*” = palavra. Enquanto que para Rey (1987, p. 164s. apud Welker, 2004, p. 16), “na prática, o léxico é frequentemente considerado como conjunto de palavras com função não ‘gramatical’, isto é, dos nomes, verbos, adjetivos e da maioria dos advérbios; estão excluídos os morfemas presos [por exemplo, sufixos como *mente* e prefixos como *re*]”. Ou seja, é um conjunto de vocábulos existentes em uma língua que, disponíveis para o uso dos falantes em suas relações sociais, são materializadas por meio da fala ou da escrita. Já para Basílio (2006):

O léxico é uma espécie de banco de dados previamente classificados, um depósito de elementos de designação, o qual fornece unidades básicas para a construção dos enunciados. O léxico, portanto, categoriza as coisas sobre as quais queremos comunicar, fornecendo unidades de designação, as palavras, que utilizamos na construção dos enunciados. (Basílio, 2006, p. 9)

Nesse viés, os principais fundamentos teóricos que norteiam as ciências do léxico alicerçam-se nas seguintes disciplinas: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. De acordo com Biderman (2001), a Lexicologia “tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico” (p. 14); a Lexicografia “é a ciência dos dicionários. É também uma atividade antiga e tradicional” (p. 15); e a Terminologia distingue-se da Lexicografia, porque “os terminógrafos [...] têm por objeto a atribuição de denominações aos conceitos: atuam, pois, do conceito para o termo. (p. 17). Assim dizendo, tendo em vista

que o objeto de análise deste estudo faz uma abordagem da variação lexical, nos concentraremos na Lexicologia.

Atentando para as estruturas lexicais, que podem ser variadas e classificadas dentro de campos diversos, Biderman (1996) as divide em simples e complexas e exemplifica:

Exemplos de lexias simples: *escola, meio, hora, esperar, fazer, esse, ali, alguém* etc. Exemplos de lexias complexas: *fim de semana, sala de jantar, dona de casa, além de, de repente, pouco a pouco, de pé, para com, fora de mão*. Portanto lexias complexas são aquelas unidades lexicais que, no plano da escrita, são grafadas como uma sequência de unidades, embora correspondam a um único referente no plano da língua. (Biderman, 1996, p. 33, grifos da autora)

Nesse panorama, Paim e Ribeiro (2018) consideram que fazem parte da Fraseologia as lexias complexas. Estudos sobre os fraseologismos têm evidenciado que por meio da Fraseologia, a forma de pensar de uma comunidade pode ser revelada, visto que “as unidades fraseológicas poderiam mostrar a relação entre identidade e cultura, bem como os contextos que motivam o seu uso” (Paim; Sfar; Mejri, 2018, p. 31).

A Fraseologia é a ciência que estuda as unidades fraseológicas (UFs), recurso linguístico muito utilizado, sobretudo na linguagem oral, pelos falantes nativos de uma língua. Conforme Paim, Sfar e Mejri (2018, p. 31), o termo é utilizado “tanto para fazer referência ao conjunto de fenômenos fraseológicos como para nomear a disciplina que se propõe a investigá-lo”. As UFs têm como característica a ausência do sentido literal das palavras e apresentam-se através de frases e expressões que foram cristalizadas no cotidiano, por meio da repetição e do reconhecimento dos falantes, como, por exemplo, os ditados populares.

Na oralidade, o falante dispõe de recursos discursivos variados com o intuito de que a comunicação aconteça da forma mais efetiva possível. Assim, a depender das mais diferentes intencionalidades, o falante vai em busca das estruturas pré-fabricadas, conjunto de palavras, novos vocábulos e sentidos, que se estruturam como unidades fraseológicas, utilizáveis nas mais variadas situações comunicativas. (Costa; Paim, 2022, p. 97).

A utilização das unidades fraseológicas atende a contextos específicos. Monteiro-Plantin (2014) explica que “as palavras que constituem a expressão perdem sua significação individual e o conjunto passa a ter um novo significado” (p. 37), ou seja, a construção dos sentidos ocorre no agrupamento, mas apenas isso não é suficiente; é necessária, para a produção

do significado, conjuntamente, a organização sequenciada das palavras, pois “diz respeito tanto ao número de elementos que constituem a expressão quanto à relação de sentido que há entre eles” (p. 85). Isto é, “o sentido dessa unidade fraseológica não se caracteriza apenas da soma do significado particular dos elementos que compõem a estrutura complexa, mas sim de um sentido da unidade global, do conjunto, de caráter idiomático”. (Costa; Paim, 2022, p. 96).

Quanto aos estudos lexicais no Brasil, Mota e Cardoso (2000) salientam:

As observações sobre o léxico constituem-se na primeira manifestação mais amplamente documentada de reconhecimento da diversidade linguística em nosso país, e, no caso inicial, atestada entre o falar de Portugal e o falar brasileiro. Tal linha de investigação prossegue por todo esse século. São glossários, léxicos, dicionários e vocabulários que vão tratar de assinalar as peculiaridades de áreas, caracterizando-as e distinguindo-as, e, ao mesmo tempo configurando a diversidade na considerada unidade do português brasileiro. Uma obra, não de caráter lexicográfico, mas voltada, também, para o estudo do léxico, *O idioma hodierno de Portugal comparado com o do Brasil*, publicada por José Jorge Paranhos da Silva, em 1879, se insere entre as demais, mas mantendo a tônica da intercomparação de fatos. (Mota; Cardoso, 2000, p. 42)

Levando em consideração a trajetória sócio-histórica do Brasil, isto significa que a identificação da diversidade do português brasileiro, que gerou as primeiras observações e comparações sobre o léxico, denota exatamente o que é defendido por Oliveira e Isquerdo (2001, p. 9): “o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade”. Atentando para o falar brasileiro, “cada palavra selecionada nesse processo acusa as características sociais, econômicas, etárias, culturais [...] de quem a profere” (Abbade, 2011, p. 1332).

Reiterando as autoras supracitadas, o estudo do léxico é de grande relevância para o entendimento da relação língua, cultura e sociedade, considerando a realidade sócio-histórico-cultural de um povo. Sob esse ponto de vista, as construções lexicais denotam de forma direta a relação do homem com o meio, que, a partir da demanda que lhe é imposta, “reconstrói” a sua mensagem, consciente ou inconscientemente, de acordo com o significado que julgue adequado para atender à situação e à função comunicativa. Então:

As línguas mudam todos os dias, evoluem, mas a essa mudança diacrônica se acrescenta uma outra, sincrônica: pode-se perceber numa língua, continuamente, a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado. Essas *variáveis* podem ser geográficas: a mesma língua pode ser pronunciada

diferentemente, ou ter um léxico diferente em diferentes pontos do território. Desse modo, um réptil comum em todo o Brasil é chamado de “rosga” na região Norte, “bribo” ou “víbora” no Nordeste e “lagartixa” no Centro-Sul. (Calvet, 2002, p. 89)

Quanto à forma como o léxico é organizado, Monteiro (2000, p. 19), citando Trudgill (1979) e outros autores, enfatiza a maneira como o mundo exterior (aspectos sociais) se reflete na língua, repercutindo na organização do léxico, visto que a língua existe “em função das necessidades sociais de designar ou nomear a realidade”, e afirma:

Enquanto o português, por exemplo, tem apenas uma palavra para *neve*, o esquimó tem várias. As razões para esse fato são óbvias: é essencial para o esquimó saber discernir eficientemente entre os diferentes tipos de neves. [...] Numa sociedade onde os camelos fazem parte das condições básicas de vida, a língua correspondente deverá ter inúmeras palavras para expressar essas condições. (Monteiro, 2000, p.18-19)

As denominações para ‘prostituta’ nesta pesquisa, com base nos dados do ALiB, serão analisadas dentro desse viés, de que a variação do vocabulário é fruto das necessidades sociais diante da realidade e de contextos específicos. Em concordância com Albuquerque Jr. (2001, p. 118), reitera-se que “[...] a linguagem seria uma forma de manifestação do regional, como o lugar da autenticidade. A região também seria o local do falar mais autêntico, mais brasileiro, marcado pela oralidade, mais próximo da realidade do homem brasileiro”. Desse modo, este trabalho contribui com os estudos já existentes a respeito das diferentes manifestações da língua portuguesa no Brasil e poderá ampliar as formulações teóricas baseadas na construção e utilização do léxico, por meio da investigação dos recortes lexicais oriundos da língua oral dos falantes nordestinos.

Considerando que “a constituição lexical é consequência das formas de vida e visão de mundo do povo que dá nome às coisas e às ações a partir do seu *modus vivendi*” (Andrade, 2019, p. 4815), pode-se afirmar que a comunicação não ocorre de forma aleatória, mas é estruturada a partir de elementos específicos presentes no processo comunicativo. Assim, quanto mais semelhantes forem os contextos vivenciados por quem veicula a mensagem e quem a recebe, menos falhas haverá na comunicação.

TABUS LINGUÍSTICOS

Dentre as definições encontradas nos dicionários, apresentamos aqui a definição proposta por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, que, dentre os conceitos apresentados, define “tabu” como “proibição convencional imposta por tradição ou costume a certos atos, modos de vestir, temas, palavras etc., tidos como impuros, e que não pode ser violada, sob pena de reprovação e perseguição social (Ferreira, 1999, p. 1914).

Tratando especificamente da proibição a determinados vocábulos, é imprescindível enfatizar que a forma como uma comunidade se expressa reflete a sua realidade social e cultural, pois, por trás da escolha de determinadas palavras ao invés de outras, é possível perceber a construção dos “vínculos sociais, culturais, religiosos e afetivos, revelando-se como um modo de aproximação ou distanciamento entre as pessoas, que se afligem, angustiam-se, entristecem-se ou se alegram ao ouvir determinadas palavras” (Costa, 2021, p. 45). Assim, o filólogo e linguista brasileiro, Mansur Guérios (1956, p. 11), afirma que “o tabu linguístico nada mais é do que modalidade do tabu em geral, ou é um prolongamento dos demais tabus. Se uma pessoa, coisa ou ato é interdito, o nome ou a palavra que se lhes refere é-o igualmente”.

Dessa forma, os itens lexicais utilizados e criados nas denominações para ‘prostituta’ possibilitam também análises semânticas, relações metafóricas e conjecturas sócio-históricas, com base nas mudanças ocorridas e conforme os diferentes discursos suscitados ao longo da história, uma vez que, para Guérios (1956), a palavra tabu faz referência a algo “sagrado-proibido” ou “proibido-sagrado”. O autor conceitua o termo como a abstenção ou proibição de pegar, matar, comer, ver, dizer qualquer coisa sagrada ou temida. “Assim, existem objetos-tabu, que não devem ser tocados; lugares-tabu, que não devem ser pisados ou apenas de que se não deve avizinhar; ações-tabu, que não devem ser praticadas; e palavras-tabu, que não devem ser proferidas” (Guérios, 1956, p. 7).

Guérios (1956) identifica dois tipos de tabus: o próprio e o impróprio. O primeiro está ligado à religião/crença e diz respeito à proibição de dizer certo nome ou palavra, que tem relação com um poder sobrenatural, a fim de evitar infelicidade ou desgraça. O segundo diz respeito à moral ou ao sentimento, é a proibição de dizer qualquer expressão imoral ou grosseira. Wardhaugh (1993 apud Monteiro, 2000, p. 19) define o tabu como uma forma pela qual a sociedade expressa a desaprovação de certos comportamentos, por questão de crenças ou por considerar tal atitude como uma violação a um código moral, o que seria prejudicial aos

integrantes de tal sociedade. Conforme Monteiro (2000, p. 19), “os valores sociais costumam ter efeito sobre a língua. É o caso do fenômeno conhecido como tabu, que se relaciona com os comportamentos proibidos ou vistos como imorais ou impróprios”.

Os tabus linguísticos constituem-se em um tema de grande interesse para a Dialetologia e a Etnolinguística, pois levam à criação de novos itens lexicais, possibilitando também a utilização de uma gama de variantes linguísticas, que substituem o vocábulo tabu. Essa diversidade linguística advinda da interdição do vocábulo está intrinsecamente associada a fatores socioculturais como a faixa etária e o sexo do indivíduo, a região de origem do informante, a escolaridade, a participação em grupos religiosos, enfim, a questões de ordem extralinguística que podem revelar a influência da cultura no uso da linguagem. (Costa, 2016, p. 87-88)

Quanto a isso, em sua tese sobre as denominações para o diabo a partir dos dados do ALiB, Costa (2016) explica que, historicamente, os tabus linguísticos sempre fizeram parte da cultura e do cotidiano das civilizações humanas, assim as palavras proibidas são substituídas por eufemismos e neologismos, a fim de evitar mal-estar. “Em vista disso, é bastante comum o usuário da língua recorrer a diferentes recursos substitutivos no intuito de amenizar a carga semântica tabuística expressa na palavra objeto de tabu” (Benke, 2012, p. 19).

Veremos, neste estudo, que a amenização da carga tabuística para ‘prostituta’ é proporcionada por eufemismos— que, conforme Costa (2016, p. 86) constituem uma das principais estratégias utilizadas pelos indivíduos para amenizar a carga pejorativa, a ideia negativa ou a desaprovação social com relação a alguns vocábulos tidos como inconvenientes ou imorais – e por disfemismos— que, segunda a pesquisadora, são “uma das provas mais convincentes de que a interdição vocabular de algumas palavras não tem relação direta com seu significado”. Segundo a autora, isso se explica pelo fato de que, na maioria das vezes, as palavras são substituídas por outras, de maneira ainda mais agressiva. Ainda sobre os eufemismos, a pesquisadora espanhola Maria Teresa Zanuy (2004, p. 104) destaca que “é geralmente aceito que a proibição linguística, que é a base do eufemismo, é causada por medo ou vergonha, resultante de um sentimento de inferioridade social, modéstia, repulsa física ou repugnância moral” (tradução nossa).

Além do eufemismo e do disfemismo, diversos recursos podem ser utilizados pelos falantes para evitar a lexia tabu. Costa e Paim (2022, p. 98-99) citam a “adulteração” fonética do vocábulo por temerem uma avaliação social negativa ou para se sentirem à vontade para falar; o emprego de sinônimos, já que esse elemento pode amenizar ou mesmo dissipar o efeito

negativo da palavra tabu; a substituição por gestos – nesse caso, os falantes utilizam os recursos visuais como forma de evitar a pronúncia do termo tabuizado; o uso de signos dêiticos, como o uso de pronomes (*ele, isso, aquilo*) para fazer referência ao vocábulo ou expressão que não se quer nomear; a mudança no tom de voz, como a pronúncia da palavra de forma sussurrada, o que acontece muito com os nomes de pessoas que já morreram e nomes de doenças; e circunlóquios – a substituição por termos mais corteses.

[...] os tabus presentes na linguagem humana se constituem em práticas não apenas linguísticas, mas também em práticas culturais na medida em que, conforme explica Pretti (1984, p. 286), “em nome de uma ética vigente, proibem-se ou liberam-se palavras, processam-se julgamentos de bons ou maus termos, apropriados ou inadequados aos mais variados contextos e tabus linguísticos aparecem em decorrência de tabus sociais. (Costa; Paim, 2022, p. 99)

Em se tratando dos tabus sociais, muitos dos preceitos reguladores que passaram a governar a moral é oriunda da religião – no Brasil, em especial, o Cristianismo. E a temática prostituição está relacionada diretamente ao sexo, assunto discorrido em textos bíblicos, no que tange às ações que (des)agradam a Deus. No livro de I Coríntios 7:1-2, atribuído ao apóstolo Saulo de Tarso, conhecido entre alguns cristãos também como “São Paulo”, há um convite ao celibato, ao passo que também há um direcionamento sobre a condução da prática sexual. O texto diz: “[...] é bom que o homem não toque em mulher, mas por causa da imoralidade, cada um deve ter a sua esposa, e cada mulher o seu próprio marido” (Wash; Barnes, 2017, p. 1106). Esse viés, somado a outras passagens das escrituras que apontam conselhos sobre a fuga dos prazeres da carne e da imoralidade, teve como importante fator a imposição de regras e, conseqüentemente, a propagação de tabus e crenças em torno da vida sexual.

Quanto à dificuldade observada em alguns informantes do ALiB, especificamente ao responder à pergunta que é o foco desta pesquisa, relacionada às denominações para ‘prostituta’, constata-se o que Guérios (1956) chama de interdição vocabular, que “sem ser supersticiosa nem imoral, contra os bons costumes, é-o pelo respeito, pela veneração que se atribui a um ser, a um ato etc. É ainda aqui tabu de natureza sentimental” (Guérios, 1956, p. 12). Costa (2016, p. 85) enfatiza que a motivação principal para os tabus são “os julgamentos sociais que os falantes fazem sobre algumas palavras consideradas indecorosas, profanas, repugnantes, ofensivas, o que evidencia a atuação de fatores extralinguísticos e de componentes culturais no comportamento linguístico dos indivíduos”.

Isso decorre do fato de que, muitas vezes, o entrevistado, por estar sendo inquirido por uma mulher, às vezes mais velha, principalmente nos casos dos informantes da faixa etária I (18 a 30 anos), sente-se constrangido em pronunciar as denominações utilizadas para o meretrício (em sua maioria expressões depreciativas), por considerá-las imorais, agressivas ou palavrões, tendo em vista os valores tradicionais, no que tange ao respeito em não utilizar determinadas expressões diante de pessoas mais velhas ou que não fazem parte do seu grupo de intimidade, além dos discursos da moralização dos bons costumes. “Geralmente, um vocábulo considerado tabu numa determinada língua será reflexo de pelo menos parte do sistema de crenças e valores da sociedade em questão” (Monteiro, 2000, p. 19).

Enquanto isso, diretamente associado à questão do tabu linguístico está o ‘paradoxo do observador’ (Labov, 2008 [1972]), pois, diante de um inquiridor desconhecido, por vezes mais velho e do sexo feminino, termos vernaculares para denominar certos conceitos não são proferidos pelos informantes, que os consideram ‘palavrões’, seja por questão de polidez e preservação de face, seja por respeito ao interlocutor, seja por vergonha, seja por questões morais e religiosas. É possível observar essa interdição vocabular que é descrita por Guérios (1956) em alguns inquéritos do ALiB Nordeste no que se refere à pergunta para ‘prostituta’. Na seção 5, excertos dos diálogos que denotam esse tipo de tabu linguístico foram transcritos, a fim de registrar o que ocorre durante a entrevista.

A PROSTITUIÇÃO

A temática sobre a prostituição por muito tempo foi objeto de tabu e atravessa questões sociais e culturais estigmatizadas. Não há registros exatos de quando ela começou, mas, segundo Lima (2011), a prostituição ocorre há muito tempo e sempre foi tratada socialmente como algo desonroso, errado e imoral. Para França (1994, p. 145), o termo ‘prostituição’ deriva do latim *prosto*, que quer dizer: “estar às vistas, à espera de quem quer chegar ou estar exposto ao olhar público [...] é a prática sexual remunerada habitual e promíscua”. Araújo e Barros (2019, p. 12), apesar de também não datarem, declaram que a origem da palavra ‘prostituta’ é antiga e refere-se ao que é considerado popularmente como a ‘profissão mais antiga do mundo’: “é uma atividade estigmatizada, entendida socialmente como um comportamento desviante, marcado pela mercantilização do sexo e permeado por questões morais e religiosas que contribuem para o desprestígio da prática”.

No verbete ‘prostituição’, encontramos as seguintes definições no dicionário *Novo Aurélio* (Ferreira, 1999, p. 1963):

1. *Ato ou efeito de prostituir(se).*
2. *Comércio habitual ou profissional do amor sexual.*
3. *O conjunto das prostitutas.*
4. *A vida das prostitutas.*
5. *Vida desregrada.*
6. *Profanação, aviltamento.*

Já o dicionário *Houaiss online* (*Houaiss na Uol*) apresenta os seguintes conceitos:

- *Atividade que visa ganhar dinheiro com a cobrança por atos sexuais e a exploração de prostitutas/prostitutos;*

- *Modo de vida, principal ou complementar, de quem se prostitui.*

No entanto Santos (2016), ao definir a prostituição, esclarece que é:

[...] a troca consciente de favores sexuais, por interesses não sentimentais, afetivos ou por prazer. Apesar de a prostituição consistir numa relação de troca entre o sexo e dinheiro, isso não é uma regra, pois se podem trocar relações sexuais por favorecimento profissional e por bens materiais. (Santos, 2016, p. 6)

Apesar dos fins comerciais, é importante entender que a prostituição nem sempre foi por troca financeira. Silva (2012) explica que nos séculos iniciais da antiguidade podiam ser identificados dois tipos de enlace sexual fora do matrimônio: esposas, filhas e irmãs eram oferecidas aos visitantes como uma atitude de gentileza; e, em alguns povos, as solteiras antes do casamento, e em outros, as casadas, em algum momento da vida, eram obrigadas pelos costumes patriarcais a se relacionarem sexualmente com um estrangeiro que as quisesse. Isso acontecia nos templos ou em lugares já reservados para a prática tradicional. “Na Caldeia e na Babilônia, dois dos mais antigos povos da antiguidade, as junções sexuais consideradas por alguns estudiosos como prostituição estiveram, em sua gênese, relacionadas a rituais religiosos e hospitaleiros” (Silva, 2012, p. 38). Essa prostituição hospitaleira estava atrelada ao culto a algumas deusas, conhecidas historicamente como deusas da beleza, do amor e da sexualidade, como Vênus, Afrodite e Milita, cujos nomes variavam a depender do lugar.

A prostituição considerada sacra variava de acordo com os costumes de cada povo. Silva (2012) remonta a Heródoto, geógrafo e historiador grego, nascido no século V a.C., que em uma de suas narrativas descreve os cultos religiosos babilônicos:

Vi ali uma lei iníqua em virtude da qual toda mulher nascida neste país deve ir, pelo menos uma vez na vida, ao templo da Vênus e abandonar-se às carícias e abraços de qualquer estrangeiro que a pretendesse [...] O estrangeiro, ao lançar o dinheiro, deve exclamar: Invoco a deusa Milita – sendo este o nome que os assírios dão a Vênus. Por pequena que seja a moeda, não poderá ser rejeitada a oferta; proíbe-o a lei, porque esse dinheiro é considerado sagrado. Satisfeito esse dever de se entregar a um estrangeiro, a mulher volta ao seu lar e nunca mais se é possível vê-la. As dotadas de beleza, donaire e elegância, demoram-se pouco tempo no recinto sagrado. As feias permanecem, por vezes, longamente, até encontrarem o meio de satisfazerem a lei. Houve as que foram constrangidas a ficarem no templo três e quatro anos. (Silva, 2012, p. 39)

Nesses cultos à prostituição, os sacerdotes responsáveis pelos ritos é que recolhiam o dinheiro ofertado pelos estrangeiros. “Cultos semelhantes foram também praticados pelos assírios, pelos persas e macedônios. A influência da cultura de um povo a outros era possibilitada essencialmente pelos períodos de dominação de uns sobre os outros” (Silva, 2012, p. 39); o que variava era a forma ritualística do culto e a diversidade dos nomes atribuídos às divindades cultuadas.

Assim, esses povos da antiguidade viveram o século da era vulgar, onde a prostituição não carregava o *status* de negatividade; muito pelo contrário, era normalizada nas festas e cultuada, pois fazia parte da cultura e da tradição. As moças estavam disponíveis ao sacrifício em ritos de verdadeira liberdade sexual, que eram legais e autorizados. “Os homens não se envergonhavam de adquirir uma prostituta publicamente no mercado, tampouco as mulheres que exerciam a prostituição careciam se encobrir para exercer a atividade” (Silva, 2012, p. 42).

Com o passar do tempo, a prostituição foi assumindo outras formas ligadas ao comércio. Tanto as jovens pobres percorriam o caminho da prostituição para arrecadar dinheiro, que pudesse arcar com um dote e garantia de um bom casamento, quanto as jovens que se entregavam na prostituição sacra passaram a não depositar tudo o que recebiam no altar da deusa para também garantir o dote, que era uma condição para o casamento, cuja obrigação vinha da família da noiva.

Conforme Silva (2012), nesse novo viés que assumia a prostituição, ela não possuía caráter de permanência nem de profissão, mas foi normatizada, tanto que, “de acordo com os

registros históricos, o status social das mulheres que se dedicavam à prostituição sacra e à prostituição – vulgar, tendo como finalidade o dote, não fazia com que fossem diminuídas, discriminadas ou rejeitadas” (p. 40). Contraditoriamente, as mulheres sempre experimentaram algum nível de opressão: “a prostituição sacra, mesmo em seus estágios intermediários, jamais possibilitou algum nível considerável de escolha [...] em geral, as jovens ou as mulheres casadas eram *obrigadas* e não consultadas quanto a servir sexualmente aos homens” (p. 55).

Embora comumente a prostituição esteja atrelada à prática feminina, registra-se que, por exemplo, na Grécia, jovens rapazes também eram inseridos nesse mercado:

[...] tomavam parte na prostituição grega, rapazes vindos de todas as partes, encaminhados especialmente para Atenas e Corinto. Jovens de corpos esculturais, controlados por mercadores de escravos que os negociavam a preços mais baixos que os das jovens. Comumente eram introduzidos nos ambientes domésticos onde exerciam seu ofício. Alguns jovens não escravos também participavam desse comércio do sexo, porém em quantidade ainda menor. (Silva, 2012, p. 52)

A concepção sobre a prostituição começou a sofrer mudanças, de acordo com Santos e Costa (2020, p. 177), com o crescimento dos discursos em favor da moral e castidade: “foi na Idade Média que a prostituição foi considerada imoral pela igreja, que declarava publicamente seu repúdio aos que praticavam essa atividade”. Isso, então, teria promovido perseguição às prostitutas, que passaram a se esconder, realizando o seu trabalho secretamente.

O confronto, ideológico, entre prostituição e família não estava maduro, ele se desenvolve na fase de decadência do império romano. É importante advertir quanto à configuração sociocultural de Roma, pois é ela em sua constituição mais decadente que vai influenciar todo o eixo cultural das construções sociais subsequentes. (Silva, 2012, p. 56)

Esse cenário foi alterado na mudança do feudalismo para o capitalismo, quando a visão sobre essa atividade começou a mudar, pois a burguesia quando fica ciente dos lucros produzidos pelo meretrício passar a explorar as mulheres que viviam nas casas de prostituição, indiretamente pela cobrança de impostos e por meios de situações de escravização.

O aumento do poder da igreja católica e da sociedade patriarcal gera uma condição subordinada da mulher na família monogâmica, acompanhada pela repressão às liberdades sexuais, no que diz respeito ao público feminino, haja vista que “os resquícios do que houve no passado atingem aos homens como garantia de contato com as suas necessidades sexuais”

(Silva, 2012, p. 55), ou seja, as relações de poder que começam a ser estabelecidas na sociedade de classe coloca tradicionalmente o homem em posição vantajosa, dando liberdade a este, enquanto violentamente e de forma coercitiva a “mão do Estado” pune as mulheres alcançadas pelos chamados “desvios de conduta”. Daí surge o caráter de negatividade social da prostituição, com estigmas que impõem sobre aquela que exerce o meretrício as piores situações de opressão e exploração, conduzindo à visão de repúdio e preconceito que se cria em torno da mesma.

Em suma, nota-se que a prostituição é tão antiga quanto a história da humanidade. Fez parte do processo de socialização das civilizações antigas, tendo, no princípio, uma conotação religiosa, em alusão ao culto às deusas. Com o passar do tempo, sofreu transformações por conta das mudanças sociais e das relações de poder, forçando, devido à condição econômica, mulheres pobres ao meretrício, já que era o único vislumbre de sobrevivência para as que se encontravam em situação de abandono, viuvez ou orfandade.

No Brasil

Ao longo da história, percebe-se que, por conta dos efeitos dos dogmas religiosos e da tradição patriarcal, a virgindade da mulher era um requisito relacionado à contenção moral. Na obra *Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)*, Caulfield (2000) explica que, ao analisar o comportamento feminino “honesto” da população brasileira, chegou-se à conclusão de que a mulher solteira e sexualmente ativa era uma ameaça à ordem social.

Os valores culturais tradicionais reforçavam o destino das mulheres que tinham o hímen rompido antes do casamento: ganhavam passagem para a corrupção moral. “Dado que nenhum homem se casaria com uma mulher ‘já estragada’ por um suposto corruptor, elas não tinham escolha senão o bordel” (Caulfield, 2000, p. 255). Acentua-se que, em uma sociedade sustentada pelo patriarcalismo, a vulnerabilidade em que se encontravam as mulheres era ainda mais realçada por inúmeras outras situações que poderiam dar-lhes como única sentença de destino de vida a sobrevivência através da prostituição, como os casos de orfandade ou viuvez, em que ficavam desamparadas economicamente.

Para Brivio (2010), a prostituição em terras brasileiras foi desenvolvida durante o Brasil Colônia, concomitantemente ao período da escravidão negra e indígena no país, em que se estabeleciam os intercâmbios sexuais extraconjugais entre senhores e escravizadas, “tendo o

meretrício assumido suas formas a partir das relações estabelecidas com diversos determinantes sociais da época. Entre esses determinantes circunstanciados historicamente, merecem destaque os que se relacionam, mais diretamente, com o exercício da sexualidade” (p. 68). O autor destaca que a estrutura específica assumida pela prostituição nesse período diverge da atualidade, já que os resultados nos domínios da prostituição praticada no Brasil colonial estavam associados a elementos como a ausência de privacidade e a dissociação entre nudez e o erotismo:

A prostituição, no Brasil Colônia, se caracteriza pela inexistência de prostíbulos e de seu conjunto de práticas voltado aos prazeres; pela ausência de locais específicos para o exercício da prostituição na geografia das precárias cidades, bem como pelo fraco laço entre nudez e erotismo. Com a modernização e o crescimento das cidades brasileiras, a prostituição se diferenciou em práticas, hábitos e representações, em função das relações que estabeleceu com o novo campo social em transformação. (Brivio, 2010, p. 69)

Nesse período, a igreja católica, com o intuito de fazer da família o berço da moral cristã, “vai dispensar séculos de peroração para formar, fora das elites, uma mentalidade de continência e castidade para as mulheres para quem certas noções como virgindade, casamento e monogamia eram situações de oportunidade e ocasião” (Del Priore, 1994, p. 16 apud Lima, 2011, p. 47).

Assim, enquanto o discurso dos bons modos somados à moralização dos costumes multiplicava as regras de conduta e boas maneiras em relação ao comportamento feminino, no geral, as prostitutas eram cada vez mais levadas à exclusão e à marginalização social. Embora as transformações sociais correlacionadas à modernidade promovessem mudanças também nas relações de gêneros, fazendo com que as mulheres participassem mais das atividades urbanas, “o menor risco de identificação com as meretrizes devia ser fortemente combatido em nome da ‘honra’ das mulheres ‘honestas’” (Brivio, 2010, p. 74).

A crescente atenção que passaram a devotar aos amores ilícitos, desde meados do século XIX, assim como sua preocupação com a necessidade de definir rigorosamente as fronteiras entre as práticas sexuais permitidas das proibidas, entre as figuras da mulher honesta e da degenerada-nata, segundo a terminologia lombrosiana, atestam menos um interesse em promover melhores condições de vida para as meretrizes exploradas do que uma preocupação obsessiva com a definição dos códigos modernos da sexualidade. (Rago, 2005 apud Santos, 2016, p. 12)

Posteriormente, o período de transição entre o século XIX e o XX marca uma fase de grandes mudanças na história do Brasil, quando os antigos costumes da Colônia começam a ser substituídos pela adoção de hábitos e costumes europeus, ditos civilizados. No campo da prostituição, “muitos bordéis e cabarés adotaram nomes franceses, além de copiarem a decoração e o estilo usados nos estabelecimentos franceses, criando um cenário condizente com a teatralização da vida do submundo parisiense, com a qual sonhava a rica burguesia” (Rago, 2005, p. 114 apud Brivio, 2010, p. 71).

Nesse cenário, já era evidente a dualidade do mundo da prostituição, uma vez que, em contraposição, enquanto o meretrício das francesas estava relacionado ao *glamour* e à sofisticação, as prostitutas negras brasileiras eram marginalizadas de forma mais violenta. As expressões “alto meretrício” e “baixo meretrício” são utilizadas para diferenciar a atividade sexual exercida nos luxuosos cabarés com mulheres previamente selecionadas para atenderem aos empresários e políticos da atividade praticada em ambientes subalternizados. Brivio (2010, p. 71) afirma que “as negras pobres se prostituíam num ambiente marcado pela bestialidade do sexo, próprio à satisfação das mais acentuadas perversões”.

É certo que não existe uma homogeneização da prostituição. Historicamente há uma diversidade quanto ao local onde as mulheres a exercem, bem como ao público, o que caracteriza o status de cada uma. Porém tais classificações se deram no sentido de desqualificar ainda mais as mulheres pobres e mestiças ou negras. (Lima, 2011, p. 51)

Um estudo sobre a visita de médicos europeus ao Brasil nos anos de 1840 é mencionado por Corrêa e Olivar (2021), em que se constata que a grande maioria das prostitutas era de escravas negras, que, diferentemente das senhoras brancas, “escapava dos preceitos religiosos e morais do matrimônio, e do ideal de mulher perfeita, pois sua sexualidade não possuía função de procriação e de reprodução ideológica da moral cristã” (Lima, 2011, p. 49). “Doenças venéreas, particularmente a sífilis, eram associadas à prostituição e ambas eram interpretadas como sintomas da degradação social oriunda da escravidão (Corrêa; Olivar, 2021, p. 301). Ao final do século XIX, houve iniciativas do Estado pelo fim da prostituição, concomitantemente com as demandas pelo fim da escravidão, em que propostas consideradas modernizantes e civilizatórias eram debatidas em público, em alusão ao pensamento de que tais ações significavam promover o progresso político e social. No entanto

O estado não adotou nenhuma diretriz robusta para abolir a prostituição tampouco adotou o chamado modelo francês de regulação. Este modelo, como se sabe, prescrevia a definição de zonas restritas para o exercício do sexo comercial (as zonas da luz vermelha) associadas à intervenção sistemática de saúde pública para prevenir doenças venéreas entre prostitutas, como uma forma de proteger esposas e famílias. Um conjunto de fatores explica a relutância das elites brasileiras em aceitar o modelo francês. Um deles é que tal política poderia projetar a imagem de um “Estado senhor das prostitutas”, o que era politicamente inaceitável num contexto em que demandas pela abolição da escravidão ganhavam força (Pereira, 2005). O repúdio liberal da regulação estatal da vida privada também pode ter influenciado a recusa da regulação. Por outro lado, a prostituição era percebida como um “mal necessário” aos olhos das elites masculinas e, portanto, sua eventual abolição era vista como medida estatal que teria impacto negativo no comportamento sexual masculino e mesmo na vida familiar. Essa postura não foi alterada mesmo quando pressões pela abolição da prostituição se intensificaram à medida que o país se tornou um destino do tráfico de “escravas brancas”. No início do século XX, nos mercados sexuais do Rio e de São Paulo não só mulheres brasileiras – negras e brancas eram prostitutas como também estrangeiras, particularmente judias, da Europa do Leste, transportadas para o Brasil pelas então chamadas máfias judias, viviam dos serviços sexuais (Rago, 1985; Kushnir, 1996). (Corrêa; Olivar, 2021, p. 301-302)

Muitas dessas mulheres, especialmente as judias, eram “desamparadas e com medo da pobreza, acreditavam nos traficantes e seguiam rumo à América, em busca de emprego e casamento” (Lima, 2011, p. 51). No contexto do Brasil República, na primeira metade do século XX, o desenvolvimento industrial provocou transformações urbanas, dentre elas a solicitação da presença das mulheres nos espaços urbanos para ocupar postos de trabalho. Dessa forma, “as novas condições de vida nas cidades modificaram as práticas sociais do namoro à intimidade familiar”, apesar de que “ainda estava bastante nítida a demarcação entre as moças de família e as moças levianas” (Lima, 2011, p. 52). Aos poucos, a visão da sociedade brasileira em relação às prostitutas atinge o ápice da desmobilização dos discursos moralistas sobre a prostituição feminina quando alguns valores tradicionais começaram a perder a força, a exemplo da importância da virgindade feminina.

Em outras palavras, as representações sobre a prostituição somente se tornam significativas a partir das relações que estabelecem com o campo dos valores de determinada sociedade. No caso da sociedade brasileira do início do século XX até a década de 1970, os valores tradicionais patriarcais estruturaram e vigiaram, através dos discursos sobre a prostituição, a conduta e os valores das “mulheres honestas”. (Brivio, 2010, p. 82)

Assim sendo, entre os anos de 1970-1990, há registros de movimentos sociais da prostituição no Brasil contra a violência policial. A Rede Brasileira de Prostitutas foi criada durante o Encontro Nacional de Prostitutas, em 1987, e seu foco inicial foi a “violência”, em uma luta por respeito e contra a discriminação e as estigmatizações, visto que “a prostituição foi objeto de intervenção das autoridades policiais, a exemplo do regulamento provisório às meretrizes de 1987, estabelecido pelo delegado Cândido Mota, em São Paulo” (Lima, 2011, p. 52). Ainda conforme Lima (2011), tal regulamento tinha a finalidade de estabelecer recomendações de recato e descrição quanto à proibição de chamar clientes e horários das casas de prostituição, por exemplo.

Já nos anos 2000, houve uma crescente visibilidade dos debates relacionados ao tráfico de pessoas, particularmente para fins sexuais, o que repercutiu nas demandas políticas relacionadas ao trabalho sexual, já que o meretrício sempre foi considerado uma atividade remunerada ilícita.

Posteriormente, tomando como referências as reformas legais da Alemanha e da Nova Zelândia, a mobilização da Rede Brasileira de Prostitutas em torno da pauta dos direitos trabalhistas “reivindicou que a prostituição fosse reconhecida como uma ocupação nos parâmetros de pesquisa do IBGE e também nas categorias definidas pelo Ministério do Trabalho. (Corrêa; Olivar, 2021, p. 312)

Na atualidade, existe um debate antigo sobre criminalização ou regulamentação da prostituição no Brasil. Por ora, ela é permitida, assim como as casas de prostituição também (desde que não pratiquem a exploração sexual), reconhecida pelo Ministério do Trabalho e consta na CBO – Classificação Brasileira de Ocupações, mas a profissão ainda não é regularizada quanto a garantia aos direitos dos trabalhadores dessa categoria, o que favorece a permanência do estigma, do preconceito e da marginalização e a consequente vulnerabilidade em todos os âmbitos para essas mulheres. Para Lima (2011), o desemprego, a baixa ou a falta de instrução são fatores que empurram mulheres a exercer atividades do meretrício de formas precarizadas.

Em suma, os valores culturais tradicionais presentes na sociedade brasileira sofreram alterações ao longo da história, a ponto de pautas referentes à regulamentação da atividade dos profissionais do sexo ganharem espaço na mídia. Todavia mulheres em situação de prostituição continuam sendo acompanhadas pela invisibilidade e pela estigmatização, consequências da marginalização e da discriminação do meretrício em todo o percurso histórico e cultural. Isso

pode ser constatado através do comportamento linguístico, como revelam os dados levantados no *corpus* investigado.

No Nordeste

A história do Nordeste muitas vezes foi atrelada às marcas de miséria, fome e tantas outras dificuldades enfrentadas pelo povo do seu território. Mas vale destacar que essa visão sobre a história da região foi uma história "inventada". O historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior (2001) explica que, por questões de disputas de poder, as grandes famílias de políticos e de fazendeiros lucravam com isso e faziam de tudo para manter esse estereótipo do Nordeste como um lugar de atraso, pobreza e falta de tudo; o que não é verdade; o Nordeste é também um espaço carregado de riquezas naturais e culturais.

Os relatos depreciativos e estigmatizados, somados à falta de políticas públicas de acesso a água e alimentos, repercutiram na marginalização dos nordestinos. E a “rendição” à exploração sexual pode ter sido, diante desse cenário, muitas vezes uma tentativa de sobrevivência – rendição entre aspas, visto que muitas mulheres pertencentes à classe popular, muitas vezes que até já passaram por violência familiar e explorações, são submetidas a propostas ilusórias em troca de melhores condições de vida.

Esses fatores se desdobram no que é apontado por Gabrielli (2011): a região brasileira que mais recebe turista que busca a atividade sexual é o Nordeste. Pasiane (2017) menciona uma pesquisa feita pelo jornalista francês Nicolas Bourcier, correspondente no Brasil do *Le Monde*: “em sua reportagem, ele afirma que Fortaleza é a capital brasileira da prostituição e está entre os polos do turismo sexual no Brasil, ao lado de Recife, Salvador, Natal e Rio de Janeiro” (Pasiane, 2017, p. 26). Sobre isso, Vasconcelos (1991) já afirmava que há praticamente em todo o Nordeste um elevado índice do turismo sexual: pela promoção de pacotes de turismo que incluem adolescentes como atração sexual, onde os donos de hotéis, de táxis, de barracas de praias e de boates lucram através de uma rede organizada; e a promessa de casamento de adolescentes com estrangeiros, as quais são levadas para fora do país e lá são destinadas à prostituição,

[...] sendo importante mencionar que as primeiras iniciativas contra o turismo e o tráfico sexuais contemporâneo foram estabelecidas no Nordeste do Brasil na primeira metade da década de 1990. O Coletivo Mulher Vida foi fundado

em Olinda, Pernambuco, no início dos anos 1990, com um foco claro no turismo sexual. Mais tarde surgiu o Grupo Chame na Bahia, que também já lutava contra o tráfico de pessoas para países europeus. Embora não tenhamos coletado dados específicos, não seria errado dizer que essas iniciativas já eram financiadas por fundos anti-tráfico. (Corrêa; Olivar, 2021, p. 306)

Percebe-se, assim, que a exploração e o tráfico sexual partilham de um mesmo enredo em torno dessas famílias – a fome, a miséria e o desemprego –, que, como consequência, levam à prostituição, repercutindo em situações de violência, doenças sexualmente transmissíveis, drogas, álcool e abuso emocional. Os sindicalistas rurais apontam:

[...] o êxodo rural como principal responsável pela prostituição. Os agricultores se deslocam com suas famílias da zona rural para a cidade à procura de emprego, assistência médica e hospitalar e educação para os filhos. O resultado, geralmente, é o mesmo: a desilusão para os pais e a prostituição as filhas. (Redação Diário do Nordeste, 2003)

Assim, pesquisas sobre a prostituição no Nordeste comumente estão atreladas ao aliciamento de menores de idade, muitas vezes crianças (de ambos os sexos), para satisfazer estrangeiros vindos de todas as partes do mundo, em parceria com famílias, que, em condições precárias de extrema pobreza e relegadas à invisibilidade social, acabam entregando seus filhos aos aliciadores em troca de pagamento. Normalmente, o sertão nordestino é apontado como palco principal de onde ocorrem essas trocas, em que os indivíduos são conduzidos em situações degradantes de desumanização, em que são vistos e comparados a objetos de mercadoria. Como apontado, nas capitais a história também se repete.

4 METODOLOGIA

Esta seção está destinada à metodologia utilizada no Projeto ALiB, que é adotada nesta pesquisa, além de dados que apontam características sobre a formação sócio-histórica do Nordeste, seu povoamento e atividades econômicas desenvolvidas; a descrição das localidades do interior dos nove estados, conforme os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); e dos procedimentos adotados para o tratamento dos dados.

O PROJETO ALiB

Contemplando todos os estados brasileiros, o Projeto ALiB “fundamenta-se nos princípios gerais da Geolinguística contemporânea, priorizando a variação espacial ou diatópica e atento às implicações de natureza social que não se pode, no estudo da língua, deixar de considerar” (<https://alib.ufba.br/content/objetivos>). O atlas, é um elemento que apresenta uma realidade da língua diversificada nos seus vários níveis (Ferreira; Cardoso, 1994).

O *corpus* do ALiB foi constituído durante o período de 2001 a 2013 e visa, dentre os seus objetivos gerais, à descrição, com base em dados empíricos, sistematicamente coletados, da realidade linguística do país quanto à língua portuguesa no início do século XXI, fornecendo dados linguísticos, no que tange à diversidade diatópica e à variação diageracional, diastrática, diagenérica e diafásica.

No total, o ALiB coletou dados em 250 localidades, “selecionadas de acordo com critérios demográficos, históricos e culturais, tendo-se, também, levado em consideração a extensão de cada Estado/Região e a natureza de seu povoamento na delimitação do número de pontos da área” (<https://alib.ufba.br/content/rede-de-pontos>). Para Labov (2008 [1972], p. 221), “é comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer ‘a mesma’ coisa”. Sob esse ponto de vista, o intuito do Projeto ALiB foi a realização de um atlas geral da língua portuguesa falada no Brasil, justificada pela “necessidade de descrever-se a realidade brasileira antes que se percam traços e usos, formas e estruturas ainda não formalmente identificadas, registradas e catalogadas” (Cardoso, 2014, p. 19).

Assim, a base da pesquisa que fora delineada pelo Comitê Nacional coordenador do Projeto ALiB explicita os seguintes objetivos gerais:

- 1) Descrever, com base em dados empíricos, sistematicamente coletados, a realidade linguística do país, no que tange à língua portuguesa, fornecendo dados linguísticos atualizados não só da diversidade diatópica, mas também da variação geracional, diastrática, diagenérica e diafásica.
- 2) Disponibilizar, via internet e/ou por meio de CD-ROM, o acesso aos dados coletados, possibilitando a audição das realizações de cada área linguística.
- 3) Analisar a variação linguística sob diferentes pontos de vista, contemplando os níveis fonético-fonológico, morfossintático, léxico-semântico e pragmático-discursivo.
- 4) Estabelecer isoglossas com vistas a traçar a divisão dialetal do Brasil, tornando evidentes as diferenças regionais por meio de resultados cartografados em mapas linguísticos e de estudos interpretativos de fenômenos considerados.
- 5) Examinar os dados linguísticos na perspectiva de sua interface com outros ramos do conhecimento – história, sociologia, antropologia etc. –, de modo a poder contribuir para fundamentar e definir posições teóricas sobre a natureza da implantação e do desenvolvimento da língua portuguesa no Brasil.
- 6) Oferecer aos interessados em estudos linguísticos e, especialmente, aos estudiosos da língua portuguesa, um significativo volume de dados, ampliando consideravelmente as informações hoje disponíveis.
- 7) Fornecer subsídios para o aprimoramento do ensino/aprendizagem, com dados linguísticos que venham a possibilitar a adequação de material didático à realidade linguística de cada região e o entendimento do caráter multidialetal do Brasil.
- 8) Contribuir para o entendimento da língua portuguesa no Brasil como instrumento social de comunicação diversificado, possuidor de várias normas de uso, mas dotado de uma unidade sistêmica. (Cardoso, 2014, p. 23-24)

O Projeto ALiB tornou-se possível mediante o apoio de uma rede de colaboradores que incluem “instituições oficiais e privadas, personalidades de cada uma das cidades visitadas, igrejas, agremiações sociais, escolas, cidadãos comuns sediados em todos os lados” (Cardoso, 2014, p. 29). A grande extensão territorial do Brasil trouxe o desafio das distâncias a serem vencidas. As equipes regionais percorreram o total de 277.851 quilômetros, trilhados por terra, por águas e pelo ar, entre o Oiapoque, localizado no Amapá (ponto 1) e o Chuí, no Rio Grande do Sul (ponto 250).

Durante todo o processo, os inquéritos eram enviados para o arquivo nacional do Instituto de Letras da UFBA à medida que eram realizados. Para Mota (2012, p. 514), o Projeto ALiB se afasta da geolinguística tradicional por incluir cidades de grande e médio porte, inclusive todas as capitais de Estado, à exceção de Palmas e Brasília, em vista da data recente de formação dessas cidades. O ALiB insere-se, então, no quadro da Geolinguística pluridimensional, sendo considerado um atlas de terceira geração. Do ponto de vista metodológico, introduzem-se outras dimensões, além da diatópica, como a diageracional, a diastrática, a diafásica e a diarreferencial.

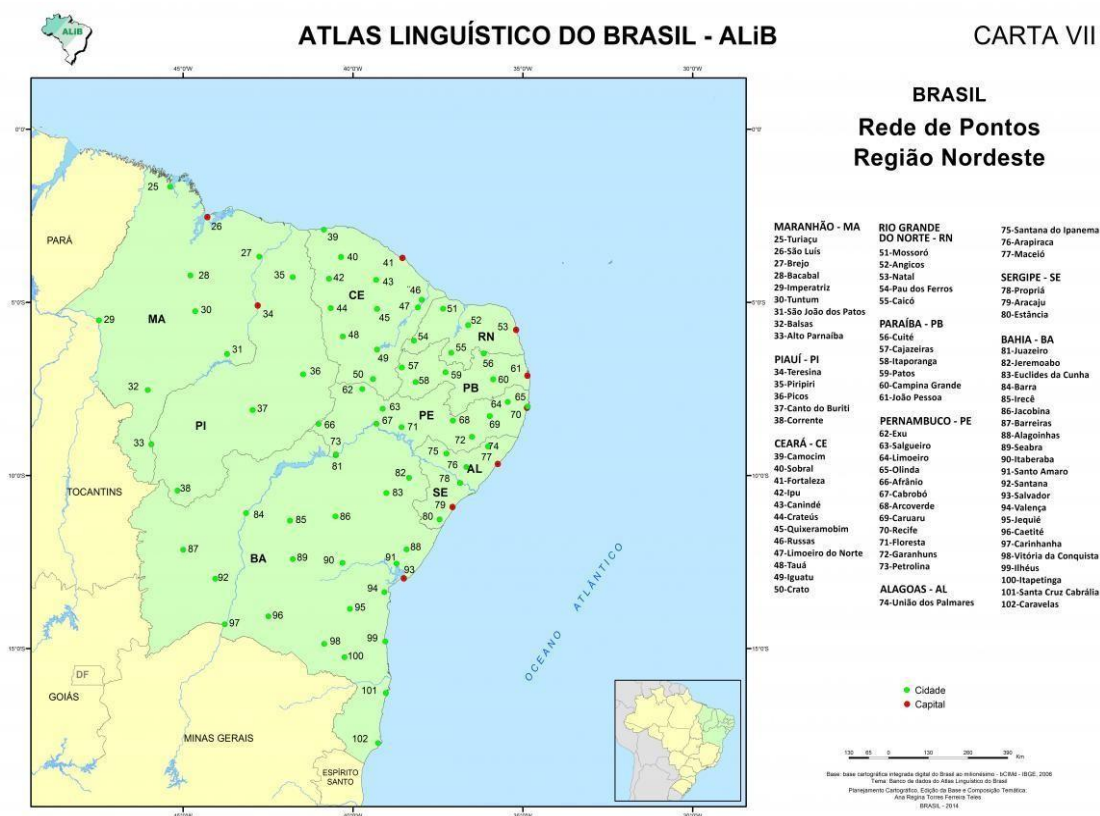
Com relação à variação diarreferencial, preveem-se, nos questionários do ALiB, questões de natureza metalinguística, de modo a saber a opinião do informante sobre as variantes linguísticas características de sua área, de outras áreas ou de outras épocas, conhecer preconceitos linguísticos e avaliar a coincidência ou não entre as variantes que ele utiliza e as que considera de maior prestígio ou mais estigmatizadas. (Mota, 2012, p. 513-514)

Quanto à seleção da rede de pontos, Isquardo e Teles (2014) descrevem como sucedeu a escolha das localidades que compõem o atlas:

[...] levaram-se em consideração os seguintes critérios: a) as localidades apresentadas por Antenor Nascentes, em 1958, em *Bases para elaboração do atlas linguístico do Brasil*; b) a densidade demográfica; c) as zonas dialetais das localidades, para que um ponto não ficasse demasiadamente próximo de outro e se mantivesse, em critério de equidistância ao de densidade demográfica; e, por fim, d) a importância da localidade para o levantamento de bilinguismo e/ou diglossia, se localizada em zona fronteira de limites internacionais ou se em zona limítrofe interestadual. (Isquardo; Teles, 2014, p. 39)

Dessa forma, a definição da rede de pontos contou com o auxílio de antropólogos, historiadores, geógrafos e com a colaboração de indígenas, tendo em vista a necessidade de estudo da realidade brasileira, considerando o processo de povoamento e desenvolvimento socioeconômico de cada território.

A imagem apresentada a seguir foi extraída do *site* do ALiB, na área *Conheça o ALiB > Metodologia > Rede de pontos*, e representa a Carta VII, referente ao mapa da rede de pontos da Região Nordeste:

Figura 1: Rede de pontos da Região Nordeste – ALiB

Fonte: <https://alib.ufba.br/content/rede-de-pontos>.

A Região Nordeste corresponde à rede de pontos do número 25 (Turiçu, no Maranhão) ao 102 (Caravelas, na Bahia)², somando o total de 69 localidades do interior. Cada uma delas possui quatro informantes distribuídos pelos dois sexos e pelas duas faixas etárias estabelecidas (faixa I – de 18 a 30 anos e faixa II – de 50 a 65 anos).

Os informantes do ALiB foram estratificados quanto ao sexo, à faixa etária e, apenas nas capitais, quanto ao grau de escolaridade também (em cada capital foram inquiridos oito informantes). Eles foram escolhidos de acordo com os requisitos estabelecidos pelo Comitê Nacional: ser natural da localidade, ter pais também nascidos na localidade ou região, ter idade compatível com as faixas etárias estabelecidas (faixa I – de 18 a 30 anos e faixa II – de 50 a 65 anos) e nível de escolaridade correspondente ao previsto (fundamental ou universitário). Embora a metodologia não prevísse a seleção do informante por tipo de profissão de forma

² Os pontos correspondentes às capitais são: 26 (São Luís), 34 (Teresina), 41 (Fortaleza), 53 (Natal), 61 (João Pessoa), 70 (Recife), 77 (Maceió), 79 (Aracaju) e 93 (Salvador). Vale lembrar que elas não são objetos de estudo dessa pesquisa, que se concentra apenas no interior.

rigorosa, não foram incluídas pessoas cuja atividade de trabalho exigisse constantes deslocamentos para fora da localidade em estudo.

Para a coleta de dados empíricos, aplicaram-se tipos distintos de questionários, de modo a registrar a variação linguística. Labov (2008 [1972], p. 63) constata que “o método básico para se obter uma grande quantidade de dados confiáveis da fala de uma pessoa é a entrevista individual gravada”. Paim (2014, p. 2) ressalta que esse método “pode servir para o pesquisador induzir ou provocar amostras da variação léxica em estudo”.

A elaboração dos questionários do ALiB passou por versões preliminares de testadas em inquéritos experimentais, tendo sua versão definitiva publicada em 2001 pela Universidade Estadual de Londrina e como suporte os trabalhos dialetais existentes no período. Cada equipe regional realizou inquéritos linguísticos da responsabilidade de sua área, que foram estruturados da seguinte maneira:

- Questionário Fonético-Fonológico (QFF) – 159 perguntas, às quais se juntam questões de prosódia, voltadas para a apuração da realização de frases afirmativas, interrogativas e imperativas;
- Questionário Semântico-Lexical (QSL) – 202 perguntas abrangendo 14 campos semânticos;
- Questionário Morfossintático (QMS) – 49 perguntas.

A esses três tipos de questionários, acrescentam-se:

- Quatro questões de pragmática;
- Quatro temas para discursos semidirigidos – relato pessoal, comentário, descrição e relato não pessoal;
- Seis perguntas metalinguísticas;
- Um texto para leitura – a “Parábola dos sete vimes”.

Os temas para discursos semidirigidos foram feitos no final da entrevista, com o objetivo de buscar o vernáculo na linguagem menos monitorada e mais informal. Quanto a isso, Labov (2008 [1972], p. 110) explica que “precisamos, de algum modo, capturar a fala cotidiana que o

informante usará tão logo a porta se feche atrás de nós: o estilo que ele usa para discutir com a mulher, repreender os filhos ou conversar com os amigos”.

É característica da Dialetologia Pluridimensional a utilização de algumas técnicas e métodos na coleta dos dados, que passaremos a descrever na sequência. A técnica em três tempos (sugestão/sugestão) busca registrar não apenas a primeira resposta e espontânea do informante, mas também outras respostas conhecidas, que podem ser usadas por ele ou não. Dessa forma, perguntamos, insistimos, para depois sugerir. Com as sugestões, podemos conseguir comentários metalinguísticos acerca dessas respostas. No entanto, para isso o inquiridor deve estar preparado, realizando um estudo anterior à coleta de dados, com uma lista de possíveis variantes para aquela variável a ser documentada. (Dantas; Carlos, 2020, p. 403)

Para esse tipo de pesquisa *in loco* enfatiza-se o quanto é imprescindível que o entrevistador conheça a realidade linguística que está investigando, pois “o estudo da língua em seu contexto social só pode ser feito quando a língua é ‘conhecida’, no sentido de que o investigador pode compreender a conversa rápida (Labov, 2008 [1972], p. 251). Isso evita que o inquiridor seja surpreendido com possíveis respostas inesperadas.

O ALiB na Região Nordeste

Como já mencionado, o ALiB Nordeste abrange os nove estados da região, contando ao todo com 78 localidades, incluindo as capitais. Essas, já foram objetos de estudo e descritas por Isquierdo e Benke (2023), por isso trabalharemos apenas com os 69 pontos da rede que correspondem às localidades do interior. Veja-se o Quadro 2, a seguir:

Quadro 2: ALiB – interior do Nordeste

ESTADO	Quantidade de pontos da rede
Maranhão	8
Piauí	4
Ceará	11
Rio grande do Norte	4
Paraíba	5
Pernambuco	11
Alagoas	3
Sergipe	2
Bahia	21

Fonte: Elaboração própria a partir do *site* do ALiB (<https://alib.ufba.br/content/rede-de-pontos>).

O Quadro 2 exhibe a quantidade de pontos selecionados para cada estado da Região Nordeste. Percebe-se que não há homogeneidade no número de localidades, visto que a seleção segue padrões específicos, conforme os critérios definidos para a escolha das localidades.

CARACTERÍSTICAS DA FORMAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA DO NORDESTE

Conforme a Constituição de 1988, o Brasil está dividido política e administrativamente em 26 estados e 5 regiões. As regiões brasileiras são compostas pelos conjuntos de estados que possuem relevo, clima, vegetação, história e atividades econômicas similares. A região Nordeste, historicamente, é o “berço” do Brasil. “O Nordeste é realmente a área do Brasil que mais se estudou e sobre a qual foram escritos mais livros de História e Sociologia” (Garcia, 1987, p. 10). Conforme os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística- IBGE de 2022, a região é a mais populosa do país, abrigando cerca de 54 milhões de pessoas.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior, historiador brasileiro, esclarece que o Nordeste resultou da separação entre a área amazônica e a área “ocidental” do Norte, que ocorreu em 1920. Assim, “o termo Nordeste é usado inicialmente para designar a área de atuação da Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas (IFOCS), criada em 1919” (Albuquerque Jr., 2001, p. 68). Nesse contexto, o Nordeste era a parte do Norte que sofria com as estiagens, logo, precisava de atenção especial e auxílio do Governo Federal.

Atualmente composta por nove estados (Maranhão, Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia), possui uma construção social especificamente política. Tendo sido o primeiro território onde se expandiu a colonização portuguesa, apresenta características próprias herdadas da interação da cultura dos índios, dos europeus e dos negros: miscigenação que resultou na base da formação do português falado no Brasil.

A primeira terra vista pelos portugueses em 1500 se tornou depois a cidade de Porto Seguro, pertencente a Bahia, um dos estados da região. Historiadores afirmam que nos primeiros anos que sucederam a ocupação, o território nordestino era visitado com frequência por aventureiros, principalmente franceses, que em troca de objetos de pouquíssimo valor, adquiriam dos indígenas pau-brasil, papagaios e mercadorias caras. Então, como medida preventiva para combater a presença desses aventureiros e como uma forma de garantir a posse efetiva da terra, a coroa portuguesa enviou colonos ao Brasil e instaurou o sistema de divisão

do território em capitanias hereditárias, que eram grandes lotes de terras doadas pelo rei de Portugal para que fosse iniciada a ocupação do território.

A capitania que mais se desenvolveu foi a de Pernambuco, que se estendia do Rio São Francisco à ilha de Itamaracá, região abastada pela produção de cana-de-açúcar e pau-brasil, que posteriormente originou um estado com mesmo nome (Moraes; Fioravanti, 1998). A riqueza representada pelo pau-brasil perdurou durante três séculos, por conseguinte, “o Nordeste foi ocupado pelos senhores de engenho, que enriqueceram usando escravos no trabalho do campo. [...] as capitanias acabaram, mas a terra continua restrita nas mãos de um grupo restrito de pessoas” (Moraes; Fioravanti, 1998, p. 19), haja vista que, apesar dos mecanismos políticos tradicionais predominarem em todo o país, o Nordeste por muito mais tempo foi o território das oligarquias e do coronelismo, instrumentos de conservação prolongada dos instrumentos tradicionais do poder e dominação.

Os estados do Piauí e Maranhão passaram por processos diferentes de colonização, quando comparados aos demais estados da Região Nordeste, salienta Garcia (1987). O Piauí teria sido o único estado brasileiro povoado do interior para o litoral; e o Maranhão teria começado pela ilha de São Luís, habitada por franceses, tendo nos dois primeiros séculos, as incursões ao seu interior através de expedições para aprisionar e levar indígenas como escravos para Pernambuco.

Os nove estados do Nordeste são banhados pelo Oceano Atlântico, dessa forma, no litoral ficam os portos, que ao longo de toda formação da região, facilitaram o comércio com outras regiões e países, beneficiando o crescimento da economia, já que por muito tempo o único meio de transporte para grandes cargas no Brasil eram os navios. Sendo assim, como afirma Garcia (1987, p. 28), “o Nordeste foi a região mais rica da América Portuguesa durante mais de três séculos. Por todo o período colonial e metade do Império, constituiu-se no principal gerador de riquezas para o Reino de Portugal e, depois, para o Império Brasileiro”.

No início do século XVII, a cidade de Olinda, em Pernambuco e a Bahia multiplicaram os canaviais e os engenhos de açúcar, passando a ser territórios altamente ricos.

O pau-brasil, nos primeiros anos da colonização, a cana-de-açúcar trazida pelos primeiros donatários, e o algodão, a partir do final do século XVIII, asseguraram ao Nordeste a posição de uma região rica, a ponto de despertar a cobiça dos mercantilistas holandeses, que armaram frotas e exércitos para conquistá-lo. Também o couro de gado bovino, exportado para Portugal em grandes quantidades, assegurou a prosperidade do Nordeste, principalmente no século XVIII. (Garcia, 1987, p. 28)

Os holandeses ficaram no Nordeste por um período de 24 anos até serem expulsos pelos pernambucanos após várias batalhas. Nesse cenário, a economia açucareira foi responsável pelo surgimento da “aristocracia canavieira”, nome dado a um grupo de famílias que mantinham domínio político e econômico de boa parte da região: “os ‘barões do açúcar’ mantinham grande influência política durante todo o império e sempre garantiram assento nos gabinetes ministeriais, chegando inúmeras vezes a presidi-lo” (Garcia, 1987, p. 30).

A região começou a perder poder economicamente quando houve na segunda metade do século XIX a queda de preço no mercado internacional do açúcar e do algodão, e em contrapartida, a introdução da lavoura do café no Rio de Janeiro e em São Paulo, o que provocou a transferência do poder econômico, e consequentemente do poder político, do Nordeste para o Centro-Sul³.

Com a valorização do café, o Centro-Sul passou a experimentar as ideias modernizadoras trazidas pela chegada intensa dos imigrantes europeus, enquanto o Nordeste manteve sua estrutura rural ultrapassada, em comparação ao Centro-Sul, e sua industrialização limitada praticamente às grandes centrais açucareiras e fábricas de tecidos. “A diferenciação progressiva entre o Norte e o Sul do país já era tema de diferentes discursos, desde o final do século XIX” (Albuquerque Jr., 2001, p. 57). Garcia (1987) salienta que esse contraste aumentou cada vez mais a desigualdade econômica entre as duas regiões. Somado a isso, a diversidade do território nordestino repercute na não uniformidade de clima, topografia, solo e vegetação, sendo dividido em quatro grandes sub-regiões naturais: Zona da Mata, Agreste, Sertão e Meio-Norte, assim, algumas áreas sofrem até hoje com a seca e a miséria, que levam moradores do interior a se mudar para cidades maiores.

Nesse cenário, a seca constitui-se um fenômeno mais de caráter socioeconômico do que sua relação com a meteorologia (há quem lucre com a chamada “indústria da seca”), visto que a regularidade das chuvas é essencial para a sobrevivência de quem vive do cultivo da pecuária e da agricultura. Infelizmente, a falta de políticas públicas governamentais para convivência com a seca só aumenta as disparidades, já que a implantação de estratégias para mitigar os impactos da escassez de água, juntamente com ações emergenciais em diferentes níveis e setores com medidas de longo prazo, que foquem na inclusão social e adaptação às mudanças

³A proposta de divisão regional do país feita em 1967 pelo geógrafo brasileiro Pedro Pinchas Geiger, dividia o Brasil em três Regiões Geoeconômicas baseada no processo histórico de formação brasileiro, conforme os efeitos da industrialização: Amazônia, Centro Sul e Nordeste. O Centro Sul correspondia ao que atualmente são os estados do Sul, Sudeste e Centro-Oeste (www.geografia.seed.pr.gov.br).

climáticas, garantiria a sustentabilidade das comunidades afetadas. A água é um recurso essencial para o desenvolvimento da lavoura.

É imprescindível lembrar também que a falta de políticas de inclusão para os negros ex-escravizados proporcionou a manutenção da estrutura social marcada por disparidades econômicas e exclusão, principalmente nas zonas rurais. Segundo Moraes e Fioravanti (1998), desde o início do século XX, muitos nordestinos já procuravam uma vida melhor nos seringais e nos garimpos de ouro da Amazônia. Posteriormente, a pequena oferta de empregos nos centros urbanos continuou forçando o êxodo, ao passo que transformava o Nordeste no grande fornecedor de mão-de-obra não qualificada para as fazendas de café e indústrias do Centro-Sul.

Esse fornecimento de mão-de-obra começou com a venda de escravos. Nos últimos anos da escravatura, milhares de negros foram, em porões de navios, transferidos das plantações de cana do Nordeste para os cafezais do Centro-Sul, onde os escravos surgiam como mercadoria de muito valor. [...] Com a ligação rodoviária entre as duas regiões, concluída nos anos 50, houve então a fase dos tristemente célebres pau-de-arara. Caminhões com uma cobertura de lona na carroceria, neles se adaptavam bancos de madeira sem encosto. As estradas ainda não eram pavimentadas e, em viagens que duravam às vezes até 15 dias, outros milhares de nordestinos deslocavam-se para trabalhar na construção civil em São Paulo, nos cafezais recém-abertos do norte do Paraná ou nas fazendas de Goiás e Mato Grosso. (Garcia, 1987, p. 31-32)

Os últimos paus-de-arara trafegaram até meados da década de 1960, quando a Polícia Federal passou a impedir seu tráfego nas rodovias. No entanto a migração dos nordestinos para o Centro-Sul, principalmente pelo fascínio pelas notícias que chegavam sobre as oportunidades no estado de São Paulo, continuou. Um pouco antes, na década de 1950, o Nordeste já se transformava, nacionalmente, no tema preferido dos intelectuais ligados às esquerdas, o território passou a ser “eleito como área prioritária, no sentido de se fazer mudanças estruturais, para as quais se contava com o apoio da ‘burguesia nacional’ do Sul” (Albuquerque Jr., 2001, p. 196).

A história da região repercute em uma série de contrastes, entre a riqueza da cultural e o nível de desigualdade social. “A mistura das três raças formadoras da sociedade brasileira foi mais forte na região nordestina que em qualquer outra parte. Ali se deu a miscigenação com maior intensidade, sendo mais marcante a presença do negro e do índio na cor e em outros caracteres étnicos” (Garcia, 1987, p. 11). Sua formação parte de uma sociedade estratificada, onde toda a riqueza era concentrada nas mãos dos brancos. Os indígenas como viviam em um

estado de nomadismo não se adaptaram a escravização imposta, por isso, como solução, durante mais de três séculos, o desprezível tráfico de negros escravizados foi promovido entre a África e o Brasil, para sanar a falta de mão-de-obra nas plantações de cana.

Alguns indicadores sociais ao longo dos anos ilustravam a desigualdade entre nordestinos e o restante do país, como o alto índice de mortalidade infantil, média de vida e a taxa de analfabetismo. Para Albuquerque Jr. (2001), retrato de um “espaço sociopolítico diferenciado e contrastante, carente, pesado, responsável pela existência de tantos problemas, misérias e conflitos” (p. 13), que repercutiram em muitos “estereótipos e mitos que mobilizaram ‘todo o universo de imagens negativas e positivas, socialmente reconhecidas e consagradas, que criaram a própria ideia de Nordeste’” (p. 14).

Politicamente, a região sofreu múltiplas formas de exclusão social e cultural. “Nina Rodrigues, por exemplo, já chamava a atenção para o perigo constante de dilaceramento da nacionalidade entre uma civilização de brancos no Sul e a predominância mestiça e negra no Norte” (Albuquerque Jr., 2001, p. 57). Dentro dessa perspectiva, o mestiço passou a ser visto como um indivíduo pouco civilizado e preguiçoso, enquanto o branco sulista, um elemento forte, empreendedor, culturalmente superior e dominador. Esses elementos passaram a enaltecer a ideia de um Nordeste pobre e atrasado.

A dualidade entre o Nordeste e o Sul do Brasil passou a ser vista como um obstáculo para o desenvolvimento do país, o que provocou um movimento de tentativa de consciência política, como pode ser atestado pelo Movimento de Cultura Popular, por exemplo, que passou “a usar imagens como a do cangaceiro, do vaqueiro, do coronel, do jagunço, para, ao mesmo tempo, tornar estes personagens símbolos de forças sociais em atuação na sociedade e reforçar a identificação dos alunos com seus ‘heróis’, com os mitos formadores de sua região (Albuquerque Jr., 2001, p. 1197).

As mesmas imagens que inicialmente foram utilizadas com o propósito de movimentar as forças sociais, acabaram se perpetuando como estereótipos que caricaturavam o Nordeste e o seu povo a uma visão distorcida, estereotipada e xenofóbica, objetivando reduzir sua importância política e econômica.

Mudemos outra vez de canal. A novela das oito horas é mais uma vez sobre o “Nordeste”, pois lá estão presentes o coronel, muitos tiros e tocaias, o padre, a cidadezinha do interior e todos os personagens falam “nordestino”, uma língua formada por um sotaque postigo e acentuado e um conjunto de expressões pouco usuais, saídas do português arcaico, de uma determinada

linguagem local ou de dicionários de expressões folclóricas, de preferência.
(Albuquerque Jr., 2001, p. 19-20)

Os jornais apresentavam a ideia inventada pelas elites de um Nordeste reduzido a um lugar de inferioridade, e essa depreciação histórica foi sendo fomentada cada vez mais, principalmente com a expansão midiática, que apontava para a estigmatização em todas as esferas, enfrentando discriminação também no léxico, na forma de se expressar.

Apesar das tentativas de modernizar a economia nordestina durante o século XX, especialmente através da industrialização e da criação de polos petroquímicos e têxteis, essas medidas não foram suficientes para reduzir as disparidades socioeconômicas. Na atualidade, a economia nordestina mistura-se entre o tradicional Nordeste agrário-pastoril e a industrialização pós-Sudene (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, autarquia criada em 1959 para o desenvolvimento do Nordeste do Brasil, a partir de programas sociais, econômicos e políticos, que visam garantir um desenvolvimento mais justo e equilibrado para os nordestinos, logo, para os brasileiros).

A construção de usinas hidrelétricas, juntamente com a expansão das rodovias atraíram empresas de ramos diversificados, assim como, a descoberta de Petróleo no litoral. As consequências da industrialização repercutem no que apontam os dados do IBGE (2022): o quantitativo dos domicílios urbanos no Nordeste é de 87,1%, enquanto que o de domicílios rurais apresentam uma média de 12,9%. Dessa forma, a indústria tem contribuindo de forma significativa para impulsionar o Produto Interno Bruto (PIB) e gerar emprego. Outra questão que não pode passar despercebida, é o turismo, que segue como um grande triunfo da economia nordestina, que possui praias cobiçadas no cenário nacional, um rico patrimônio histórico, somados aos eventos culturais.

Por fim, essas mudanças que vêm acontecendo e os investimentos do governo federal, demonstram a resiliência e a transformação de uma região que insiste em reafirmar sua representatividade no desenvolvimento do Brasil, após séculos de história, cultura e desafios econômicos, com uma população que é a soma do processo histórico de colonização, miscigenação e migração. Ao contrário das gerações passadas que tinham no imaginário São Paulo como oásis, o Nordeste vem superando a desigualdade regional e revelando suas potencialidades, seja no âmbito da economia, da política, da educação ou da cultura.

Dados das localidades (IBGE)

A seguir são apresentadas algumas informações sobre as localidades que fazem parte da rede de pontos do ALiB-Nordeste, retiradas do *site* do IBGE (<https://cidades.ibge.gov.br/>), onde foram selecionados os dados sobre a população com base no último Censo Demográfico do Brasil realizado no ano de 2022; a localização (mesorregião); a respeito da economia foram citados o Produto Interno Bruto(PIB), que representa a soma de todos os bens e serviços finais produzidos numa determinada região, durante um período determinado, e o Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) que aparece no *site* datado de 2010; além da área da unidade territorial [2023].

Maranhão

- Turiaçu

Localização: Oeste Maranhense

População: 37.491 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 8.264,7

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,561

Território: 2.622,281 km²

- Brejo

Localização: Leste Maranhense

População: 34.120 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 8.907,79

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,562

Território: 1.073,258 km²

- Bacabal

Localização: Centro Maranhense

População: 103.711 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 14.412,91

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,651

Território: 1.656,736 km²

- Imperatriz

Localização: Oeste Maranhense

População: 273.110 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 29.592,70

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,731

Território: 1.369,039 km²

- Tuntum

Localização: Centro Maranhense

População: 36.251 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 8.646,78

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,572

Território: 3.369,119 km²

- São João dos Patos

Localização: Leste Maranhense

População: 25.020 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 13.084,13

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,615

Território: 1.483,256 km²

- Balsas

Localização: Sul Maranhense

População: 101.767 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 65.059,77

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,687

Território: 13.141,162 km²

- Alto Parnaíba

Localização: Sul Maranhense

População: 11.109 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 51.543,79

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,633

Território: 11.127,384 km²

Piauí

- Piripiri

Localização: Norte Piauiense

População: 65.538 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 14.362,92

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,635

Território: 1.407,192 km²

- Picos

Localização: Sudeste Piauiense

População: 83.090 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 24.676,75

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,698

Território: 577,284 km²

- Canto do Buriti

Localização: Sudoeste Piauiense

População: 19.365 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 12.725,69

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,576

Território: 4.325,643 km²

- Corrente

Localização: Sudoeste Piauiense

População: 27.278 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 25.426,51

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,642

Território: 3.048,747 km²

Ceará

- Camocim

Localização: Noroeste Cearense

População: 62.326 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 13.087,13

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,620

Território: 1.120,449 km²

- Sobral

Localização: Noroeste Cearense

População: 203.023 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 25.396,38

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,714

Território: 2.068,474 km²

- Ipu

Localização: Noroeste Cearense

População: 41.081 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 12.333,79

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,618

Território: 626,049 km²

- Canindé

Localização: Norte Cearense

População: 74.174 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 11.761,86

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,612

Território: 3.032,390 km²

- Crateús

Localização: Sertões Cearenses

População: 76.390 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$12.661,30

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,644

Território: 2.981,459 km²

- Quixeramobim

Localização: Sertões Cearenses

População: 82.177 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$17.008,80

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,642

Território: 3.324,987 km²

- Russas

Localização: Jaguaribe

População: 72.928 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 14.563,46

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,674

Território: 1.611,091 km²

- Limoeiro do Norte

Localização: Jaguaribe

População: 59.560 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 23.631,38

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,682

Território: 744,525 km²

- Tauá

Localização: Sertões Cearenses

População: 61.227 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 12.012,28

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,633

Território: 4.010,618 km²

- Iguatu

Localização: Centro-Sul Cearense

População: 98.064 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 18.380,39

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,677

Território: 992,208 km²

- Crato

Localização: Sul Cearense

População: 131.050 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 13.976,14

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,713

Território: 1.138,150 km²

Rio Grande do Norte

- Mossoró

Localização: Oeste Potiguar

População: 264.577 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 26.570,03

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,720

Território: 2.099,334 km²

- Angicos

Localização: Centro Potiguar

População: 11.632 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 15.405,34

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,624

Território: 741,582 km²

- Pau de Ferros

Localização: Oeste Potiguar

População: 30.479 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$23.028,80

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,678

Território: 259,959 km²

- Caicó

Localização: Central Potiguar

População: 61.146 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$20.295,80

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,710

Território: 1.228,583 km²

Paraíba

- Cuité

Localização: Agreste Paraibano

População: 19.719 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$10.842,53

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,591

Território: 733,818 km²

- Cajazeiras

Localização: Sertão Paraibano

População: 63.239 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$19.683,90

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,679

Território: 562,703 km²

- Itaporanga

Localização: Sertão Paraibano

População: 23.940 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$13.671,27

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,615

Território: 460,210 km²

- Patos

Localização: Sertão Paraibano

População: 103.165 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 18.329,13

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,701

Território: 472,892 km²

- Campina Grande

Localização: Agreste Paraibano

População: 419.379 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$25.066,11

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,720

Território: 591,658 km²

Pernambuco

- Exu

Localização: Sertão Pernambucano

População: 31.843 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 10.253,15

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,576

Território: 1.336,786 km²

- Salgueiro

Localização: Sertão Pernambucano

População: 62.372 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 16.278,25

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,669

Território: 1.678,564 km²

- Limoeiro

Localização: Agreste Pernambucano

População: 56.510 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 14.930,68

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,663

Território: 273,733 km²

- Olinda

Localização: Região Metropolitana de Recife

População: 349.976 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 14.700,91

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,735

Território: 41,300 km²

- Afrânio

Localização: São Francisco Pernambucano

População: 18.674 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 10.500,70

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,588

Território: 1.490,594 km²

- Cabrobó

Localização: São Francisco Pernambucano

População: 30.294 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 12.676,50

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,623

Território: 1.658,616 km²

- Arcoverde

Localização: Sertão Pernambucano

População: 77.742 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 16.141,61

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,667

Território: 343,923 km²

- Caruaru

Localização: Agreste Pernambucano

População: 378.048 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 23.456,58

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,677

Território: 919,069 km²

- Floresta

Localização: São Francisco Pernambucano

População: 30.137 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 13.294,71

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,626

Território: 3.637,247 km²

- Garanhuns

Localização: Agreste Pernambucano

População: 142.506 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 21.769,91

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,664

Território: 458,964 km²

- Petrolina

Localização: São Francisco Pernambucano

População: 386.791 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 22.244,46

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,697

Território: 4.561,870 km²

Alagoas

- União dos Palmares

Localização: Leste Alagoano

População: 59.280 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 21.467,05

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,593

Território: 420,376 km²

- Santana do Ipanema

Localização: Sertão Alagoano

População: 46.220 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 13.489,50

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,591

Território: 436,087 km²

- Arapiraca

Localização: Leste Alagoano

População: 59.280 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 21.467,05

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,593

Território: 420,376 km²

Sergipe

- Propriá

Localização: Leste Sergipano

População: 26.618 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 18.628,15

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,661

Território: 96,320 km²

- Estância

Localização: Leste Sergipano

População: 65.078 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 30.414,67

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,647

Território: 647,344 km²

Bahia

- Juazeiro

Localização: Vale São-Franciscano da Bahia

População: 237.821 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 23.601,32

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,677

Território: 6.721,237 km²

- Jeremoabo

Localização: Nordeste Baiano

População: 37.626 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 12.278,09

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,547

Território: 4.267,488 km²

- Euclides da Cunha

Localização: Nordeste Baiano

População: 61.456 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$13.015,70

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,567

Território: 2.025,368 km²

- Barra

Localização: Vale São-Franciscano da Bahia

População: 51.092 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 7.941,89

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,557

Território: 11.428,112 km²

- Irecê

Localização: Centro Norte Baiano

População: 74.507 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 20.694,32

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,691

Território: 319,174 km²

- Jacobina

Localização: Centro Norte Baiano

População: 82.590 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 23.131,75

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,649

Território: 2.192,905 km²

- Barreiras

Localização: Extremo Oeste Baiano

População: 159.734 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 44.221,63

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,721

Território: 8.051,274 km²

- Alagoinhas

Localização: Nordeste Baiano

População: 151.055 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 29.621,32

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,683

Território: 707,836 km²

- Seabra

Localização: Centro Sul Baiano

População: 46.160 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 14.103,88

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,635

Território: 2.402,170 km²

- Itaberaba

Localização: Centro Norte Baiano

População: 65.073 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 15.384,75

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,620

Território: 2.386,390 km²

- Santo Amaro

Localização: Metropolitana de Salvador

População: 56.012 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 18.905,29

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,646

Território: 494,502 km²

- Santana

Localização: Extremo Oeste Baiano

População: 24.755 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 12.840,88

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,608

Território: 1.909,353 km²

- Valença

Localização: Sul Baiano

População: 85.655 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 17.784,63

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,623

Território: 1.123,975 km²

- Jequié

Localização: Centro Sul Baiano

População: 158.813 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 20.325,74

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,665

Território: 2.969,039 km²

- Caetité

Localização: Centro Sul Baiano

População: 52.012 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 21.464,71

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,625

Território: 2.651,536 km²

- Carinhanha

Localização: Vale São-Franciscano da Bahia

População: 28.869 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 9.910,07

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: R\$ 0,576

Território: 2.525,906 km²

- Vitória da Conquista

Localização: Centro Sul Baiano

População: 370.879 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 23.907,93

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,678

Território: 3.254,186 km²

- Ilhéus

Localização: Sul Baiano

População: 178.649 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 32.756,00

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,690

Território: 1.588,555 km²

- Itapetinga

Localização: Centro Sul Baiano

População: 65.897 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 18.952,34

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,667

Território: 1.651,158 km²

- Santa Cruz Cabrália

Localização: Sul baiano

População: 29.185 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 19.546,74

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,654

Território: 1.462,942 km²

- Caravelas

Localização: Sul Baiano

População: 20.580 habitantes

PIB *per capita* [2021]: R\$ 16.145,53

Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,616

Território: 2.377,889 km²

PROCEDIMENTOS ADOTADOS

Esta pesquisa é desenvolvida a partir de levantamento bibliográfico, é do tipo qualitativa e traçada com base na observação de dados registrados pelo ALiB, sendo delimitada ao estudo da língua falada no território correspondente à Região Nordeste do Brasil. E os procedimentos para a análise de dados foram definidos com base nos aspectos que são relevantes para o estudo do léxico. Dessa maneira, a formação e a estrutura morfológica das lexias, o nível de ocorrências e as associações de sentido serão levadas em questão bem como as variáveis diatópica, diassexual e diageracional.

O desdobramento da pesquisa se deu a partir da audição e análise dos inquéritos do ALiB, que estão disponíveis para escuta dos pesquisadores integrantes do Projeto. As escutas dos áudios ocorreram no LabFon – Laboratório de Fonética, da Universidade Estadual de Feira de Santana. Juntamente com a escuta dos dados foram feitas as descrições das lexias referentes aos 69 pontos do interior do Nordeste. À vista disso, o recorte temporal da pesquisa corresponde ao início do século XXI, uma vez que o *corpus* do ALiB foi constituído durante o período de 2001 a 2013.

Após escuta e transcrição dos dados, está sendo feita a análise estrutural das lexias com base na metodologia adotada por Paim, Sfar e Mejri (2018), que organizam as palavras em classes gramaticais. Nos exemplários que constam nos Apêndices, estão descritas, em ordem alfabética, as lexias simples e complexas mencionadas pelos informantes como respostas e na sequência a descrição da localidade e do informante.

Nas respostas à pergunta 142 do QSL – “... A mulher que se vende para qualquer homem” (Comitê Nacional..., 2001, p. 32), foram documentadas no *corpus* lexias simples, como em (1), e lexias complexas, como em (2), seguindo a classificação proposta por Biderman (1996):

(1) *prostituta, meretriz, vadia, quenga, piriguetete, galinha, piranha*

(2) *mulher da vida, mulher de programa, mulher de bordel, mulher da vida fácil*

O quantitativo do número de ocorrências lexicais observadas viabiliza a interpretação da realidade do português brasileiro dentro do recorte temporal de que o *corpus* estudado faz parte, ratificando a compreensão de que a língua é um espelho da dinâmica social do povo que

a utiliza. Assim, procedeu-se à contagem de cada variante e ao cálculo da frequência dos dados, considerando as variáveis estabelecidas.

A seguir, as lexias são descritas do ponto de vista da sua estrutura acompanhadas da sua interpretação do ponto de vista da sua formação metafórica e do seu processo criativo. Para tanto, são consultados dicionários – o *Dicionário informal da língua portuguesa*⁴, o *Dicionário Houaiss online* (Houaiss na Uol) e o *Dicionário prático de língua portuguesa* (Rios, 1998) – para se verificar o registro ou não dessas formas. Em momento posterior, os resultados serão cartografados.

⁴ O *Dicionário informal da língua portuguesa* é um dicionário *online*, onde usuários podem escrever definições para palavras, e cada significado adicionado recebe votos, sendo então construído coletivamente, de acordo com o sentido que for mais votado, se tornando a primeira acepção, e assim por diante. Seu conteúdo é significativo para esse estudo, pois possui maior aproximação da oralidade, trazendo, inclusive, usos que não são encontrados nos dicionários tradicionais.

5 RESULTADOS E ANÁLISE DOS DADOS

Após a audição dos áudios do ALiB-Nordeste, foram levantados os dados das respostas à pergunta 142 do QSL – “... A mulher que se vende para qualquer homem” (Comitê Nacional..., 2001, p. 32). No Quadro 3 são apresentadas as lexias registradas nas localidades do interior a partir das respostas dos quatro informantes (todos de escolaridade fundamental). Após a primeira resposta, alguns dos inquiridores solicitaram aos informantes outras denominações (“Conhece por outro nome?”, “Tem outros nomes?”, “Chama de outro jeito?” ...). Assim, as lexias estão apresentadas na ordem das respostas obtidas.

Quadro 3: Respostas dos informantes

ESTADO	PONTO	LOCALIDADE	Informante 1 (Homem, Faixa I)	Informante 2 (Mulher, Faixa I)	Informante 3 (Homem, Faixa II)	Informante 4 (Mulher, Faixa II)
MARANHÃO	25	TURIAÇU	não respondeu	prostituta	prostituta	prostituta
	27	BREJO	prostituta	mulher da vida, sirigaita	mulher da vida, rapariga, meretriz	chifreira, mãe solteira, sendeira
	28	BACABAL	prostituta	prostituta	prostituta, rapariga	safada
	29	IMPERATRIZ	quenga, vadia	prostituta	meretriz	meretriz, piranha, galinha, vagabunda
	30	TUNTUM	prostituta, rapariga	rapariga, puta, prostituta	rapariga, mulher da vida	mulher de programa, puta
	31	SÃO JOÃO DOS PATOS	prostituta, vadia, safada, sem vergonha	rapariga, biscate	rapariga	prostituta, mulher de programa, meretriz, rapariga
	32	BALSAS	rapariga	rapariga	áudio com problema	malandra, vadia
	33	ALTO PARNAÍBA	rapariga, puta	bandida, sem responsabilidade	bandida, pessoa de nada	puta, piranha
PIAUI	35	PIRIPIRI	prostituta, mulher da vida	prostituta	prostituta	prostituta, meretriz
	36	PICOS	mulher da vida, prostituta	prostituta, mulher da vida	quenga, rapariga, puta	prostituta, rapariga, mulher vadia
	37	CANTO DO BURITI	galinha, piranha, cachorra, cadela	prostituta, rapariga	prostituta, rapariga	prostituta, rameira, meretriz
	38	CORRENTE	garota de programa, rapariga	prostituta, garota de programa	não respondeu	adúltera, prostituta, rapariga
CEARÁ	39	CAMOCIM	prostituta	rapariga	prostituta, rapariga, puta	prostituta, rameira
	40	SOBRAL	prostituta, mulher da vida	prostituta, quenga	prostituta	galinha, prostituta
	42	IPU	prostituta, rapariga	prostituta	rapariga	prostituta
	43	CANINDÉ	prostituta, rapariga, puta	prostituta, mulher de programa, rapariga	prostituta, puta, mulher fácil	prostituta, galinha
	44	CRATEÚS	rapariga, prostituta	prostituta, mulher da vida	prostituta, meretriz, puta	quenga, vagabunda, vira-lata

	45	QUIXERAMOBIM	prostituta, meretriz	prostituta	prostituta, rampeira, vagabunda	prostituta, mulher da vida
	46	RUSSAS	prostituta, rapariga	prostituta	prostituta	vagabunda, piranha, rapariga
	47	LIMOEIRO DO NORTE	prostituta, garota de programa	prostituta	prostituta	rapariga
	48	TAUÁ	garota de programa, prostituta, rapariga, puta	puta, rapariga, bandida	prostituta, rapariga	prostituta, garota de programa
	49	IGUATU	mulher da vida, rapariga, moça da vida	prostituta, rapariga	galinha, vagabunda	leviana, mulher sem moral
	50	CRATO	prostituta	prostituta, vagabunda	prostituta, rapariga, quenga, fuleiragem	sem vergonha
RIO GRANDE DO NORTE	51	MOSSORÓ	rapariga, vagabunda, prostituta, cachorra, safada	prostituta, rapariga	sem futuro, rapariga velha, puta velha	prostituta, mulher solteira, mulher da vida
	52	ANGICOS	bandida, safada, rapariga, cachorra	prostituta	prostituta	prostituta, mulher da vida
	54	PAU DOS FERROS	prostituta, rapariga	prostituta, bandida, rapariga	vagabunda, não tem prestígio de nada, pilantra, safada, rapariga	prostituta, mulher vulgar
	55	CAICÓ	prostituta, mulher vulgar	prostituta	prostituta, rapariga, mulher de programa	mulher de vida livre, cafetina da noite, puara
PARAÍBA	56	CUITÉ	prostituta, rapariga, chifreira	prostituta, rapariga	áudio com problema	prostituta, rapariga, mulher muito vulgar
	57	CAJAZEIRAS	prostituta, quenga	prostituta, rapariga	prostituta, rapariga	prostituta, rapariga
	58	ITAPORANGA	rapariga, piranha	rapariga, puta	prostituta, rapariga	rapariga, vigarista, enrolona
	59	PATOS	prostituta, rapariga, mulher de programa	prostituta, rapariga	mulher de vida fácil, prostituta, puta, piranha, jacaré	prostituta, vagabunda, vulgar, cachorra, vadia
	60	CAMPINA GRANDE	prostituta	prostituta, rapariga, mulher de bordel	meretriz, vadia, prostituta, vagabunda	prostituta, vadia, vagabunda
PERNAMBUCO	62	EXU	rapariga, cabeça de porco, vadia	prostituta, rapariga, cabeça de porco	prostituta, cabeça de porco, bandida	prostituta, cabeça de porco, puta, rapariga, galinha, fuleira
	63	SALGUEIRO	rapariga, quenga, piriguete	prostituta, vagabunda, mulher da vida, mulher barata	rapariga, mulher da vida	prostituta
	64	LIMOEIRO	prostituta, rapariga, rampeira	rapariga, prostituta, puta	prostituta	prostituta, meretriz, mulher bandida
	65	OLINDA	prostituta, garota de programa	prostituta, rapariga, vendedora de corpo	mulher da vida fácil	mulher da vida fácil, prostituta, rapariga
	66	AFRÂNIO	prostituta, garota de programa, quenga, rapariga	prostituta, sem futuro	prostituta, banda voou, mulher vagabunda	vagabunda
	67	CABROBÓ	prostituta, vadia, piriguete, cotovia	prostituta, mulher de programa	prostituta, puta, rapariga, sem vergonha	piriguete, margarete, rapariga, puta
	68	ARCOVERDE	puta, rapariga, prostituta	prostituta	rapariga, prostituta, mulher vulgar	áudio sem a pergunta
	69	CARUARU	rapariga, prostituta, puta fuleira, derrubada	prostituta, quenga, puta, rapariga, fuleira	prostituta, rapariga	prostituta, mulher da vida, mulher da vida fácil
	71	FLORESTA	garota de programa, prostituta	rapariga, mulher de programa, prostituta	prostituta, rapariga	mulher bandida, puta, rapariga

	72	GARANHUNS	prostituta, rapariga	prostituta	prostituta, rapariga, quenga, puta	prostituta, rapariga, puta
	73	PETROLINA	rapariga, mulher de brega	prostituta, galinha	prostituta	prostituta
ALAGOAS	74	UNIÃO DOS PALMARES	prostituta, mulher da vida	mulher da vida	prostituta, rapariga	adúltera, mulher da vida, meretriz, rapariga
	75	SANTANA DO IPANEMA	prostituta, rapariga	mulher fácil, quenga, rapariga, prostituta	meretriz, mulher de rua	prostituta, rapariga
	76	ARAPIRACA	prostituta, quenga, rapariga, puta, piranha	prostituta, mulher de programa	prostituta, rapariga	prostituta, mulher da vida
	78	PROPRIÁ	prostituta, rapariga	prostituta, rapariga	rapariga, prostituta	prostituta, rapariga, piranha
SERGIPE	80	ESTÂNCIA	prostituta, puta de brega	prostituta	prostituta, mulher de rua	prostituta, mulher dama
BAHIA	81	JUAZEIRO	prostituta, rapariga	prostituta, galinha	prostituta, rapariga	prostituta
	82	JEREMOABO	meretriz, prostituta, puta, alça de caixa	prostituta, garota de programa	prostituta, puta, vagabunda, cachorra	prostituta, puta, rapariga
	83	EUCLIDES DA CUNHA	puta, galinha	prostituta, garota de programa, garota da vida	prostituta, puta, rapariga	prostituta
	84	BARRA	prostituta, rapariga, vagabunda	vagabunda, rapariga, quenga, puta	prostituta, rapariga	prostituta
	85	IRECÊ	prostituta, mulher safada, vagabunda	mulher da vida	puta, rapariga, prostituta	prostituta, rapariga
	86	JACOBINA	prostituta, rapariga	prostituta, mulher da vida	mulher bandida, mulher vira-lata	prostituta
	87	BARREIRAS	prostituta, rapariga, galinha	prostituta, rapariga	prostituta	mulher de programa, rapariga, prostituta, mulher sacana, mulher safada
	88	ALAGOINHAS	prostituta	prostituta, garota de programa	prostituta, mulher de programa, mulher da vida livre	prostituta, mulher que faz vida, mulher da vida fácil
	89	SEABRA	prostituta, rapariga, puta	mulher da vida, prostituta	prostituta, rapariga	vadia, vagabunda
	90	ITABERABA	prostituta, mulher de rua	prostituta,	prostituta, rapariga, mulher de rua	prostituta,
	91	SANTO AMARO	piriguete, prostituta	prostituta, meretriz	meretriz, mulher da vida	prostituta, mulher dama
	92	SANTANA	rapariga, puta, mulher de programa	piranha, rapariga, prostituta	pilantra, mulher fácil, mulher comercial, puta, rapariga, mulher volável, mulher leviana	rapariga, puta
	94	VALENÇA	mulher safada	prostituta, piriguete, vagabunda	prostituta, mulher sozinha	rapariga
	95	JEQUIÉ	não respondeu	prostituta, mulher da vida, garota de programa	prostituta	piranha, mulher safada
	96	CAETITÉ	prostituta, rapariga, sem vergonha	puta, prostituta, sem vergonha, safada, cachorra	rapariga, prostituta	sem vergonha, vaca de primeira, cadela, mulher cachorra

97	CARINHANHA	prostituta, rapariga, puta	prostituta, garota de programa	prostituta, rapariga, quenga, rabugenta, mulher bate bacia	vagabunda, sem vergonha, mulher sem responsabilidade, mulher malandra
98	VITÓRIA DA CONQUISTA	prostituta	sem áudio	prostituta	prostituta, safada
99	ILHÉUS	prostituta, vagabunda, fazedora de programa	prostituta, vagabunda, garota de programa	prostituta, piriguete, rampeira	prostituta
100	ITAPETINGA	prostituta	prostituta	prostituta, rapariga	mulher galinha, mulher de vida, mulher da vida fácil, cachorra, mulher da vida livre
101	SANTA CRUZ CABRÁLIA	vagabunda, puta, safada, descarada	prostituta, mulher fácil	áudio mudo	piranha, safada
102	CARAVELAS	prostituta, vadia	prostituta	malandra, piranha, vagabunda	puta, safada

Fonte: Elaboração própria.

Como se pode ver no Quadro 3, houve tanto lexias simples quanto lexias complexas registradas no interior do ALiB – Nordeste. Dos 276 informantes previstos nas 69 localidades, não há os seguintes registros, portanto oito não-respostas:

- Informante 1 de Turiaçu (MA), informante 3 de Corrente (PI) e informante 1 de Jequié (BA), que alegaram não saber a resposta para a pergunta referente a ‘prostituta’;
- Informante 3 de Balsas (MA), informante 3 de Cuité (PB), informante 4 de Arcoverde (PE), informante 2 de Vitória da Conquista (BA) e informante 3 de Santa Cruz Cabralia (BA), por problemas nos áudios.

Assim, foram computadas 624 respostas, dentre as quais 497 lexias simples e 127 lexias complexas, como se pode ver na Tabela 1, a seguir:

Tabela 1: Distribuição geral dos dados – lexias para ‘prostituta’ no Nordeste

Lexias simples	Lexias complexas	Total
497	127	624
79,6%	20,4%	

Fonte: Elaboração própria.

Verificou-se que as lexias simples foram mais numerosas (79,6%) do que as complexas (20,4%). Dentre as lexias simples, *prostituta* foi a mais produtiva, tendo sido enunciada por 200 informantes, em sua grande maioria como primeira resposta, seguida de *rapariga*, *puta*, *vagabunda* e *meretriz*. Quanto às lexias complexas, as mais frequentes foram as formadas com a base *mulher [...]* (sobretudo *mulher da vida*), seguidas de *garota de programa* e *sem vergonha*. Esses resultados podem ser visualizados na Tabela 2, a seguir:

Tabela 2: Lexias simples e complexas para ‘prostituta’ no Nordeste

Lexias simples			Lexias complexas		
<i>prostituta</i>	200	40%	<i>mulher [...]</i>	85	67%
<i>rapariga</i>	115	23%	<i>garota de programa</i>	14	11%
<i>puta</i>	41	8%	<i>sem vergonha</i>	7	5%
<i>vagabunda</i>	25	5%	outras	21	17%
<i>meretriz</i>	15	3%			
outras	101	21%			
Total	497		Total	127	

Fonte: Elaboração própria.

Na Tabela 2, foram agrupadas sob o rótulo *outras* as lexias que apresentaram baixa ou única ocorrência. Esses casos estão apresentados e descritos mais adiante.

Comparando esses resultados com os das capitais, apresentados por Isquendo e Benke (2023), vê-se uma certa homogeneidade em toda a Região Nordeste, pois dizem as autoras: “Os dados lexicais [...] demonstram que as denominações *mulher*, *prostituta*, *puta* e *rapariga* foram as mais frequentes nas capitais nordestinas” (Isquendo; Benke, 2023, p. 273). Entretanto, diferentemente dos nossos resultados, as autoras afirmam, quanto às capitais nordestinas, que a lexia *garota de programa* se insere entre as menos frequentes, tendo sido documentada apenas em Fortaleza, Recife e Maceió.

RESPOSTAS DOS INFORMANTES

Quanto à interdição vocabular que é descrita por Guérios (1956), por conta do tabu em torno do meretrício, além de outras circunstâncias já mencionadas, especificamente, no *corpus* da pesquisa, o tipo de tabu linguístico encontrado nos inquéritos foi a vergonha diante do inquiridor. Os três excertos apresentados a seguir são transcrições de inquéritos do ALiB –

Nordeste referentes à pergunta que objetiva extrair respostas para denominações para ‘prostituta’ e exemplificam o constrangimento do informante:

- (1) INQ. – [...] E a mulher que se vende para qualquer homem?
 INF. – Se vende?
 INQ. – É.
 INF. – Eu não sei não.
 INQ. – Essas mulheres que ganham dinheiro assim...
 INF. – Eu sei como é, agora tá faltando é o detalhe pra eu dizer como é que se chama pra elas.
 INQ. – Nenhum nome que chama pra elas? Tem vários.
 (silêncio) (Turiaçu-MA, homem, faixa I)
- (2) INQ. – Como se chama a mulher que se vende por dinheiro para qualquer homem?
 INF. – Aí eu não sei não.
 INQ. – Tem um monte assim.
 INF. – É. Tem. Pode ter. Mas...
 INQ. – Mas tem uns nomes assim... Aquela ali é...
 INF. – Não lembro agora. (Corrente-PI, homem, faixa II)
- (3) INQ. – [...] E como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?
 (silêncio)
 INQ. – Como é que a gente fala?
 (silêncio)
 INQ. – (repete a pergunta) Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem?
 (silêncio)
 INQ. – Como é que se fala aqui?
 (silêncio)
 INQ. – Como é que se fala? Essa mulher à toa, que o sujeito dá um dinheiro e ela fica com aquele cara, se diz que é o quê?
 (silêncio)
 INQ. – Depois vou voltar pra essa pra ver se você lembra. (Jequié-BA, homem, faixa I)

Observa-se que mesmo em situações como no último exemplo, ocorrido na localidade de Jequié, em que o inquiridor se antecipa e chega a sugerir a expressão *mulher à toa*, o informante continua inibido diante da pergunta e não apresenta nenhum tipo de resposta. Acredita-se que, embora tenham sido documentadas várias denominações diferentes (entre lexias simples e complexas), a metodologia empregada pelo ALiB não possibilitou a enunciação, por muitos falantes, de outros termos ou expressões, por causa do tabu linguístico que perpassa por certos temas, como o da prostituição.

Denominações mais frequentes

Dentre as denominações enunciadas pelos informantes durante os inquéritos, as cinco lexias coletadas mais frequentes foram *prostituta*, *rapariga*, *puta*, *mulher da vida* e *vagabunda*, como mostrado no Quadro 4, a seguir:

Quadro 4: Denominações mais frequentes para ‘prostituta’

LEXIA	NÚMERO DE OCORRÊNCIAS
<i>prostituta</i>	200
<i>rapariga</i>	115
<i>puta</i>	41
<i>mulher da vida</i>	31
<i>vagabunda</i>	25
<i>meretriz</i>	15

Fonte: Elaboração própria.

Vale registrar que as duas primeiras lexias – *prostituta* e *rapariga* – apresentaram um índice de ocorrência bem maior que as demais. Considerando o contexto da situação comunicativa, uma entrevista gravada com um inquiridor desconhecido, muito provavelmente o informante recorre a termos mais próximos do vocabulário considerado padrão ou neutro (no sentido de não ser ofensivo). Daí o maior uso de *prostituta*, que se refere à profissão, sem emissão de julgamento.

Quanto a *rapariga*, que aparece em segundo lugar, parece que também é desprovido de carga pejorativa (ou o menos desprovido), mas aparece, em geral, como segunda resposta, após insistência do inquiridor para que o informante profira outras denominações. Para Xiao (2015, p. 59, “quase todas as palavras relacionadas com *rapariga* podem ser empregadas para exprimir atenuadamente a condição de prostituta, de forma eufemística e em contexto que as aclarem”. É importante destacar que “*rapariga*” passou por uma mudança de sentido no Brasil. Inclusive, nos dicionários, encontramos outro significado além de profissional do sexo: “mulher jovem” (Rocha, 2003, p. 517). No português europeu esse é o valor semântico utilizado, significa apenas jovem, moça, uma menina com pouca idade.

Denominações de ocorrência única

No Quadro 3 é perceptível que muitas lexias se repetem ao longo do inquérito, no entanto há casos de registros de ocorrências únicas, em que vale salientar que apesar de terem sido utilizados como referência para a mulher que faz sexo em troca de dinheiro, algumas semanticamente são empregadas em contextos gerais para referir-se a mulheres julgadas como promíscuas ou consideradas como detentoras de uma moral sexual que difere dos padrões sociais, enquanto que outras lexias expressam o sentimento de repulsa, e não necessariamente seja uma designação para a mulher que viva do meretrício.

Dessa forma, há respostas que não se aplicariam à pergunta 142 do QSL do ALiB/Nordeste. Inclusive, em sua pesquisa sobre o tabu linguístico nas denominações latinas para ‘prostituta’, Zanuy (2004) já abordava essa questão sobre os diferentes usos:

Dos inúmeros nomes que uma prostituta recebe, nem todos têm o mesmo valor. Alguns se comportam como simples termos genéricos, termos que se limitam a traduzir a noção de “prostituta” no sentido de “mulher que mantém relações carnavais com homens em troca de dinheiro”. Outros oferecem a definição trivial de “prostituta” enriquecida por uma série de semas que aludem à sua categoria, à sua aparência externa, ao local onde realiza seu trabalho, à clientela que possui etc. (Zanuy, 2004, p. 105, tradução nossa)

Tendo isso em vista, dentre as expressões que constituem o *corpus*, são listadas a seguir as denominações genéricas, selecionadas seguindo o critério da abrangência de uso das lexias, por serem termos frequentemente utilizados na linguagem cotidiana, seja para classificar/julgar diretamente a mulher como não pertencente a um padrão idealizado, ou como forma de suavizar estigmas:

- *Mãe solteira*: como anteriormente mencionado na Seção 2, quando citada a interpretação para *mulher solteira*, expressão muito utilizada no APFB, “solteira” aparece, além da oposição ao estado civil de casada, como uma negação da condição de “ser moça”. No entanto o acompanhamento da palavra “mãe” caracteriza a mulher que, ao contrário das expectativas que a sociedade tradicional, machista e patriarcal impunha, não é mais virgem, não é casada, e “ainda” tem um filho. O termo *ainda* é colocado entre aspas porque historicamente esse filho muitas vezes foi colocado como o agravo do símbolo

da vergonha para as famílias e muitas mulheres inclusive eram expulsas de casa, normalmente pela figura do pai, visto que a gravidez fora do casamento também era objeto de tabu, levando essas mães a enfrentarem a discriminação e a rejeição, frutos do abandono pelo companheiro, pela família e pela sociedade. Fonseca (2012, p. 21) esclarece que “a vergonha não remetia à gravidez em si (afinal de contas, a maternidade era o destino de toda mulher) nem à solteirice em si [...]. Era a combinação dos dois – a conotação de relações sexuais fora do casamento – que suscitava escândalo” (p. 21). Até os dias atuais, as mulheres que criam os filhos sem a presença paterna relatam os estigmas que precisam enfrentar diante de uma sociedade que ainda guarda as raízes do patriarcado. A diferença é que a expressão “mãe solteira” vem sendo substituída por “mãe solo”, expressão utilizada de forma acolhedora para designar mulheres que são inteiramente responsáveis pela criação e educação de seus filhos. O termo é uma espécie de releitura desse lugar, onde se encontram essas mulheres, com o intuito de revelar a verdadeira face do abandono paterno, que por muito tempo absolvía o dever do homem e impunha apenas sobre a mulher o papel de responsabilidade sobre as ações e sobre todo tipo de assistência para a criança, restando a ela diversos desafios, como a solidão, o estigma social e, principalmente, a dificuldade financeira.

- *Biscate*: é uma expressão que aparece no dicionário como sinônimo de meretriz. Rios (1998, p. 102) apresenta os seguintes significados: 1. Obra ou trabalho de pouca monta; bico. 2. Coisa sem valor. 3. *Gí*. Prostituta, meretriz. O *Dicionário informal da língua portuguesa* em sua versão *online* traz entre os significados atribuídos ao verbete, além da prostituta: 3. *Mulher fácil de se relacionar sexualmente*. 6. *Moça de moral um pouco duvidosa, namoradeira, que sai com todos os rapazes para namoros curtos e rápidos*. 8. *Garota que transa com todo mundo, mesmo sem ser namorada e sem ser garota de programa*. Exemplo citado: “A menina que ficava com todos os garotos do colégio era chamada de biscate”.
- *Vulgar/mulher muito vulgar*: “2. Que anda na boca do povo; popular; tornar público” (Rios, 1998, p. 530). Traduz a ideia de uma pessoa indecente, imoral e deselegante, seja na forma de falar, vestir-se ou se portar “inadequadamente”

em meio à sociedade. Nesse contexto, está relacionada à promiscuidade feminina, em que a sexualidade da mulher, pelos padrões estabelecidos, deve ser de forma modesta, daí a naturalização da frase “sexy sem ser vulgar” como medida de sensualidade, comumente atrelada às vestimentas femininas. Roupas com comprimento curto, modelagem justa, decote, transparência e batom vermelho eram sinônimos de vulgaridade; assim, ao longo da história, retratavam o perfil da mulher vulgar, visto que, habitualmente, também era o estilo utilizado pelas prostitutas para atrair os seus clientes. Esse tópico sobre a estigmatização do que convém ou não à mulher vestir está entre as lutas e debates travados por igualdade entre gêneros.

- *Pessoa de nada*: expressão utilizada como declaração de repúdio para a mulher prostituta, com a ideia de coisa nula, sem valor. Conforme conceitos apresentados em dicionários, “nada” é sinônimo de inutilidade.
- *Cafetina da noite*: denominação que não define a prostituta, mas a mulher que é “dona do bordel” (Rios, 1998, p. 116).
- *Vigarista*: sinônimo de pessoa trapaceira, enganadora. É uma conotação depreciativa para a prostituta.
- *Enrolona*: seria uma variação de “enrolado”. “2. Diz-se do indivíduo complicado, confuso” (Rios, 1998, p. 231). Associa-se a uma pessoa sem compromisso.
- *Alça de caixão*: expressão conotativa utilizada pejorativamente para indicar alguém que se relaciona com vários parceiros. A primeira hipótese a ser considerada é o fato de o caixão ser um símbolo do fim da vida terrena, logo o homem que se relaciona com a prostituta, por ficar vulnerável a todo tipo de doença sexualmente transmissível, estaria mais perto da morte. Outra hipótese surge a partir da frase “mulher é igual alça de caixão: quando um larga vem outro e põe a mão”, que é atribuída a Zé do Caixão, considerado um cruel e sádico agente funerário, personagem criado em 1963, conhecido pelos filmes de terror e interpretado pelo ator brasileiro José Mojica Marins. Essa frase do personagem é reforçada pela tradição existente em algumas cidades do interior, onde há o costume de fazer o cortejo fúnebre da casa do defunto até o cemitério, sendo comum a “troca de mãos” na alça do caixão, entre familiares, amigos e

conhecidos, que se revezam para carregar o caixão até o local de destino, daí a ideia de lugar em que “passam muitas mãos”⁵. Essa expressão remete ao termo *publica* apresentado por Zanuy (2004) dentre as 15 lexias latinas para a profissão do sexo. No caso do registro da autora, ela explica que

[...] a existência desta denominação revela que as prostitutas eram vistas como mulheres vulgares, no sentido etimológico do termo, ou seja, mulheres que pertenciam à classe *vulgus*, mulheres do povo, em oposição às mulheres privadas, que pertenciam sexualmente aos seus maridos. (Zanuy, 2004, p. 120, tradução nossa)

- *Leviana*: diante dos significados encontrados em dicionários, nesse contexto essa denominação pode estar relacionada a uma pessoa insensata, cujas ações são consideradas irresponsáveis. Mas no *Dicionário informal da língua portuguesa* pode ser encontrada também como referência para ‘prostituta’ utilizada na Região Nordeste. “No Nordeste, *leviana* significa biscate, mulher fácil”. Lima (2011, p. 52) relata que as moças levianas eram o oposto das “moças de família”.
- *Rabugenta*: adjetivo para definir uma pessoa mal-humorada, implicante ou que reclama de tudo. Não se aplicaria como resposta à pergunta em estudo. Trata-se, pois, de um difemismo.
- *Moça da vida*: tendo em vista que o substantivo “moça” é a definição para uma mulher jovem, a expressão pode aludir à prostituta na fase da juventude, em contraste com *mulher da vida*, que seria uma mulher mais velha, provavelmente uma associação feita por analogia ao par *garota de programa* (mais jovem) e *mulher de programa* (mais velha).
- *Mulher sem moral*: ou seja, imoral, aquela que vive contrariamente aos princípios morais estabelecidos pela sociedade. Essa denominação deixa bem claro os estigma e preconceito em relação à ‘prostituta’.
- *Mulher de bordel*: denominação que faz referência ao lugar oficialmente conhecido como casa de prostituição, onde a prostituta exerce o seu trabalho.

⁵ Já em outras localidades do interior nordestino, o procedimento é diverso: só os mais íntimos do falecido podem tocar a alça do caixão.

- *Putá fuleira*: o adjetivo “fuleira” refere-se a algo “1.sem valor, insignificante” (Rios, 1998, p. 277), ou seja, mais um termo de valor depreciativo. Para Ribeiro (2017, p. 63), “fazem *referência* ao estilo de vida e à profissão dessas mulheres”.
- *Vendedora de corpo*: essa denominação faz analogia à troca do sexo por dinheiro, em que o corpo do indivíduo, no caso a prostituta, é a moeda de troca.
- *Banda voou*: de maneira generalizada, essa denominação é uma associação a pessoas que vivem sem compromisso com ninguém, sem responsabilidade e são desapegadas e inconsequentes.
- *Putá/mulher de brega*: fraseologismo registrado em Sergipe, remete à expressão *mulher bregueira*, encontrada nos dados das capitais, com ocorrência única na cidade de Salvador (BA). Segundo Benke (2012), “brega” é como popularmente ficou conhecido o estabelecimento em que a mulher exerce a sua função de profissional do sexo, configurando-se como um regionalismo da Bahia e de uso informal. Uma das teorias para o surgimento desse regionalismo é apresentada pelo cantor Caetano Veloso (1997):

[...] na origem um substantivo chulo que significava ‘puteiro’ dizem que, a partir do nome Padre Manuel da Nóbrega de uma rua de zona de prostituição em Salvador ou Cachoeira sobre cuja placa quebrada restavam apenas as duas últimas sílabas do nome do sacerdote. (Veloso, 1997 apud Oliveira, 2022, p. 13)

A área urbana referida era do baixo meretrício e o termo passou a ser aplicado também a pessoas que se mostram sem elegância e que exibem mau gosto.

- *Mulher vadia*: o adjetivo “vadio”, segundo Rios (1998, p. 517), é o indivíduo “1. Que vive vagueando, sem ter meio de vida conhecido ou decente, por não querer trabalhar”. Contextualizando, essa designação reafirma o estereótipo frequentemente utilizado para quem vive do meretrício: de pessoa de vida fácil, como posteriormente será abordado, irresponsável, sem juízo e que desrespeita os bons costumes. Para Ribeiro (2017, p. 75), vadia “parece estar relacionada ao fato de as prostitutas não apresentarem, no seu ofício, exigências de um emprego formal”. Na novela “Avenida Brasil” (2012), da Rede Globo, os personagens Jorginho e Nina (Rita), interpretados, respectivamente, por Cauã Reymond e Débora Falabella, em várias cenas chamavam a personagem Carminha,

interpretada por Adriana Esteves, de “vadia” no sentido de ‘prostituta’ não só por ter trabalhado no meretrício no passado mas também pelo fato de Carminha ter traído os dois maridos – Genésio (pai de Nina/Rita), interpretado por Tony Ramos, e Jorge Tufão (pai adotivo de Jorginho), interpretado por Murilo Benício – com o amante Max, personagem interpretado por Marcelo Novaes.

- *Vira-lata*: popularmente esse é o nome utilizado para os cães de origem híbrida, que não são considerados “de raça”, e, de forma geral, quando utilizado para pessoas, é com a ideia de classificá-las como culturalmente inferiores (Benke, 2012).
- *Sacana*: definição para o sujeito sem princípios, mau caráter. O *blog* da *Etimoteca*, que aborda a origem das palavras e expressões utilizadas no nosso dia a dia, aponta um registro interessante. A expressão em hebraico significa “perigo”, tendo a mesma raiz que *sakin* (punhal), *sakina* (bandido) e *sakun* (risco). E acrescenta que, quando uma importante comunidade judia da Europa Central emigrou para o Rio de Janeiro e São Paulo, as famosas polacas, como eram conhecidas, judias que se tornavam escravas sexuais no Brasil, residiam nos bairros malfamados onde as mulheres se dedicavam à prostituição. Então, elas se comunicavam em *iídiche*, dialeto adaptado pelos judeus da Europa Central utilizando caracteres hebraicos. Assim, visto que “sacana” quer dizer “perigo”, como mencionado, “quando a polícia chegava, ouvia-se essa palavra pronunciada enquanto as janelas e portas se fechavam. Os policiais passaram a chamar a essas zonas de ‘sacana(gem)’” (<https://etimoteca.blogspot.com/>). No livro *Baile de máscaras: mulheres judias e prostituição, as polacas e suas associações de ajuda mútua* (1996), a autora Beatriz Kushnir relata a trajetória dessas mulheres no Brasil.
- *Comercial*: assim como “vendedora de corpo”, essa denominação denota a relação de negócio, compra e venda.
- *Volável*: tendo em vista que o termo se refere a algo inconstante, está relacionado às mudanças rápidas nos relacionamentos da prostituta.
- *Vaca de primeira*: como já mencionado, citando Ferreira e Cardoso (1994, p. 77), assim como outros nomes de animais utilizados para ‘prostituta’, “vaca”

possui valor pejorativo. A mesma informante (Caetité-BA, Inf. 4) que utiliza a expressão faz menção às denominações *cadela* e *mulher cachorra*.

Dentre as ocorrências únicas, destacam-se por serem inabituais:

- *Sendeira*: lexia enunciada na localidade de Brejo (MA) por mulher da faixa etária II. O *Dicionário informal da língua portuguesa* apresenta o verbete *sendeira* seguido do conceito: “expressão utilizada no Estado do Piauí, para definir mulheres separadas dos maridos; Mulher divorciada; Mãe solteira; Mulher errante; Mulher desvalorizada pela falta de um marido”. Exemplo apresentado: “*Sou uma mulher livre, sou sendeira, posso namorar quem eu quiser*”. Esses significados podem ser atestados na tese de doutorado da pesquisadora Viviane de Oliveira Barbosa (2013), que trata da história de mulheres quebradeiras de coco babaçu no Maranhão, com uma abordagem sobre representações sociais, relações de trabalho e gênero, em que ela afirma que:

A palavra *sendeira* como entendida nas comunidades da região do Médio Mearim maranhense significa exatamente mulher separada do marido, divorciada por escolha própria ou mesmo pelas contingências do abandono. Entretanto o significado da mesma palavra em dicionários da língua portuguesa pode expressar tolice, sandice, parvoíce e até mesmo “mulher desprezível”. (Barbosa, 2013, p. 242-243)

Um vídeo musical registrado na plataforma YouTube (<https://www.youtube.com/>) com o título *Mulher sendeira essa é dos caras*, publicado pela conta “Forro dos caras”, datado de 29 de julho de 2022, expressa a seguinte letra:

Mulher sendeira a sua vida parece com a minha
 Vamos esquecer o passado
 Jogue isso fora e deixa o vento levar.
 Dizem que você está sozinha,
 Largou o teu marido, tá sendeira.
 Olha eu também estou sozinho,
 Larguei a minha, estou sendeiro
 [...] você tá sendeira eu também tô sozinho, vamos conversar [...].

O verbete na forma masculina “sendeiro” é encontrado nos dicionários. O *Dicionário do português nordestino* registra como adjetivo “grande, enorme” (Fonseca Jr., 2005, p. 136). Já o *Dicionário Houaiss online* (Houaiss na Uol): “que ou aquele que pratica ações mesquinhas, que é desprezível, servil”. Para o *Minidicionário da língua portuguesa*, “Diz-se de, ou cavalgadura velha e ruim” (Ximenes, 2000, p. 851). O *Novo Aurélio século XXI* conceitua como “3. Diz-se de, ou o cavalo de carga, robusto, mas de corpulência escassa” (Ferreira, 1999, p. 1836).

Assim, considerando os dicionários consultados, pode-se dizer que a lexia *sendeira* é reconhecida como um regionalismo nordestino para ‘prostituta’ e possui conotação depreciativa/pejorativa, apontando para a condição das mulheres que não são casadas e, pela maneira de viver, estigmatizadas socialmente.

- *Puara*: lexia enunciada em Caicó (RN) por mulher da faixa etária II. Não é uma lexia facilmente encontrada nos dicionários. Há registro no *Dicionário do português nordestino*, com a definição de “prostituta, meretriz, rameira” (Fonseca Jr., 2005, p. 125) e no *Dicionário informal da língua portuguesa* o verbete é apresentado da seguinte forma: “No Nordeste, o mesmo que prostituta, rapariga, quenga”, com o seguinte exemplo: ‘Fio da peste, bem que desconfiei que ele estava saindo com aquela puara’. A página do blog *É assim*, que é registrado como editorial do Estado de Alagoas, exibe uma nota publicada por Marcelo Firmino (2024), que promove uma pauta com o título “Fake News: Chamar político de rei das puaras ou dono de puteiro será crime?”, em que o editor confirma o significado de *puara*: “era como as avós e ‘sinhorinhas’ do interior nordestino chamavam as rivais do campo sentimental. Normalmente, eram as moradoras dos bordeis de cada cidade. ‘Lá vem aquela puara’. Era costumeira a reação, a cada passagem da figura em desafeto”. Dessa forma, pode-se afirmar que a lexia é um regionalismo nordestino.
- *Jacaré*: denominação proferida em Patos (PB) por homem da faixa etária II. Cientificamente, é de conhecimento geral que *jacaré* é um “réptil de grande porte, encontrado em rios, açudes e lagoas” (Rios, 1998, p. 325). Quanto ao uso dessa lexia para denominar ‘prostituta’, de acordo com o perfil desse animal, há

várias hipóteses para essa associação: 1^a – assim como o uso de outros nomes de animais levantados nesta pesquisa, pode estar associado ao caráter predatório do animal, que não possui parceiros fixos; 2^a – o jacaré possui como elemento físico marcante a boca grande, uma característica que o ajuda a alimentar-se e a defender-se, e, conotativamente, a prostituta sugeriria a ideia de abocanhar os homens; e 3^a – em algumas interpretações da crença popular, o jacaré é visto como um símbolo da hipocrisia e da falsidade – isso se deve à técnica de emboscada para capturar presas, permanecendo imóvel e esperando que a presa se aproxime; da mesma forma, o termo crocodilo é utilizado para definir uma pessoa dissimulada ou traiçoeira, como se pode atestar no fraseologismo “lágrimas de crocodilo”. O *Novo Aurélio do século XXI* exhibe 15 diferentes significados para esse verbete. Na perspectiva de interesse deste estudo, dois chamam atenção: um referente a um instrumento – “7. *Eletr.* Terminal elétrico, cuja forma lembra a cabeça de um crocodilo e que se utiliza para realizar **ligações rápidas e não permanentes**” (Ferreira, 1999, p. 1150, grifo nosso); e o outro classificado como uma gíria – “15. *Gír.* Indivíduo que fica à porta das igrejas esperando a passagem da namorada” (Ferreira, 1999, p. 1150). Indiretamente, aqui temos referências sobre uma forma livre de se relacionar e sobre técnica de captura, respectivamente.

- *Cotovia*: enunciada em Cabrobó (PE) por homem da faixa etária I. O *Dicionário prático de língua portuguesa* (Rios, 1998) traz no verbete *cotovia* o seguinte conceito: “ave passeriforme migratória que ocorre no centro e sul da Europa, notável por seu canto” (p. 173). O *Dicionário Houaiss online* (Houaiss na Uol) designa, entre os conceitos apresentados: “ave da fam. dos alaudídeos (*Alauda arvensis*), encontrada na Europa, Ásia e África, famosa pelo canto melodioso”. Nesse contexto, tendo em vista essa forte característica desse tipo de ave, que é o seu canto melodioso, a associação da cotovia com a prostituta, possivelmente, está atrelada à sedução e ao poder de encantamento das meretrizes por meio da oralidade. Um texto da Bíblia Sagrada, apresentado em Provérbios, capítulo 5, versículo 3, intitulado como “Advertência contra o adultério”, descreve esse encantamento que sai dos lábios da mulher considerada imoral: “[...] porque os lábios da mulher adúltera destilam favos de mel, e as suas palavras são mais

suaves do que o azeite[...]” (Wash; Barnes, 2017, p. 599). Essa ideia da mulher imoral, que atrai homens com seu canto para levá-lo à destruição, também é retratada na cultura popular pela figura mística e folclórica da sereia, personagem metade mulher, metade peixe, que para alguns é a personificação de uma entidade que habitava o mar e de lá atraía os marinheiros e pescadores com suas belas canções, com o propósito final de matá-los. Outro texto de Provérbios (23:27) apresenta: “pois a prostituta é uma cova profunda e a mulher pervertida é um poço estreito”. O jornal *Folha do Norte*⁶, de Feira de Santana, que circulou entre os anos de 1909 e 1939, também registra a denominação *cotovia* para ‘prostituta’⁷.

- *Margarete*: proferida em Cabrobó (PE) por mulher da faixa etária II. Ao ser perguntada pelo entrevistador sobre a motivação da lexia, a informante responde que *Margarete* é uma personagem, uma prostituta em um programa humorístico. Infelizmente, não há outras informações sobre esse programa, visto que o inquiridor não estimulou maiores esclarecimentos, todavia pode-se perceber a influência dos meios midiáticos, como a televisão e o rádio, em localidades mais longínquas, promovendo interferência no vocabulário utilizado pelos falantes. É comum essa interferência externa, como se pode ver em um exemplo semelhante, com *Bebel*, personagem garota de programa interpretada pela atriz Camila Pitanga na novela “Paraíso Tropical” (2007) da Rede Globo, pois na época era comum ouvir as pessoas se referindo às prostitutas como “as Bebels”. Pode-se considerar que expressões como essas configuram-se como metonímia, figura de linguagem que consiste em substituir uma palavra por outra que tenha uma relação de proximidade com a palavra substituída. Além de *Margarete*, temos outro exemplo desse entre os registros das capitais brasileiras, na nota da Carta L15A do volume 2 do ALiB, que traz como registro para prostituta, a lexia *Madalena*, proferida em Cuiabá (MT), por informante feminina da faixa etária I, de nível de escolaridade fundamental (Inf.2). Nesse caso, *Madalena* é uma associação que tem como referência a prostituta citada nos textos bíblicos. Na

⁶ Alguns exemplares estão disponíveis no acervo do Museu Casa do Sertão, da Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia.

⁷ Informação dada pelo Prof. Dr. Clóvis Frederico Ramaiana Moraes Oliveira, do Departamento de Ciências Humanas e Filosofia da UEFS, a quem agradecemos.

língua portuguesa, *Messalina* também é mais um exemplo de associações como essa, utilizado na cultura popular como sinônimo de prostituta, conforme descrição no Quadro 5:

Quadro 5: Messalina: lexia dicionarizada

Messalina: [Do antr. *Messalina*, mulher de Cláudio I (10^a.C.-54 d. C.), imperador de Roma, famosa pela devassidão.] **S.f.** **1.** Mulher lasciva e dissoluta em excesso. **2.** Meretriz.

Fonte: Ferreira, 1999, p. 1324.

A denominação *messalina* aparece também na novela “Avenida Brasil” (2012), da Rede Globo, usada pela personagem Murici, interpretada por Eliane Giardini, para se referir pejorativamente à namorada/amante de seu marido. O termo também é registrado por Ribeiro (2017) em sua dissertação, que tem como subtítulo “proposta de glossário para a tabuização e o processo de formação de palavras para prostituta, no Maranhão”, em que o pesquisador, ao contextualizar a história, declara que “ficou na história como exemplo de mulher dissoluta, lascívia” (p. 65). Semelhante classificação é encontrada no *Dicionário informal da língua portuguesa*, como uma “pessoa de costumes imorais; aquela mulher que convive com depravados e pervertidos sexuais, a mulher que é insaciável e promíscua, aquela que não tem limites para alcançar prazer”.

Esses significados, segundo Ribeiro (2017), são atribuídos em virtude de Valéria Messalina, uma imperatriz romana do século I, nascida por volta do ano 25 d.C., terceira esposa do imperador Tiberius Claudius Nero Germanicus, conhecida historicamente, principalmente, pelos seus envolvimento em escândalos sexuais, dentre eles uma disputa com uma prostituta para ver quem conseguia se deitar com mais homens. Ela trabalhava em bordeis e tinha desejos sexuais insaciáveis.

- *Mulher bate-bacia*: proferida em Carinhanha (BA) por homem da faixa etária II. Essa expressão gerou inquietação e curiosidade desde a coleta no estudo anterior com os dados da Bahia (Jesus, 2023), pois sempre questionava a alguém se já tinha ouvido tal expressão e o que ela significava, mas a resposta era sempre

negativa, Então, a hipótese inicial era de que, por Carinhanha ser um município localizado no oeste do Estado da Bahia, às margens do Rio São Francisco – e cidades banhadas pelo rio normalmente tinham como tradição as famosas lavadeiras, que eram mulheres que lavavam roupas para sustentar-se com o ganho do serviço e eram identificadas de longe com suas bacias e/ou trouxas de roupas –, poderia haver ali, entre estas, as que também tivessem como ofício o meretrício, por isso a fama. No entanto, no início do ano de 2024, em conversa com um amigo alagoano, que reside na Bahia, o mesmo questionamento foi feito em relação ao conhecimento sobre a *lexia* e, para a nossa surpresa, este respondeu positivamente e explicou que na localidade é também uma expressão conhecida cujo significado está associado à tradição histórica que relata que, em tempos onde não havia saneamento básico e a higienização era precária, as mulheres prostitutas faziam o asseio pessoal em bacias, entre o atendimento de um cliente e outro. Segundo relatos, esse fato pode ser comprovado no filme *Lua violada* (2002), um curta-metragem baiano dirigido por José Umberto, em que aparecem as mulheres prostitutas se lavando numa bacia, contudo no único *site* que divulga o vídeo do curta metragem, o *link* de acesso corresponde a uma página com mensagem de indisponível. Outra vertente aponta que os clientes é que faziam esse asseio nas bacias. A literatura, que como forma de expressão cultural reflete as tradições, valores e identidade de um povo, apresenta essa outra hipótese através do romance *Carmela: uma história de amor* (2017), de Ana Isabel Rocha Macedo, quando a personagem Carmela, ao iniciar o serviço de prostituição, pede para a tia, que era a dona do bordel, um ninho de amor para atender seus clientes, então descreve como era a ornamentação dos quartos: “no quarto, já havia uma cama de casal, um guarda-roupa de porta única e uma mesa pequena com bacia e jarra, que sempre deveria estar cheia de água com um sabonete junto, cuja finalidade era oferecer aos clientes a possibilidade de se lavarem, caso quisessem” (Macedo, 2017, p. 51).

Embora as denominações listadas tenham ocorrido uma única vez no *corpus* desta pesquisa, investigá-las e refletir sobre elas é interessante. Como o Projeto ALiB entrevistou apenas quatro informantes em cada localidade do interior dos estados brasileiros, a baixa

produtividade dessas lexias talvez seja decorrência dessa metodologia. É preciso lembrar também que para a pergunta sob análise “talvez a resposta não tenha apresentado muitas variantes por timidez do informante” (Oliveira, 2023, p. 463) numa situação de entrevista, muitas vezes diante de um inquiridor do sexo feminino e de idade mais avançada. Segundo Oliveira (2023),

Em alguns casos, talvez a resposta não tenha apresentado muitas variantes por timidez do informante. É o caso das questões 142 (*prostituta*), 170 (*vaso sanitário*), 189 (*cueca*) e 190 (*calcinha*), por exemplo. Em situação de entrevista, o informante certamente se preocupa com a polidez, ou seja, com a preservação de sua face diante do inquiridor, sobretudo quando os envolvidos na situação não são do mesmo sexo ou não são da mesma faixa etária. Embora tenha sido documentado um leque grande de formas no cômputo geral, muito provavelmente alguns informantes sabiam variantes para “prostituta”, por exemplo, mas não as enunciaram por vergonha, ainda mais sabendo que estavam sendo gravados. O mesmo vale para a questão 147 (*diabo*), que pode não ter elucidado muitas variantes por alguns informantes por representar um “tabu”, sobretudo entre aqueles de religiões evangélicas. (Oliveira, 2023, p. 463)

A seguir, procedemos à descrição das lexias documentadas nesta pesquisa de acordo com a sua estrutura – simples ou complexa.

DESCRIÇÃO DAS LEXIAS

Os tópicos a seguir separam as lexias coletadas de acordo com a classificação a que pertencem, considerando a estrutura mórfica de cada uma delas, conforme Potier (1974 apud Welker, 2004, p. 19) e Biderman (1996).

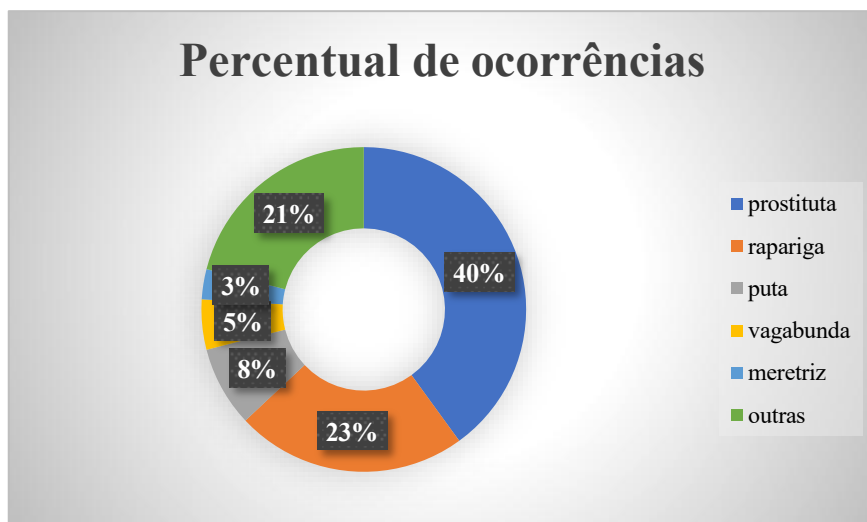
Lexias simples

Nos dados coletados foram encontradas as seguintes lexias que possuem em sua estrutura mórfica apenas um vocábulo, portanto consideradas lexias simples: *prostituta*, *rapariga*, *meretriz*, *quenga*, *vadia*, *piranha*, *galinha*, *vagabunda*, *puta*, *safada*, *adúltera*, *rameira/rampeira*⁸, *chifreira*, *malandra*, *cadela*, *cachorra*, *sirigaita*, *sendeira*, *biscate*, *bandida*, *pilantra*, *vulgar*, *vigarista*, *enrolona*, *jacaré*, *fuleira*, *piriguete*, *cotovia*, *margarete*, *leviana* e *rabugenta*.

⁸ As lexias *rameira* e *rampeira* foram consideradas variantes fonéticas da mesma palavra.

O Gráfico 1, a seguir, em que foram agrupadas as denominações menos frequentes como *outras*, apresenta as lexias simples, de acordo com o índice (percentual) de ocorrências.

Gráfico 1: Lexias simples para ‘prostituta’ no interior do Nordeste



Fonte: Elaboração própria.

Como já mencionado, a lexia mais produtiva foi *prostituta*, seguida de *rapariga*, *puta*, *vagabunda* e *meretriz*. Várias outras lexias foram documentadas, no entanto com baixo índice de ocorrências comparadas às demais, daí estarem apresentadas como *outras* no Gráfico 1.

Constata-se que todas as lexias simples coletadas possuem conotação depreciativa. Observa-se também, entre as lexias simples, a variação *rameira* e *rampeira*. Conforme Benke (2012), *rampeira* pode ser uma variação de *rameira* ou a forma feminina de *rampeiro* (pessoa pertencente à camada inferior de uma sociedade). E com base em alguns estudiosos da língua, Ribeiro (2017, p. 73) elucida que a denominação *rameira* “teve origem no século XV, quando essas profissionais utilizavam ramos, nas entradas dos bares, para sinalizar que estavam trabalhando naquele recinto”.

Merece destaque o emprego de lexias associadas a animais: *piranha*, *galinha*, *cadela*, *cachorra*, *jacaré* e *cotovia*. Tendo em vista que as denominações *jacaré* e *cotovia* já foram explanados anteriormente, serão apontadas as lexias restantes nessa classificação. O quadro a seguir é uma demonstração das lexias dicionarizadas.

Quadro 6: Lexias dicionarizadas associadas aos animais

LEXIA	DEFINIÇÃO
<i>DICIONÁRIO PRÁTICO DA LÍNGUA PORTUGUESA (Rios, 1998)</i>	
<i>Piranha</i>	Mulher não necessariamente prostituta, que se entrega facilmente ao homem (p. 418).
<i>Galinha</i>	Mulher que facilmente se entrega ao homem (p. 281).
<i>Cadela/cachorra</i>	Sem registro de associação com a prostituta.
<i>NOVO AURÉLIO SÉCULO XXI: O DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA (Ferreira, 1999)</i>	
<i>Piranha</i>	Mulher que, sem ser necessariamente meretriz, leva vida licenciosa; piranhuda, pistoleira, bocetinha (p. 1574).
<i>Galinha</i>	Pessoa muito volúvel, que se entrega com facilidade. Pessoa que não se contenta em ter apenas um parceiro sexual (p. 964).
<i>Cadela/cachorra</i>	Mulher de mau gênio. / Mulher desavergonhada, cínica, devassa (p. 356). Mulher de procedimento censurável, desavergonhada. Meretriz (p. 360).
<i>MINIDICIONÁRIO LUFT (Luft, 2000)</i>	
<i>Piranha</i>	Mulher fácil; galinha (p. 522).
<i>Galinha</i>	Biscate. Indivíduo paquerador (p.346).
<i>Cadela/cachorra</i>	Mulher devassa, meretriz (p.133).
<i>MINIDICIONÁRIO RUTH ROCHA (Rocha, 2003)</i>	
<i>Piranha</i>	Prostituta exploradora (p. 476).
<i>Galinha</i>	Mulher de vida fácil (p. 301).
<i>Cadela/cachorra</i>	Mulher sem vergonha; Prostituta, meretriz (p. 108).

Fonte: Elaboração própria.

Vale salientar que, como já citado, para além de nomeações informais, essas palavras popularizadas no cotidiano brasileiro são reconhecidas nos dicionários como atreladas a prostituta, ou a mulher que possui comportamentos considerados libertinosos. Quanto às associações, é possível perceber que se justificam, primeiramente, pela comparação da conduta sexual, ou seja, as formas de acasalamento desses bichos. Dessa forma, *piranha*, *galinha*, *cadela* e *cachorra* são lexias de cunho negativo e estão relacionadas a vulgaridade, isto é, a mulher que, em oposição aos padrões sociais, não se limita a um único parceiro.

A *piranha* é um animal que tem como forte característica o seu ataque, é um peixe voraz. Na concepção de *mulher piranha* têm-se a ideia de uma mulher devoradora de homens, assim como já citado. A analogia é estabelecida pelo caráter predatório do animal e pelo interesse financeiro. Ribeiro (2017, p. 70) afirma que o uso dessa lexia “relaciona-se com a ideia de

voracidade, na intenção de não perder nenhum cliente”. Ao analisar letras de músicas, Nasser (2024, p. 9) diz: “tem-se a equiparação da característica da piranha ser um animal selvagem, e, por isso, estar fora do domínio do homem; bem como a liberdade da mulher que é descrita como piranha, no sentido dela não se ater às normas do que é esperado na sociedade ocidental e demonstrar que possui desejo sexual”. As letras das músicas são uma outra forma de demonstração da cultura de um povo e do seu pensamento. “Agora eu sou piranha”⁹, da Gaiola das Popozudas, um grupo de música que era formado apenas por mulheres, traz:

*Eu vou pro baile, eu vou pro baile
Sem calcinha
Agora eu sou piranha e ninguém vai me segurar
[...]
Eu queria andar na linha tu não me deu valor
Agora eu sento, soco, soco, topo até filme pornô.*

A mensagem apresentada na letra da música concebe essa noção de *piranha* como uma mulher que vive livremente, no que tange à vida sexual. Da mesma forma, *galinha* possui essa conotação ofensiva, fazendo referência ao estilo de vida e à profissão dessas mulheres. “Relaciona-se ainda o uso de *galinha* com a ideia de ‘arrastar para todos’, denotando promiscuidade, troca frequente de parceiros” (Ribeiro, 2017, p. 64):

*[...]
A bicha é danada é traiçoeira
Carrega o namorado até de
Suas parceiras, essa novinha
Ela é um perigo
Ela tá de olho até no teu marido
Mas agora eu vou falar o que ela é
Só sei de uma coisa
Que ela não é mulher
Ti ti ti ti, ela é galinha
Ti ti ti ti, ela é galinha[...].*

A letra acima, intitulada “Mulher galinha”¹⁰, de Thayronne Batidão Oficial, ao retratar algumas características da “mulher galinha”, chega a dizer que ela não é uma mulher, uma forma indireta de desumanizá-la ao desprezar as ações da mesma, justificando os insultos e

⁹ Compositores: Leandro Gomes de Castro (Pardal) e Luiz Cesar Santos Silva (Luizinho Dj). Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/gaiola-das-popozudas/agora-eu-sou-piranha.html>. Acesso em: 16 dez. 2024.

¹⁰ Disponível em: <https://www.letras.com/thayronne-batidao-oficial/mulher-galinha/>. Acesso em: 16 dez. 2024.

deixando claro que, pelo seu comportamento, de modo indecoroso ou devasso, ela não é digna de ser tratada como mulher, um pensamento machista e preconceituoso, que de igual modo se revela no uso de *cadela* e/ou *cachorra*, que, como já foi exposto, conforme definição encontrada no dicionário, tem entre os significados a promiscuidade feminina.

No entanto é necessário enfatizar que o caráter dinâmico da língua, em constante evolução, promove novas interpretações para as palavras, ou seja, de acordo com a necessidade do falante e com a mudança de contextos, as expressões passam a ser usadas de maneiras diferentes do seu sentido original, o que faz com que, em algumas situações, por exemplo, “cachorra” seja usado de forma carinhosa ou como um elogio. Isso pode ser notado na música “Cachorrinhas”¹¹, interpretada pela cantora Luísa Sonza, como mostra o trecho a seguir:

*Eu e minhas cachorra, au-au
Dá a patinha, deita e rola, olha o meu visual
Não ligo pra tua inveja, falador passa mal
Quando nós abana o rabo, eles late tudo, uau (uau)*

Lançada no ano de 2022, essa música foi classificada como uma expressão de empoderamento, “onde a artista utiliza a metáfora de cachorras para representar a si mesma e suas amigas”. A letra sugere uma postura de superioridade e despreocupação com a opinião alheia, característica de quem se sente confiante e seguro em sua própria pele” (<https://www.letras.mus.br/>). Essa descrição que consta como apresentação da música na página “Letras”, *site* de música acessado pelos brasileiros que oferece letras, traduções, cifras e vídeos musicais, mostra como “cachorra” ganha um novo sentido ligado à liberdade e ao feminismo.

Nas capitais brasileiras também foram documentadas lexias relacionadas aos animais. A Carta L15Bb do ALiB demonstra no mapa as lexias *piranha* e *galinha*. E, observando mais atentamente os dados das capitais, há algumas lexias registradas cujo sentido não é, necessariamente ou literalmente, o de ‘prostituta’: *mundana*, no Rio de Janeiro (RJ), mulher, faixa etária II, nível universitário (Inf. 8); *pistoleira*, em Macapá (AP), homem, faixa etária II, nível universitário (Inf. 7); *guerreira*, em Recife (PE), homem, faixa etária II, nível universitário (Inf. 7).

¹¹ Composição: Diggo Martins / Elana Dara / Hodari / Laudz / Luísa Sonza / Zegon. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/luisa-sonza/cachorrinhas/>. Acesso em: 16 dez. 2024.

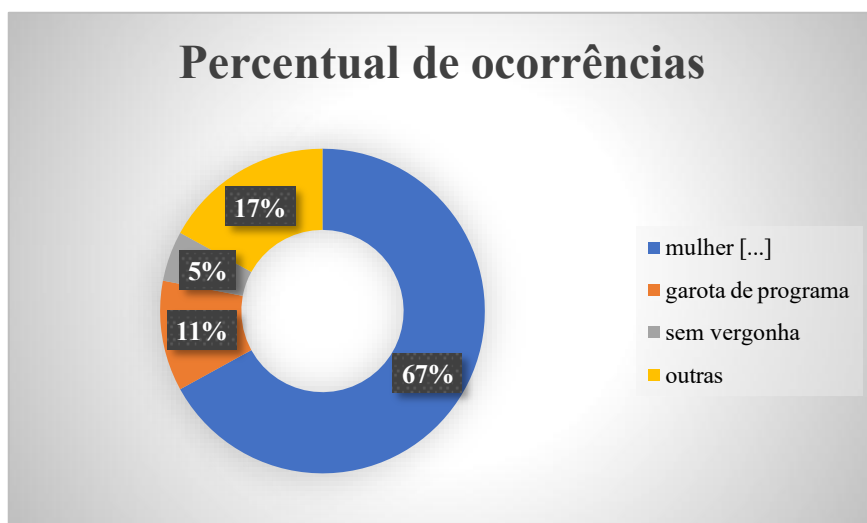
No interior do Nordeste, foram atestadas as lexias *safada*, *adúltera*, *chifreira*, *malandra*, *bandida*, *pilantra*, *vulgar*, *vigarista*, *enrolona* e *rabugenta* – em que se pode atestar a hipótese de que, diante da insistência do inquiridor para que outras denominações fossem emitidas, o informante respondeu com outros termos depreciativos mais próximos daqueles que podem ser considerados palavrões. Dessa forma, via-se livre da pressão por outras respostas e, ao mesmo tempo, preservava a face (polidez) diante de uma situação de entrevista.

Lexias complexas

Os informantes inquiridos nas 69 localidades do interior do Nordeste apresentaram uma diversidade de lexias complexas (unidades fraseológicas). Em ordem alfabética, seguem os 46 fraseologismos mencionados como resposta: *alça de caixão*, *banda voou*, *cabeça de porco(a)*, *cafetina da noite*, *garota da vida*, *garota de programa*, *fazedora de programa*, *mãe solteira*, *moça da vida*, *mulher bandida / cachorra / comercial / dama / da vida / da vida livre / de bordel / de brega / de programa / de rua / de vida fácil / de vida livre / fácil / galinha / leviana / malandra / muito vulgar / safada / sem moral / sem responsabilidade / solteira / sozinha / vadia / vagabunda / vira-lata / volável / vulgar*, *pessoa de nada*, *puta de brega*, *puta velha*, *sem futuro*, *sem responsabilidade*, *sem vergonha*, *rapariga velha*, *vaca de primeira*, *vendedora de corpo*.

O Gráfico 2, a seguir, em que foram agrupadas as denominações menos frequentes como *outras*, apresenta as lexias complexas, de acordo com o índice (percentual) de ocorrências.

Gráfico 2: Lexias complexas para ‘prostituta’ no interior do Nordeste



Fonte: Elaboração própria.

Ressalte-se o predomínio de fraseologismos formados a partir da base *mulher*[...]:

- *Mulher bandida*: para o *Dicionário informal da língua portuguesa*, “é uma gíria usada para se referir pejorativamente à mulher que tem muitos relacionamentos amorosos”. O adjetivo “bandida”, ao contrário do conceito popular, não seria alguém que vive praticando atividades criminosas, como um assaltante, mas faz alusão a um indivíduo traiçoeiro, que não é honesto. Nota-se que não é uma expressão que se refere diretamente à mulher que faz sexo mediante pagamento.
- *Mulher da vida livre*: o “livre” que é acrescentado a “mulher da vida” não ressoa como um pensamento consciente sobre a liberdade da mulher, no que concerne ao poder para escolher como deseja viver, e sim como uma tentativa de suavizar ainda mais a carga semântica que envolve a palavra ‘prostituta’.
- *Mulher de vida fácil*: essa lexia parece ter a intenção de classificar a prostituição como uma maneira fácil de ganhar dinheiro e ter boa vida. A “mulher de vida fácil”, ao contrário da “mulher do lar”, teria uma vida de regalias e comodidades, uma atuação sem nenhum tipo de desgaste emocional ou físico. Todavia esse é um pensamento que contrasta com a história da prostituição brasileira, por exemplo, pois, como já relatado, a maioria das mulheres simplesmente recebia automaticamente o meretrício como destino e não por escolha espontânea, ou seja, muitas vezes era o único meio de sobrevivência, acompanhado de rejeição, maus-tratos, violência e discriminação social, com a mulher submissa a todas as formas de humilhação. Ainda na mesma perspectiva, Ribeiro (2017, p. 68) afirma que: “Ter ‘vida fácil’ se relaciona ao fato de as prostitutas não apresentarem, no seu ofício, características de um emprego formal – bater ponto, ter horários definidos de início e fim de expediente, educação formal etc.”.
- *Mulher fácil*: conforme o *Dicionário informal da língua portuguesa*, é “aquela que qualquer um pega. Aquela que sempre está disponível pra homem”. Ou seja, dentro da visão machista, diferentemente da “mulher difícil”, que é recatada e possui dignidade, a “fácil” não é valorizada, é vista como aquela que não segue os preceitos morais de boa conduta.

- *Mulher malandra*: Segundo Porto (2008), a mulher malandra pode ser tanto aquela que é movida pelo interesse de ser sustentada financeiramente por alguém como aquela que deseja viver livremente sem ser recriminada moralmente por isso.

Tão marginalizadas quanto os malandros, as mulheres malandras [...] tentam sobreviver sem se submeter aos padrões instituídos e funções determinadas para elas pela elite: o casamento e a maternidade. Ainda que algumas delas vivessem de maneira marginal, uma vez que não são nem donas de casa nem prostitutas, elas buscavam no dinheiro, na orgia (na vida boêmia) e até mesmo na promiscuidade uma satisfação pessoal que a vida doméstica não poderia oferecer. (Porto, 2008, p.37)

Não existe, porém, uma única mulher malandra, com um perfil específico, determinado. Há também aquela que busca por alguém que lhe sustente ou, pelo menos, lhe pague uma bebida no final da noite. Ela representa o tipo de mulher que não se submete aos papéis determinados para ela por outras pessoas e, por isso, pode ser “confundida” com a prostituta. (Porto, 2008, p.50)

Assim, antes de tudo, a *mulher malandra* é vista como alguém imoral por querer usufruir livremente de sua sexualidade e da liberdade. E, de maneira generalizada, pode ser entendida como aquela que comete uma série de ações para obter vantagens em determinadas situações.

- *Mulher sem responsabilidade*: simboliza a quebra de regras e convenções sociais. Trata-se de um disfemismo proferido para, muito provavelmente, responder à pergunta sem utilizar outros termos entendidos como tabus, zelando pela preservação da face e pela polidez em uma situação de entrevista.

- *Mulher sozinha*: Trata-se também de uma forma mais polida de resposta à pergunta e pode ser que tenha correlação com a lexia “mulher solteira”, uma definição que alude à soma do estado civil com uma condição considerada agravante, que é a mulher não ser casada e não ser mais virgem.

- *Mulher vagabunda*: no Brasil, sobretudo, o vagabundo é uma pessoa que não trabalha, vadio. Já “vagabunda” é uma palavra empregada como xingamento para as mulheres com comportamento julgado devasso e imoral, embora até não viva da prostituição.

As demais expressões com a base *mulher* [...] já foram explanadas ao longo deste texto: *bate-bacia* / *brega* / *bregueira* / *cachorra* / *comercial* / *dama* / *da vida* / *de bordel* / *de programa* / *de rua* / *leviana* / *muito vulgar* / *sem moral* / *solteira* / *vadia* / *vira-lata* / *volável* / *vulgar*. No *Dicionário do português nordestino* é possível encontrar os seguintes registros seguidos dos conceitos:

Quadro 7: ‘Prostituta’ no *Dicionário do português nordestino*

LEXIA	SIGNIFICADO
<i>Mulher à toa</i>	de má reputação
<i>Mulher-de-ponta-de rua</i>	meretriz, rameira, prostituta
<i>Mulher falada</i>	mulher de reputação comprometida
<i>Mulher-solteira</i>	prostituta

Fonte: Fonseca Jr., 2005, p. 189.

O Quadro 8, a seguir, apresenta a relação dos fraseologismos mais utilizados na amostra analisada com os seus respectivos números de ocorrência.

Quadro 8: Fraseologismos mais frequentes no interior do Nordeste

Fraseologismo	Número de ocorrências
<i>mulher da vida</i>	31
<i>garota de programa</i>	13
<i>mulher de programa</i>	11
<i>sem vergonha</i>	7
<i>mulher fácil</i>	4
<i>mulher safada</i>	4
<i>mulher de rua</i>	4
<i>mulher bandida</i>	3

Fonte: Elaboração própria.

Como pode ser observado, entre as lexias coletadas, há uma diversidade na formação estrutural dos fraseologismos, prevalecendo a composição ‘*substantivo + prep. de + substantivo*’, seguida da estrutura ‘*substantivo + adjetivo*’.

A lexia complexa mais produtiva foi *mulher da vida*, um eufemismo utilizado para diminuir/suavizar a carga semântica que envolve a palavra objeto de tabu. Muito provavelmente não deve ser a mais utilizada pelos falantes, pois, possivelmente, não é a expressão pronunciada nas rodas de amigos e entre pessoas do círculo de intimidade, mas a que pode ser considerada, diante do contexto e da carga tabuística, a “menos pior”. Essa lexia “denota a ideia de uma mulher entregue à própria sorte, de vida livre, sem controle. Redução de *mulher da vida airada*, que significa “vida de vagabundo” (Ribeiro, 2017, p. 67).

Quanto a *mulher de programa* e *garota de programa*, Benke (2012, p. 187) sinaliza que ambas as denominações são “uma forma utilizada para designar, modernamente, a ‘profissional do sexo’”. Ainda segundo a autora, “garota” remete à ‘prostituta’ mais jovem que não se expõe nas ruas, enquanto que “mulher” alude à mais experiente no ramo da prostituição. A explicação dada por Benke também é reiterada por Ribeiro (2017, p. 64): “a motivação para o uso é determinada por essas duas características: 1. Emprego para designar prostituta jovem; 2. Essa prostituta jovem deve, no momento do trabalho, cumprir ações acordadas, necessárias para ter direito à remuneração”. É importante destacar que o termo “garota de programa” posteriormente passou a ser substituído, em determinadas ocasiões, pela sigla “GP”.

Mulher de rua também é registrada entre as capitais do Nordeste, na Carta L15B (Cardoso et al., 2014b, p. 241), que mapeia as lexias com base “mulher...”. E a nota explicativa da Carta L15A (Cardoso, 2014b, p.228) destaca a expressão “rueira”, mencionada em Manaus (AM). Essas expressões se assemelham à *mulher bregueira*, pois fazem referência ao lugar onde as prostitutas encontram os seus clientes, as ruas. Porto (2008, p. 87), ao investigar valores e práticas culturais presentes nas representações sobre as mulheres populares, chama atenção para o fato de que “a simples tentativa de se desviar dos padrões sociais, de tentar usufruir do espaço público como local de diversão já fazia dela uma ‘vadia’”.

E *sem vergonha* é uma qualidade negativa, que faz menção à falta de moral e dignidade. De acordo com Ribeiro (2017, p. 74), a explicação para o uso dessa lexia pode estar no fato “de as prostitutas, no momento do ofício, não apresentarem pudores para conquistar os clientes. Essa denominação torna evidente a existência de tabu que caracteriza essa profissão, sugerindo que essas profissionais não têm aceitação social”. Zanuy (2004, p. 119) aponta uma expressão semelhante (*impudica*) entre as lexias latinas utilizadas para ‘prostituta’. Ao discutir diferentes autores para encontrar a relação do uso, ela explica que “em suma, uma mulher que perdeu a dignidade de esposa e ganhou o rótulo de prostituta[...]. Parece ser usado substantivamente para se referir a mulheres que praticavam prostituição, em oposição a mulheres pudicas, ou mulheres honradas” (tradução nossa).

Entre todos os fraseologismos registrados, quanto à estrutura morfológica, a segunda forma mais frequente é a combinação ‘*substantivo + adjetivo*’, em que vale salientar que a maior parte dos adjetivos selecionados possui valor pejorativo. E em *mulher muito vulgar*, o intensificador “muito” é utilizado intencionalmente para avaliar negativamente o

comportamento. E em *pessoa de nada* há um juízo de valor que julga a meretriz enquanto ser humano.

Destaca-se o fraseologismo *cabeça de porco*, mencionado em todas as quatro localidades do ponto 62 (Exu-PE). Percebe-se que a expressão é comum na localidade não apenas pela repetição mas também porque em um dos inquéritos é possível notar que o entrevistador já tinha conhecimento sobre essa lexia ser utilizada para ‘prostituta’ e aguardava que o informante de fato a pronunciasse.

- (4) INQ. – [...] E a mulher que se vende para qualquer homem?
 INF. – É... *prostituta*.
 INQ. – E mais nomes que usam aqui?
 INF. – É... *cabeça de porco*... é...
 INQ. – Eu ia lhe perguntar bem esse porque ontem...
 INF. – É... *puta*, com licença da palavra, *rapariga*.
 INQ. – É para a senhora me dizer todos os nomes que a senhora conhece.
 INF. – É tudo isso. *Galinha*, *fuleira*, é muito nome.
 INQ. – Essa aí tem um monte.
 INF. – É. E aqui tem muitas, tem bastante.
 (Exu-PE, mulher, faixa II)

“Cabeça de porco” é um termo “comumente usado como sinônimo de moradia coletiva e insalubre, mas muita gente desconhece a origem dessa expressão. Em meados de 1880, existiu um grande cortiço na região portuária do Rio de Janeiro com esse nome, que ficou famoso, entre outros motivos, pela persistência” dos moradores para que ele não deixasse de existir (museudoamanha.org.br). A expressão era uma referência ao adorno do portal de entrada do cortiço: a escultura em ferro da cabeça de um suíno.

O Cabeça de Porco existiu por cerca de 50 anos. Assim como os outros cortiços que proliferaram pelas ruas do Rio no século XIX, ele serviu de moradia às classes pobres da Corte (trabalhadores livres, libertos e escravizados), que, com a necessidade de procurar serviço diariamente, optavam por residir no centro da cidade – local com maior demanda de mão de obra. (<https://riomemorias.com.br>)

Logo os cortiços da época eram espécies de quilombos urbanos, onde se concentravam “malandragem, doenças, prostituição e escravos fugidios”¹². Assim, eram vistos como habitação de gente perigosa e marginalizada. A partir da metade do século XIX, o medo das

¹² Disponível em: www.ensaiahistoria.wordpress.com.

revoluções escravas que eclodiram no Brasil aumentou a preocupação com as habitações populares. Essas preocupações sustentavam-se em justificativas sobre a questão sanitária, quando na verdade estavam atreladas ao preconceito de raça e de classe.

Durante o Império, houve muitas tentativas para desativar o cortiço, mas essa ação só foi executada em 26 de janeiro de 1893, quando ele foi demolido. A demolição foi tratada como um grande espetáculo pela imprensa, com a participação do prefeito Barata Ribeiro. “Durante mais de uma década, o cortiço suscitou lendas urbanas: embora não haja registros definitivos sobre o assunto, diziam que nele chegaram a morar, ao mesmo tempo, 4 mil pessoas” (museudoamanha.org.br). Posteriormente aos cortiços vieram as favelas.

No Minidicionário de Ruth Rocha é possível encontrar o registro dessa lexia e o significado apresentado, de fato, está relacionada ao cortiço. O conceito apresentado diz que é uma “habitação onde vivem muitas pessoas; cortiço (Rocha, 2003, p. 105). E o *Dicionário informal da língua portuguesa* traz, dentre as definições do verbete *cabeça de porco*: “Mulher de vida fácil, prostituta, garota de programa, galinha”. E apresenta o exemplo: “*Filomena vive se exibindo para o meu marido, aquela cabeça de porco!*”. Sendo assim, como os moradores do referido cortiço também eram conhecidos por esse termo, ao ser usado como designação para ‘prostituta’, ele está atrelado à ideia de marginalização, de baixa classe e de desvalorização da condição humana.

Mulher dama, metáfora de caráter eufêmico, tem duas ocorrências nos dados do ALiB-Nordeste: em Estância (SE) e em Santo Amaro (BA), ambos os registros proferidos por informantes da faixa etária II do sexo feminino. Em comparação com os dados do APFB, em que essa expressão teve um alto nível de ocorrências, pode-se concluir que, possivelmente, deve estar entrando em desuso.

Dos fraseologismos de ocorrências únicas já registrados nos dados das capitais, temos:

- *Profissional do sexo*, proferida em Florianópolis (SC) por um homem de nível universitário, faixa etária II (Inf. 7). É importante atentar para a utilização dessa nomenclatura, pois ela indica o processo de transição da sociedade no que diz respeito aos aspectos socioculturais, e mais uma vez como isso se reflete na língua. A utilização dessa lexia de forma técnica, de certo modo, é uma quebra de paradigmas e aponta para o prelúdio de uma comunidade que reconhece a prostituição como uma ocupação profissional, afastando preconceitos e

enfraquecendo estereótipos. Desde 2002, o Ministério do Trabalho reconhece a prostituição como uma ocupação profissional e em 2015 ela foi incluída na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO).

- *Mulher que costura pra fora* foi proferida em São Luís (MA) e também é um fraseologismo registrado por Ribeiro (2017) na proposta de glossário de palavras para prostituta, no Maranhão. Partindo de um dos significados de “costurar”, que é estabelecer alianças em conversas com várias pessoas em troca de algo, e considerando “mulher que costura pra fora” como regionalismo que se refere à mulher infiel ao marido, isto é, a adúltera, o pesquisador explica que, para denominar as prostitutas, a lexia faz sentido “quando se considera que, assim como as mulheres infiéis, essas profissionais fazem atividades sexuais fora de casa. Pelo fato de o sexo envolver tabu, essas atividades são consideradas inadequadas” (Ribeiro, 2017, p. 60).
- *Mulher de tostão* e *mulher gasolina* fazem menção ao interesse financeiro da mulher nas relações amorosas estabelecidas.
- *Mulher de cabaré* indica o lugar de exercício do meretrício, assim como *mulher de brega*, fraseologismo registrado no interior de Sergipe.
- *Mulher batalhão* está associada à quantidade de parceiros, uma vez que o batalhão é uma unidade militar com um grande efetivo de homens.
- *Mulher de aluguel* é uma denominação usada pelo fato de a profissional do sexo ser uma acompanhante temporária.
- *Mulher de zona*, conforme Souto Maior (1988 apud Ribeiro, 2017, p. 67), é “a prostituta profissional que reside na zona de meretrício”.

Mulher à toa, lexia que já havia sido registrada no APFB, aparece nos dados das capitais nas cidades de Porto Velho (RO) e Belo Horizonte (MG), conforme a Carta L15B (Cardoso et al., 2014b, p. 241). E outros fraseologismos encontrados no interior do Nordeste já haviam sido destacados nas capitais também, a exemplo de *mulher de vida livre*, *mulher da vida* e *mulher de vida fácil*.

De forma geral, percebe-se que as construções lexicais dos usuários da língua, no que tange à pergunta 142 do QSL, são feitas a partir de associações com base nos aspectos culturais

e sociais em que os falantes estão envolvidos: nota-se que há mais disfemismos do que expressões de caráter eufêmico.

RELAÇÕES DE SENTIDO PARA AS CRIAÇÕES LEXICAIS

As relações de sentido para as denominações para ‘prostituta’ partem da visão cultural estigmatizada, machista e preconceituosa em que os falantes estão inseridos. Além do aspecto cultural, entram em cena também aspectos sociais e históricos que perpassam essas criações lexicais. Notavelmente, na maioria das lexias utilizadas, há emissão de juízo de valor que desqualifica a mulher prostituta, marginalizando-a e perpetuando a exclusão social.

A seguir, comentam-se algumas das lexias encontradas que se associam a algumas áreas semânticas.

- Nomes de animais: foram adotados nomes de animais para, pejorativamente, referir-se à mulher ‘prostituta’, ação constatada desde o primeiro atlas brasileiro, o APFB. “A adoção de nomes de animais para, pejorativamente, referir-se à mulher prostituta é bastante frequente. Por exemplo, o próprio nome *égua* e também *vaca*, *cadela* etc.” (Ferreira; Cardoso, 1994, p. 77). No *corpus* desta pesquisa, foram registradas as lexias *piranha*, *galinha*, *cadela*, *cachorra*, *jacaré* e *cotovía*.

Quanto à carga semântica desses termos, conforme Benke (2012), o uso dessas denominações faz referência ao fato de os animais “cachorro” e “galinha” não terem parceiros fixos, assim como as mulheres que vivem do meretrício. Especificamente quanto à expressão “vira-lata”, associa-se à falta de boas qualidades, de uma pessoa sem princípios ou sem classe. Já em “piranha”, termo mais utilizado na capital baiana, Salvador, a analogia estabelecida é entre o caráter predatório desse animal e o comportamento de interesse financeiro da “mulher que se vende para qualquer homem”. (Jesus, 2023, p. 42).

Note-se que, contrariamente, quando são utilizados nomes de animais para se referir ao homem, na maioria das vezes, trata-se de uma associação positiva, como um elogio e enaltecimento da virilidade masculina, como, por exemplo, “cachorrão”, “touro”, “gavião”.

- Mercadoria: A objetificação do corpo pela desvalorização do ser humano também é promovida através da ideia de comparação com uma mercadoria, como, por exemplo, em *alça de caixa* (objeto em que todo mundo pode colocar a mão).

- Insanidade: Em *banda voou*, há uma conotação para “se referir a pessoas desapegadas, sem juízo [...]”. Em outro sentido, pode se referir a pessoas desleixadas” (*Dicionário informal da língua portuguesa*), assim como em *mulher sem responsabilidade*.
- Decreto social: em *sem futuro*, finca-se o decreto social que extingue oportunidades de vida para as mulheres em situação de prostituição.
- Prostituição por mordomia: em *lexias como moça de vida fácil*, é reforçada a ideia de que todas as mulheres que se prostituem o fazem por preguiça de trabalhar ou por estarem em busca de mordomia, ignorando uma série de fatores sócio-históricos que fazem com que muitas delas sejam empurradas ao exercício do meretrício.
- Pessoa não confiável: *biscate* (dissimulada), *bandida* (elemento do sexo feminino tido de antemão como promíscua), *pilantra* (má índole) e *leviana* (irresponsável) (conceitos extraídos do *Dicionário informal da língua portuguesa*) são denominações que aludem ao caráter ou à moral da mulher que se prostitui.

Diversas conotações são atribuídas as profissionais do sexo através de uma multiplicidade de juízos morais a despeito dessa prática. Logo, em consequência, proliferam-se substantivos e adjetivos que nomeiam e qualificam essas mulheres. O excerto a seguir, além do tabu linguístico, retrata claramente também como são configuradas essas relações de sentido para as criações lexicais.

(5) INF. – [...] *rapariga, safada, é cachorra, bandida...*

INQ. – Muito bem.

INF. – Chama aqui é isso. Só não chama de boa, né? [Risos] (Angicos-RN, homem, faixa I)

Depois de mencionar “*rapariga, safada, é cachorra, bandida*”, o homem da faixa etária 1 deixa claro que: “Chama aqui é isso. Só não chama de boa, né?”. Ou seja, ele tem consciência de que as *lexias* comumente utilizadas possuem a intenção de desvalorizar as mulheres profissionais do sexo.

VARIAÇÃO DIATÓPICA

No Estado do Maranhão, *prostituta* e *rapariga* foram as lexias de maior ocorrência, ambas proferidas em seis das oito localidades do interior— a primeira por um total de 11 informantes e a segunda, por 10. Vale destacar que, com exceção do Inf.1, que não respondeu à pergunta, todos os informantes do município de Turiaçu (ponto 25) deram como única resposta apenas *prostituta*.

Nas quatro localidades do Piauí, *prostituta* teve o total de 12 ocorrências, alcançando o índice de registro em todas as localidades do interior do estado. Em Piripiri (ponto 35), todos os informantes a utilizaram, seguida da preferência pela expressão *rapariga*.

No interior do Ceará, dentre os 44 informantes inquiridos, *prostituta* foi mencionada por 34 deles em todas as 11 localidades que fazem parte da rede de pontos do interior do estado, sendo, inclusive, a única resposta informada por 10 dos entrevistados. Merecem destaque as localidades de Sobral (ponto 40), Canindé (ponto 43) e Quixeramobim (ponto 45), onde todos os informantes mencionaram essa lexia, sendo que nesses dois últimos pontos ela foi citada como primeira resposta. Não diferente das menções anteriores, *rapariga* segue como segunda lexia mais utilizada; nesse caso, proferida como segunda resposta em mais da metade dos informantes.

Das 12 ocorrências de *prostituta* no interior do Rio Grande do Norte, apenas um informante não a pronunciou como primeira resposta, o que mais uma vez demonstra uma preferência no uso dessa lexia.

No interior do Estado da Paraíba, do total de 16 ocorrências, em 14 delas *prostituta* aparece como primeira resposta e *rapariga*, na maioria dos casos, é mencionada como segunda resposta. Vale salientar que, dos 20 informantes, seis utilizaram apenas essas duas respostas: *prostituta* e *rapariga*.

Em Pernambuco, que possui a mesma quantidade de pontos do Ceará, logo também de informantes, *prostituta* teve produtividade em todos os pontos, somando um total de 35 ocorrências. Na localidade de Garanhuns (ponto 72), foi dada absolutamente como primeira resposta. E, na sequência de usos, *rapariga* foi a segunda denominação mais produtiva, mencionada 24 vezes. Merece destaque especial a lexia *piriguete*, que aparece apenas nos estados de Pernambuco e Bahia e que, segundo Ribeiro (2017), tem formação a partir de *pirigo* (*sic*) + o sufixo *-ete*, que, derivado do latim, provém da analogia aos termos “vedete” e “tiete”.

O pesquisador descreve que ‘piriguite’ “é um item lexical formado nas periferias de Salvador, divulgado nacionalmente pela música “Piriguite”, de Mc Sapo. É a forma adaptada de *perigo* + *girl* (*girl* significa *garota* em inglês). O *girl* foi adaptado para *-guete*, sofrendo processo de derivação sufixal [...]” (p. 70).

No interior do Estado de Alagoas, *prostituta* foi a primeira resposta dada pelos entrevistados em Arapiraca (ponto 76) e só não foi registrada na fala de três informantes dentre os 12 do estado. *Rapariga* foi documentada em todos os pontos, aparecendo como segunda ou terceira resposta proferida, sendo a lexia mais produtiva depois de *prostituta*.

Sergipe é o estado com o menor quantitativo de localidades, apenas duas localidades compõem a sua rede de pontos do interior, por isso não apresenta uma diversidade de lexias, se comparado aos outros territórios. Todavia *prostituta* foi citada por sete informantes (à exceção, portanto, de apenas um sujeito) como primeira resposta. Em Propriá (ponto 78), os resultados foram majoritariamente *prostituta* e *rapariga*, sendo *piranha* a única expressão diferente que apareceu. É em Sergipe também que é encontrada a lexia *mulher dama*, que só aparece duas vezes em todo o ALiB-Nordeste, em Estância (ponto 80) e na região vizinha, no Estado da Bahia.

Percebe-se também que há quase uma homogeneidade no interior do Estado da Bahia quanto à denominação para ‘prostituta’. Tendo em vista que a área possui a maior rede de pontos do Nordeste, o número de ocorrências da lexia *prostituta* foi bastante significativo, por 62 vezes ela foi citada. Na sequência, lexias com a base *mulher* [...], *rapariga* e *putas* e sucedem, respectivamente, na ordem de preferência dos informantes. E entre todas os estados da Região Nordeste, a Bahia lidera o maior quantitativo de menções com as lexias formadas a partir da base *mulher* [...].

A Tabela 3, a seguir, apresenta as lexias mais frequentes no interior da Região Nordeste por Estado:

Tabela 3: Lexias mais frequentes para ‘prostituta’ no interior do Nordeste por Estado¹³

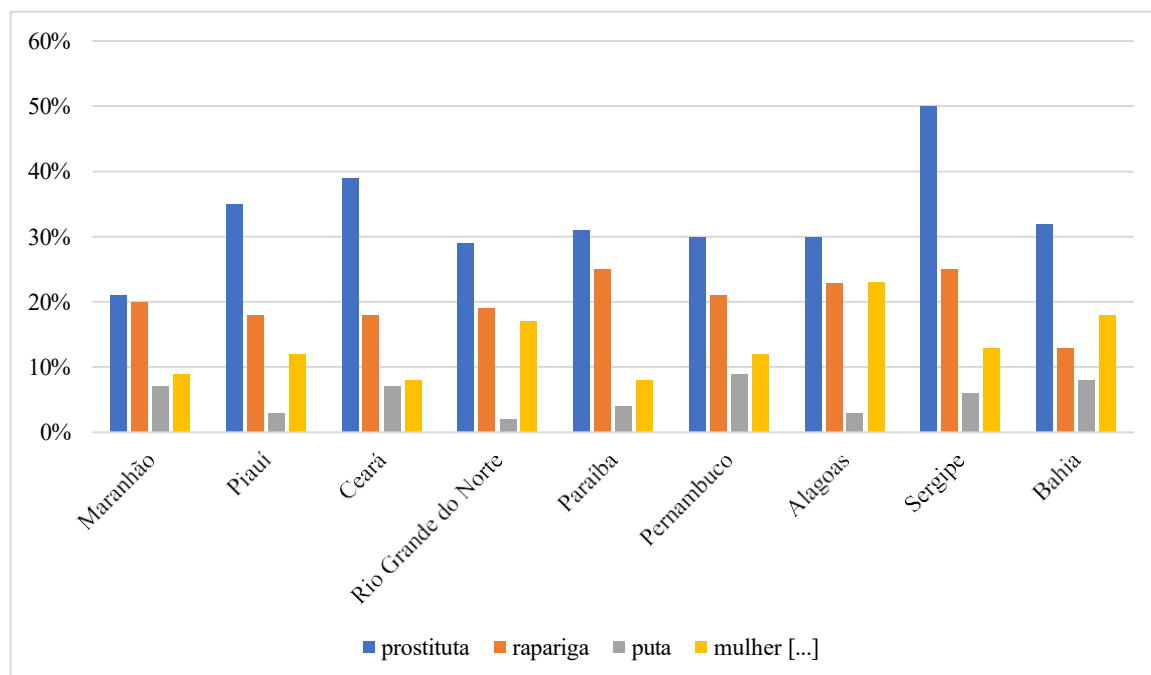
Estado \ Lexia	<i>prostituta</i>	<i>rapariga</i>	<i>puta</i>	<i>mulher [...]</i>
Maranhão	12 (21%)	11 (20%)	4 (7%)	5 (9%)
Piauí	12 (35%)	6 (18%)	1 (3%)	4 (12%)
Ceará	34 (39%)	16 (18%)	6 (7%)	7 (8%)
Rio Grande do Norte	12 (29%)	8 (19%)	1 (2%)	7 (17%)
Paraíba	16 (31%)	13 (25%)	2 (4%)	4 (8%)
Pernambuco	35 (30%)	24 (21%)	10 (9%)	14 (12%)
Alagoas	9 (30%)	7 (23%)	1 (3%)	7 (23%)
Sergipe	8 (50%)	4 (25%)	1 (6%)	2 (13%)
Bahia	62 (32%)	26 (13%)	15 (8%)	34 (18%)
Total	200	115	41	85

Fonte: Elaboração própria.

Os resultados apontam, em linhas gerais, certa homogeneidade no interior da Região Nordeste em relação ao quantitativo de denominações para ‘prostituta’, considerando as lexias mais frequentes encontradas no *corpus* da pesquisa, como se pode melhor visualizar no Gráfico 3, a seguir:

¹³ Percentuais calculados sobre o total de dados (lexias simples e complexas) de cada estado: Maranhão – 56; Piauí – 34; Ceará – 88; Rio Grande do Norte – 42; Paraíba – 51; Pernambuco – 115; Alagoas – 30; Sergipe – 16; Bahia – 194. A diferença entre os totais de dados dos estados decorre da quantidade de pontos e, portanto, de informantes entrevistados em cada estado.

Gráfico 3: Lexias mais frequentes para ‘prostituta’ no interior do Nordeste por estado (percentuais)

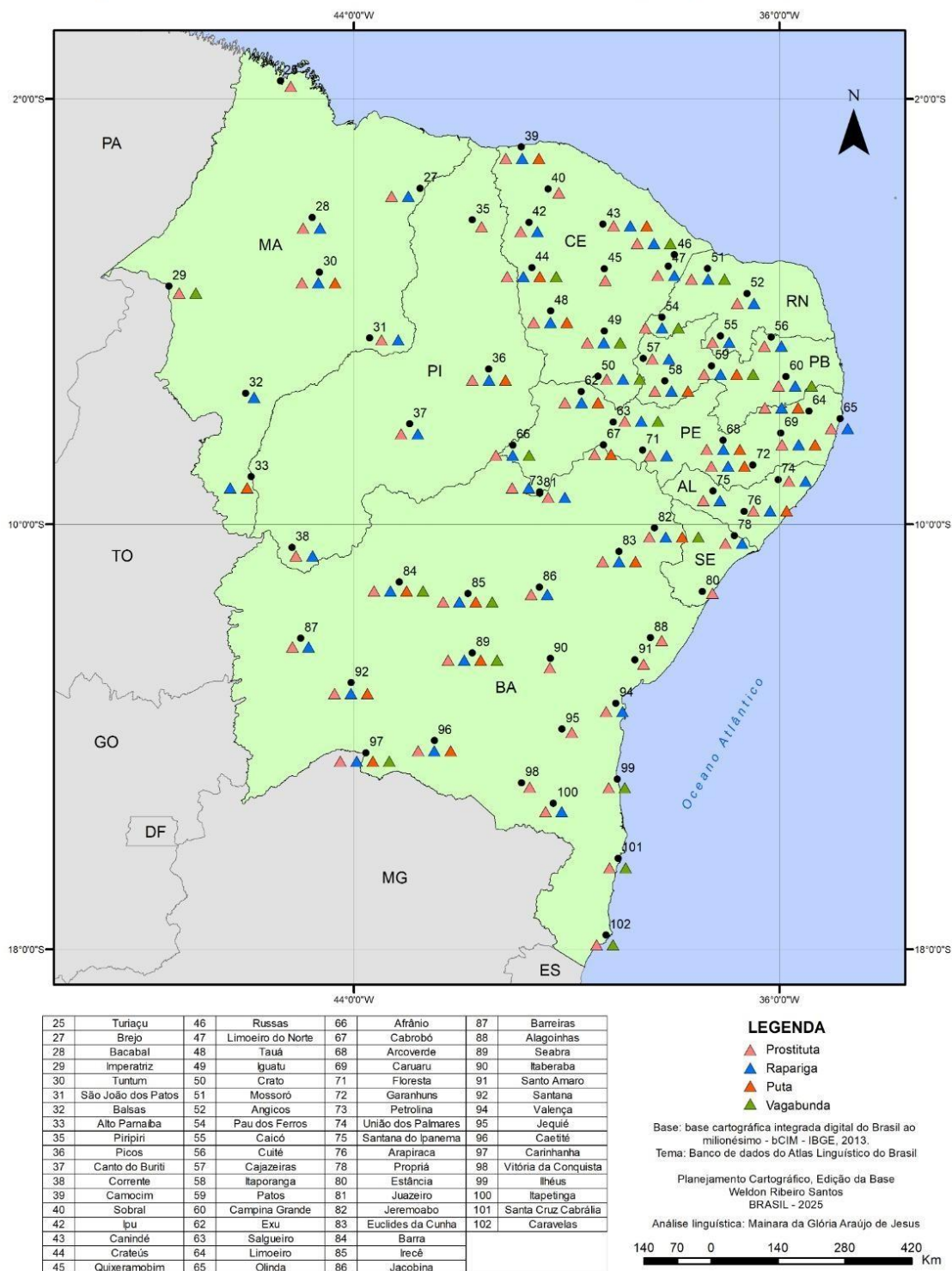


Fonte: Elaboração própria.

Em suma, constata-se, a partir dos resultados encontrados, que *prostituta* é a forma mais produtiva em todos os estados da Região Nordeste e que, na maioria das vezes, ela é mencionada juntamente com a denominação *rapariga*, que é a segunda expressão mais usada pelos entrevistados. As lexias *puta* e *vagabunda* foram as outras duas lexias simples mais frequentes no *corpus*, como se pode ver na Figura 2, a seguir:

Figura 2: Carta 1 – Lexias simples frequentes para ‘mulher que se vende para qualquer homem por dinheiro’ no interior do Nordeste

Pergunta 142 do QSL – “... A mulher que se vende para qualquer homem”

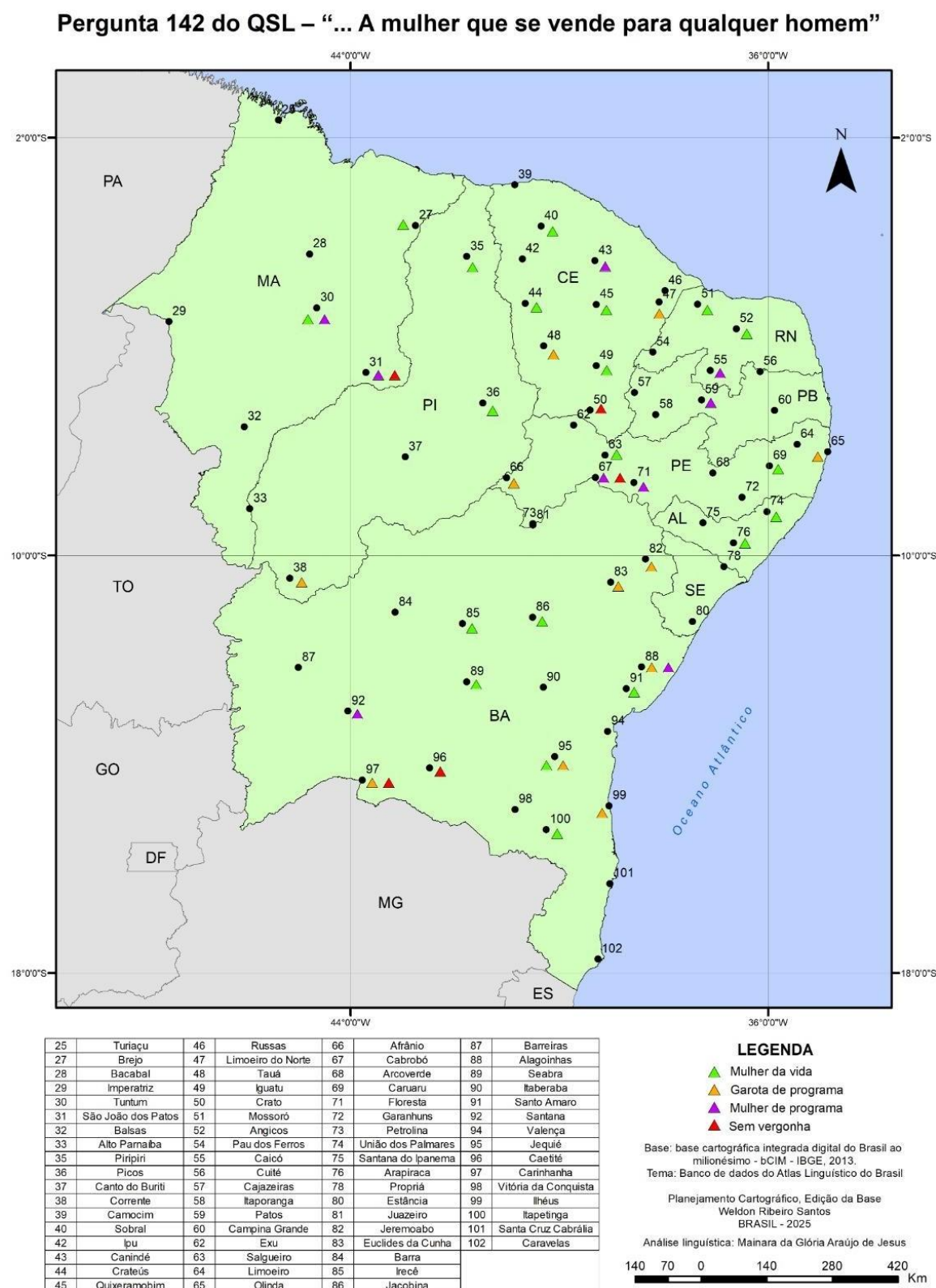


Fonte: Elaboração própria.

Mas, apesar de essas quatro lexias terem sido as lexias simples mais frequentes, há uma grande variação de denominações utilizadas, como foi apresentado no Quadro 3.

Quanto às lexias complexas, as mais recorrentes na rede de pontos do interior da Região Nordeste foram *mulher da vida*, *garota de programa*, *mulher de programa* e *sem vergonha*, como se pode visualizar na Figura 3, a seguir, muito embora outras denominações também tenham sido registradas, como se viu anteriormente.

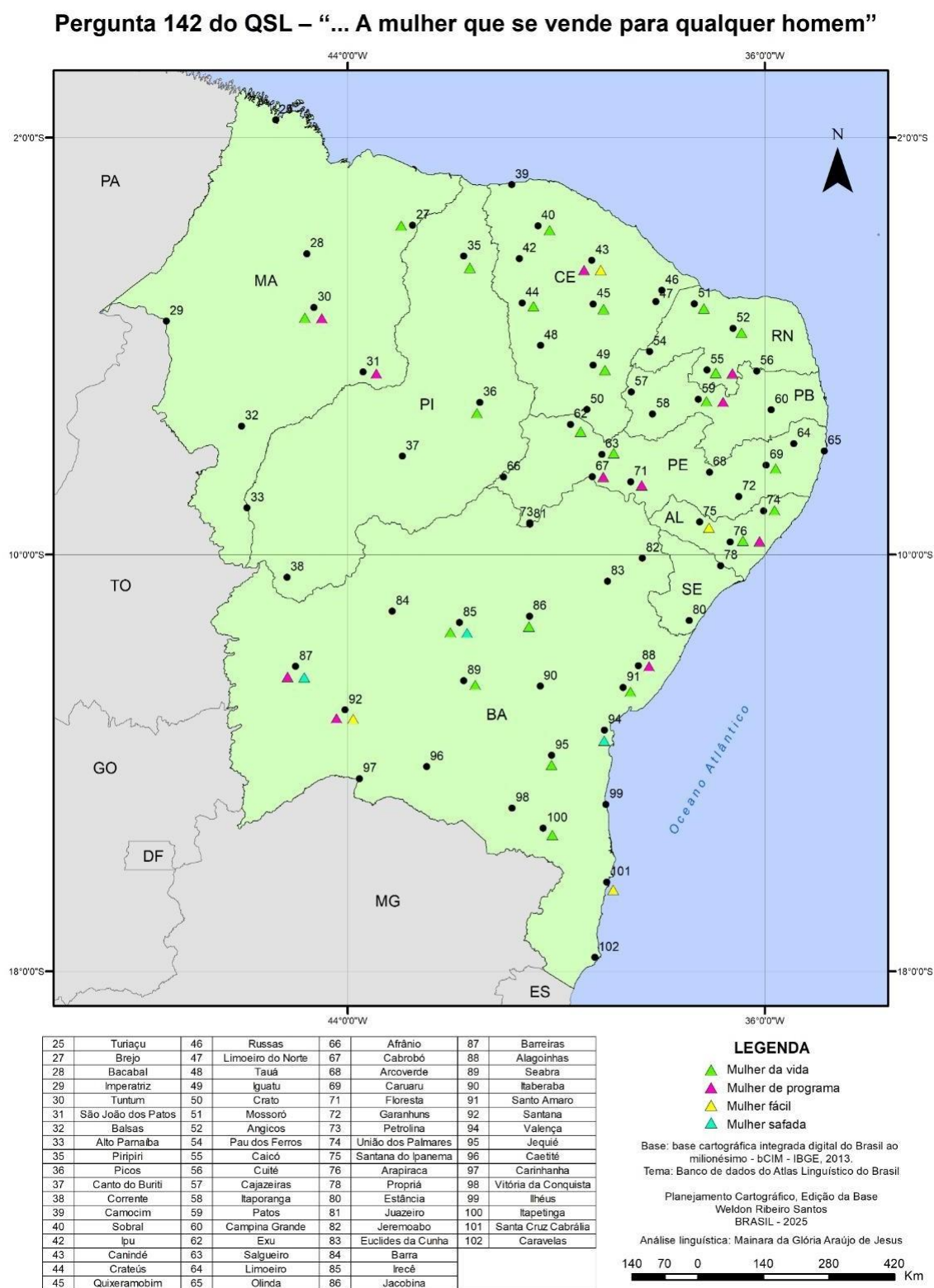
Figura 3: Carta 2 – Lexias complexas frequentes para ‘mulher que se vende para qualquer homem por dinheiro’ no interior do Nordeste



Fonte: Elaboração própria.

Dentre as lexias complexas documentadas no *corpus* analisado, além das denominações *mulher da vida* e *mulher de programa*, que estão entre as mais frequentes, conforme se viu na Figura 3, muitas outras formadas com a base *mulher* [...] foram registradas, como mostrado na seção 5.2.2 desta dissertação. Além de *mulher da vida* e *mulher de programa*, alcançaram alto grau de recorrência, do ponto de vista espacial, as lexias *mulher fácil* e *mulher safada*, como se pode ver na Figura 4, a seguir:

Figura 4: Carta 3 – Lexias com a base *mulher* [...] frequentes para ‘mulher que se vende para qualquer homem por dinheiro’ no interior do Nordeste



Fonte: Elaboração própria.

Cumprе destacar que, embora entre as menos frequentes, a lexia *quenga* foi registrada em todo o interior do Nordeste (14 ocorrências), à exceção dos estados do Rio Grande do Norte e Sergipe, embora o ALS tenha documentado essa forma nos anos 1960. Quanto às capitais nordestinas, Isquendo e Benke (2023, p. 273) informam que essa lexia só não foi registrada em Salvador, Recife e Natal e confirmam ser essa denominação uma marca de regionalismo do Nordeste. Também a lexia *rameira* teve baixa produtividade, tendo sido registradas uma ocorrência no Piauí e uma ocorrência no Ceará. Segundo Isquendo e Benke (2023, p. 273), essa lexia é produtiva na Região Norte e, quanto às capitais nordestinas, só foi documentada em Natal, João Pessoa e Salvador. Ainda quanto a essas duas lexias, aparecem na novela “Tieta”, da Rede Globo, baseada no romance *Tieta do Agreste* do escritor baiano Jorge Amado, proferidas na mesma frase pela personagem Perpétua, interpretada por Joana Fomm, ao se dirigir de forma ofensiva à sua irmã, Tieta, interpretada por Betty Faria, para o seu passado diante da população de Santana do Agreste, cidade fictícia localizada no agreste baiano: “Tieta é quenga sim, e das mais rameiras!”. A novela foi exibida inicialmente em entre 1989 e 1990 e reprisada entre 2024 e 2025. Assim, considerando a publicação do romance amadiano (1977), a primeira exibição da novela e o baixo índice de ocorrência no *corpus*, pode-se ratificar a hipótese de que *quenga* é um regionalismo e aventar a hipótese de que *rameira* esteja caindo em desuso.

VARIAÇÃO DIASSEXUAL

Considerando que o sexo é uma das variáveis que pode atuar na variação linguística, por evidenciar como homens e mulheres utilizam a língua, a depender dos papéis sociais que desempenham na comunidade, o Projeto ALiB estratificou seus informantes por sexo.

Nesta pesquisa, essa variável também foi, portanto, considerada, sobretudo pelo fato de se tratar de uma pergunta que se refere apenas à prostituição feminina. Assumiu-se a hipótese de as mulheres utilizassem mais eufemismos e disfemismos, por uma questão de solidariedade, e que os homens utilizassem mais denominações mais populares, mais preconceituosas e mais ofensivas. Os dados coletados demonstram que:

- A expressão *sem responsabilidade* foi pronunciada apenas por mulheres;

- As associações com os nomes de animais, especificamente *galinha* e *piranha*, foram mais empregadas pelas mulheres, embora esperássemos sua maior frequência entre os homens pelo caráter depreciativo dessas lexias – *galinha* foi enunciada sete vezes entre as mulheres e quatro vezes entre os homens e *piranha* foi resposta de sete mulheres e de cinco homens;
- Os homens foram responsáveis por mais da metade das ocorrências das lexias *rapariga* (69 dados) e *puta* (25 dados) – entre as mulheres, *rapariga* ocorreu 46 vezes e *puta*, 16 vezes;
- Na comparação entre os sexos, as lexias formadas a partir da base *mulher[...]* foram mais produzidas pelas mulheres (50 ocorrências) do que pelos homens (35 ocorrências);
- Especificamente, os fraseologismos *mulher de programa* e *mulher da vida* foram preferencialmente utilizados pelas mulheres, o primeiro por sete mulheres (contra quatro homens) e o segundo por 17 mulheres (contra nove homens);
- Há um equilíbrio entre homens e mulheres no que concerne ao uso da denominação *prostituta*, que apresentou 100 ocorrências em cada sexo; ao uso de *vagabunda*, que foi citada 12 vezes pelos homens e 13 vezes pelas mulheres; ao uso de *safada*, mencionada sete vezes pelos informantes masculinos e sete vezes pelos informantes femininos; a *bandida*, utilizada quatro vezes pelos homens e cinco vezes pelas mulheres; e a *cachorra*, mencionada quatro vezes pelos homens e quatro vezes pelas mulheres.

A distribuição das lexias mais frequentes estratificadas por sexo está apresentada na Tabela 4, a seguir:

Tabela 4: Lexias mais frequentes para ‘prostituta’ no interior do Nordeste por Sexo

Sexo \ Lexia	<i>prostituta</i>	<i>rapariga</i>	<i>puta</i>	<i>mulher [...]</i>
Masculino	100	69	25	35
Feminino	100	46	16	50
Total	200	115	41	85

Fonte: Elaboração própria.

Comparando com os resultados das capitais apresentados por Isquierdo e Benke (2023), vê-se que a lexia *puta* é mais usada entre os homens, segundo as autoras, o que seria justificado pela carga semântica pejorativa da palavra (Isquierdo; Benke, 2023, p. 280). Quanto à lexia *mulher da vida* também é mais produtiva entre as mulheres nas capitais brasileiras (cf. Isquierdo; Benke, 2023, p. 281).

A nossa hipótese foi confirmada, portanto, parcialmente. As lexias *galinha* e *piranha*, ao contrário do esperado, foram mais produtivas entre as mulheres. E as denominações *vagabunda*, *safada*, *cachorra* e *bandida*, também contrariando a hipótese inicial, não apresentam variação diasssexual.

VARIAÇÃO DIAGERACIONAL

Os informantes do ALiB estão estratificados também por faixa etária: faixa I – de 18 a 30 anos e faixa II – de 50 a 65 anos. Considerando o tempo aparente (Labov, 2008 [1972]), é possível verificar o desuso de certas formas linguísticas e a implementação de novas formas ao se fazer a comparação entre gerações de falantes distintas.

No que concerne à variação diageracional, os dados do interior do Nordeste para a denominação da ‘prostituta’ revelam que:

- *Garota de programa* é majoritariamente uma preferência dos mais jovens (12 ocorrências entre os falantes da faixa etária I), visto que aparece apenas uma vez entre as respostas de uma mulher da faixa etária II (Tauá-CE). Isso pode ser justificado pelas mudanças socioculturais. Nesse caso, com a configuração assumida pelos novos modelos de profissionais do sexo, as prostitutas assim passaram a ser categorizadas. Como mencionado anteriormente, *garota de programa* é a prostituta jovem que não se expõe nas ruas. Contrariamente ao previsto antigamente e culturalmente para as prostitutas, as “garotas” têm modos de operar diferentes das profissionais do sexo mais velhas, fazendo contato com os clientes por telefone, por exemplo. Sendo assim, esta denominação está mais próxima do repertório vocabular dos mais jovens, por situar um contexto mais recente e a expressão ser muito utilizada na mídia e nas novelas contemporâneas;

- *Quenga* possui maior ocorrência nos entrevistados da faixa etária I (nove ocorrências), diferentemente do esperado, pois hipoteticamente estaria caindo em desuso (a faixa etária II apresentou apenas cinco ocorrências dessa variante);
- Das 12 menções coletadas para *piranha*, oito foram proferidas por falantes da faixa etária II (os outros quatro dados ocorreram na faixa etária I);
- *Meretriz* foi utilizada apenas três vezes por sujeitos da faixa etária I, enquanto que a faixa etária II a mencionou 12 vezes – lexia provavelmente também caindo em desuso;
- Embora com baixa ocorrência (dois dados apenas), *leviana* só foi utilizada por informantes da faixa etária II (mulher de Iguatu-CE e homem de Santana-BA) – lexia também caindo em desuso;
- *Rameira/rampeira* teve cinco ocorrências, quatro em sujeitos da faixa etária II, como esperado, e apenas uma em um falante da faixa etária I (homem de Limoeiro-PE) – forma provavelmente também caindo em desuso;
- Também os informantes mais velhos utilizaram mais as lexias formadas a partir da base *mulher [...]* (56 dados) do que os informantes mais jovens (29 dados);
- O eufemismo *mulher dama* foi mencionado apenas duas vezes e por informantes mulheres da faixa etária II (Estância-SE e Santo Amaro-BA), o que comprova que a lexia está caindo em desuso;
- As lexias *mulher vulgar*, *mulher muito vulgar* e *vulgar*, que apontam a vulgaridade da mulher prostituta, foram citadas quase que exclusivamente pelos informantes mais velhos (quatro ocorrências); entre os falantes da faixa etária I, ocorreu uma única vez (homem de Caicó-PB);
- A lexia complexa *mulher da/de vida livre* foi encontrada somente nas respostas de falantes da faixa etária II (três ocorrências);
- *Mulher de/da vida fácil* não foi pronunciada por nenhum informante jovem – os seis dados apareceram entre os informantes da faixa etária II, embora a lexia *mulher fácil* tenha apresentado duas ocorrências entre os falantes da faixa etária I e duas ocorrências entre os falantes da faixa etária II, sem variação diageracional;
- A denominação *vadia* foi usada por cinco informantes da faixa etária I e por seis informantes da faixa etária II, não apresentando, portanto, variação diageracional;

- As lexias *prostituta* – com 110 ocorrências entre os falantes da faixa etária I e 90 ocorrências entre os falantes da faixa etária II –, *rapariga* – com 60 ocorrências entre os informantes mais jovens e 55 entre os mais velhos – e *puta* – com 20 dados de sujeitos da faixa etária I e 21 dados de sujeitos da faixa etária II – também parecem não apresentar variação diageracional.

A distribuição das lexias mais frequentes estratificadas por faixa etária está apresentada na Tabela 5, a seguir:

Tabela 5: Lexias mais frequentes para ‘prostituta’ no interior do Nordeste por Faixa etária

Lexia Faixa etária	<i>prostituta</i>	<i>rapariga</i>	<i>puta</i>	<i>mulher [...]</i>
18 a 30 anos	110	60	20	29
50 a 65 anos	90	55	21	56
Total	200	115	41	85

Fonte: Elaboração própria.

Sobre as capitais brasileiras, Isquierdo e Benke (2023, p. 279) atestam que *rapariga* e *meretriz* são mais frequentes entre os informantes mais velhos.

Considerando, pois, a variação diageracional, podemos supor que algumas lexias estão caindo em desuso – como *mulher dama*, *meretriz*, *leviana* e *rampeira/rameira*, por exemplo – e que a lexia *garota de programa* é inovadora para denominar a ‘prostituta’.

Isquierdo e Benke (2023, p. 278-279) salientam que as lexias de *rapariga* e *meretriz* se destacam pelo uso majoritário entre os informantes da faixa etária II, “um traço de conservadorismo no nível lexical”.

Tendo sido apresentadas as análises das variações diassexual e diageracional, antes de partimos para as considerações finais, deixamos registrado para, quem sabe, futuras investigações e também para mais uma vez enfatizar o caráter mutável da língua, uma gíria que recentemente ganhou popularidade nas redes sociais e cujo significado pode variar, dependendo do contexto empregado. A palavra *job*, que originalmente significa “trabalho” em inglês, tem ganhado uma interpretação diferente na internet brasileira pelos jovens. *As do job*, *trabalhar no job*, *meninas do job*, *mulheres do Job* são expressões que estão sendo associadas tanto às mulheres que atuam como acompanhantes em eventos ou encontros românticos (acompanhante de luxo) quanto às profissionais do sexo.

A associação dessa lexia com a prestação de serviços sexuais tem ganhado impulso também pelas letras de músicas. Um exemplo é a música “Ballena”, em que há um trecho que diz: “De salto alto, Prada Milano, toda sensual. Será que ela é do job?”¹⁴. Segundo o jornal *Correio*¹⁵, a gíria é “usada para se referir a garotas de programa, o termo surgiu com o cantor Grelo, dono do hit ‘Só Fé’. O termo ‘Do Job’ aparece em duas canções do goiano”. Uma delas é a música “De Graça ou Pagando”, que tem um trecho que diz: “Eu tentei ser seu, já que cê não quis/ Então sou das do job agora/ Esquece não”.

Dessa forma, “ser do *job*” é uma nova referência ao estilo de vida e à profissão das mulheres prostitutas. E pode-se afirmar que a incorporação de palavras estrangeiras e sua adaptação para novas interpretações e significados demonstram a inovação no léxico e o dinamismo do português brasileiro, que sofre transformações a todo tempo.

¹⁴ Composição: Vulgo FK / MC PH / Veigh. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/vulgo-fk/duas-doses-bebida-rosa/>. Acesso em: 12 fev. 2025.

¹⁵ Matéria intitulada “O que é ‘Do Job’ e de onde surgiu nova gíria? Entenda. Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/em-alta/o-que-e-do-job-e-de-onde-surgiu-nova-giria-entenda-0125>. Acesso em: 12 fev. 2025.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, assumindo como base teórico-metodológica a Dialetologia/Geolinguística (Ferreira; Cardoso, 1994; Cardoso, 2010; Thun, 2017) e a Sociolinguística (Labov, 2008 [1972]) e com base nos Estudos do Léxico (Biderman, 1996; 2001), teve como objeto de estudo as denominações para ‘prostituta’. O *corpus* foi constituído de dados coletados dos inquiridos das 69 localidades do interior da Região Nordeste que integram a rede de pontos do Projeto ALiB. Sendo assim, para este estudo, considerando as diversas denominações para ‘prostituta’, ajustadas à situação discursiva, aos interlocutores e aos contextos de que estes participam, a análise feita após o levantamento de dados seguiu a classificação entre lexias simples e complexas.

Em tese, as lexias utilizadas pelos informantes como resposta às denominações para ‘prostituta’ atestam a estreita relação entre língua, cultura e sociedade, pois revelam os aspectos culturais da comunidade de fala, deixando à vista o tabu linguístico presente no português falado no interior do Nordeste. Esse tabu é fruto dos padrões, tradições e experiências culturais, que ditam os comportamentos dos grupos de indivíduos. Nessa perspectiva, a pergunta 142 do QSL do ALiB, por envolver a sexualidade, que por si só em muitos contextos é um conteúdo proibido, reprimido e tratado com estranheza, tem suas respostas endossadas principalmente pelo preconceito e pela discriminação, visto que a figura da profissional do sexo é visualizada como um sinônimo de degradação moral.

Por consequência, acredita-se que, embora tenham sido documentadas várias denominações diferentes, entre lexias simples e complexas, a metodologia empregada pelo ALiB não possibilitou a enunciação, por muitos falantes, de outros termos ou expressões, por causa do tabu linguístico que perpassa por certos temas, como o da prostituição. Além disso, foi possível observar, durante a escuta dos áudios, que, para a pergunta 142 do ALiB-Nordeste, muitos entrevistadores “deixaram a desejar”, pois se contentavam apenas com a primeira resposta dada, não estimulando a enunciação de outros usos, como feito com outras perguntas.

É perceptível que a metodologia do ALiB precisa ser revista. Para muitas perguntas do questionário, algumas vezes os inquiridores precisaram recorrer a estratégias com intervenção para a realização do item lexical esperado. Por exemplo, em um estudo sobre as dificuldades de resposta para a lexia *doido*, referente à pergunta 138 do questionário fonético-fonológico – Que nome se dá a uma pessoa que às vezes fica furiosa, agressiva, precisa até ser internada no

hospício? –, Dalto (2018) explica que, para tal pergunta, esperava-se do informante a resposta “doido” com o intuito de verificar as variações fonéticas para esta lexia ([‘dojdu], [‘dojdzu] e [‘dodzu]), no entanto a resposta esperada aparecia apenas após a citação de outros itens lexicais correspondentes, como: *louco*, *maluco*, *pirado* etc.

Em outro estudo intitulado “Estratégias para obtenção de respostas nos inquéritos do ALiB: a questão 054 (aftosa) nas capitais do Centro-Oeste e Sudeste”, Yida, Gholmie e Vasconcelos (2018, p. 50) concluem que “são necessárias algumas adaptações na reformulação das perguntas em busca da obtenção de respostas específicas”, justificando que na Região Centro-Oeste houve menos reformulações da questão, em comparação com o Sudeste, provavelmente pelo fato de a lexia em estudo ser um vocábulo específico da pecuária, realidade um pouco mais distante dos informantes do Sudeste.

Semelhantemente, os dados obtidos na pergunta deste estudo demonstram que os inquiridores tiveram dificuldades em obter respostas que expressassem a verdadeira realidade

linguística de determinada localidade, pelo constrangimento provocado pela lexia objeto de tabu, o que nos faz refletir que é necessário repensar quem deveria ser o inquiridor para algumas perguntas. Outra questão em torno da pergunta 142 tangencia o carregamento de traços culturais machistas. O enunciado da pergunta é “Como se chama a mulher que se vende para qualquer homem, é só pagar? A forma como a pergunta é feita indiretamente já induz a uma ação discriminatória, reforçando estigmas. Questionar sobre os nomes utilizados para prostituta ou para a profissional do sexo não seria uma forma mais adequada? Deixamos aqui essa reflexão!

Esta pesquisa teve como objetivos: (i) analisar as lexias utilizadas para designar a ‘prostituta’ presentes nos dados orais de natureza geolinguística documentados no ALiB, a fim de verificar os tipos de variações existentes; (ii) mapear possíveis subáreas dialetais na Região Nordeste; e (iii) descrever a formação das lexias e os contextos sociais que permitem identificar as relações de sentido que originam as criações lexicais. E buscou respostas para as seguintes questões: (i) quais são as lexias simples e complexas utilizadas para designar a ‘prostituta’?; (ii) há subáreas dialetais no interior da Região Nordeste?; e (iii) há diferença entre os usos dos homens e das mulheres, dos mais jovens e dos mais velhos?

Foi possível alcançar os objetivos (i) e (iii). Quanto ao objetivo (ii), não conseguimos mapear subáreas dialetais na Região Nordeste, que, pelo menos para a pergunta aqui analisada, apresentou uma certa homogeneidade.

Respondendo à primeira questão da pesquisa, há uma diversidade de lexias utilizadas dentro do contexto geográfico nordestino para denominar a ‘prostituta’. Foram encontradas lexias simples (*prostituta, rapariga, puta, quenga, vadia, rameira...*) e lexias complexas (*mulher da vida, mulher fácil, mulher bate bacia, alça de caixão, cabeça de porco...*), estas formadas, em sua maioria, com a base *mulher [...]*.

Essas lexias foram quantificadas, o que revelou um total de 624 dados, sendo 497 de lexias simples e 127 de lexias complexas. Quanto às lexias simples, pela denominação *prostituta* (que atinge o percentual de 40%, com 200 ocorrências registradas no *corpus*) entre os informantes de todas as localidades pesquisadas. Na sequência, *rapariga* foi a segunda preferência dos informantes (atingindo o percentual de 23%, com um total de 115 ocorrências), e, em terceiro lugar, a variante *puta*, com 8% (41 ocorrências).

Quanto às lexias complexas, destacam-se as formadas com a base *mulher [...]*, que atingiram 67% dos dados (com 85 ocorrências), seguidas das lexias *garota de programa*, que obteve frequência de 11% (14 dados) e *sem vergonha*, que totalizou 5% dos dados, com sete ocorrências.

Muitas outras lexias foram documentadas no *corpus* da pesquisa, mas com baixa ou única ocorrência e foram descritas na seção de análise desta dissertação. Foram registrados eufemismos e disfemismos e muitas denominações estão revestidas de preconceito e discriminação da ‘prostituta’.

As criações lexicais são produzidas de forma consciente, como pode ser comprovado no excerto em que o falante demonstra que as escolhas lexicais realmente têm a intenção de desvalorizar a profissional do sexo: “[...] é porque são poucas pessoas que usam prostituta, a maioria usa muito em termo de... acho que... tipo assim de escrachar, diminuir a pessoa” (Olinda-PE, homem, faixa II).

Procedeu-se à análise qualitativa de todas as lexias, ressaltando casos específicos localizados espacialmente. Essa análise foi feita após consulta a dicionários, com especial atenção para as explicações dadas pelos próprios informantes durante a realização dos inquéritos do ALiB. Os resultados apontam para casos de eufemismos e de disfemismo.

Ressalta-se que, apesar da diversidade linguística das variações de uso, os dados encontrados neste estudo foram também comparados aos dados das capitais nordestinas, que foram analisados previamente por Isquerdo e Benke (2023) e parece não haver discrepância entre o comportamento linguístico dos falantes da capital e do interior dos estados. A Região

Nordeste, pelo menos quanto à pergunta aqui analisada, apresenta grande homogeneidade linguística.

Quanto às questões levantadas nesta pesquisa, o que se pode dizer, até o momento, é que, diferentemente do esperado, parece haver certa homogeneidade na Região Nordeste para a denominação para ‘prostituta’. Existe uma certa variação diatópica, mas com o uso de termos bastante localizados e de ocorrências isoladas. Quanto à variação diasssexual, não há grandes diferenças entre as respostas de homens e mulheres. Quanto à variação diageracional, algumas diferenças foram encontradas, como a tendência ao desuso de certas lexias, a exemplo de *mulher dama*, que só apresentou dois registros, ambos na faixa etária II; expressões como *meretriz* e *rameira*, que são termos mais formais, foram utilizadas na maioria das vezes pelos informantes mais velhos; e *garota de programa*, que, contextualmente, como foi explicado, com mais frequência passou a fazer parte do vocabulário dos falantes mais jovens.

Os dados linguísticos referentes às localidades estudadas revelaram alguns recursos linguísticos utilizados pelos informantes para evitar o uso da lexia-tabu, como:

- Eufemismos: *mulher da vida*, *garota de programa*;
- Disfemismos: *mulher vira-lata*, *vadia*.

O alto índice de ocorrência da denominação *prostituta* em relação às demais variantes – que, embora sejam muitas, apresentam baixa ocorrência – pode sugerir duas hipóteses, mas que não são excludentes: (i) a metodologia do ALiB não proporcionou a elucidação de formas mais populares ou mais ofensivas e discriminatórias; e (ii) o acesso aos meios de comunicação, a pressão dos comandos paragramaticais – mídia e manuais de uso da língua (cf. Bagno, 2001) – e o aumento da escolarização estão contribuindo para um nivelamento linguístico em alguns elementos do léxico e para o abandono de regionalismos.

Ainda resta conhecer os dados das localidades do interior das demais regiões do Brasil para que estudos comparativos possam ser feitos e para que se possa mapear o fenômeno em todo o país. É preciso também rever a metodologia de coleta dos dados, pois muitos informantes do ALiB se sentiram constrangidos com a pergunta que alude a um tema tabu – a prostituição – e/ou com a presença de um interlocutor desconhecido, em geral uma mulher de mais idade, em uma situação de entrevista gravada. Além disso, é importante a consulta a outras fontes lexicais para a confirmação do registro ou não de algumas lexias documentadas no *corpus*.

Por fim, o ALiB é uma riqueza para os estudos linguísticos no país, pois ele guarda “tesouros preciosos” da língua do povo em um período de transição dos séculos, em que o país se modifica em diversos níveis, como, por exemplo, o acesso à escolarização, à mídia e à tecnologia.

E reitero os meus sinceros agradecimentos à minha querida orientadora, a Professora Josane Oliveira, pela transmissão de conhecimentos e experiências. A senhora foi imprescindível para a conclusão dessa pesquisa. Sua orientação, sugestões e conselhos foram valiosos e fizeram a diferença nessa jornada. Minha eterna gratidão!

REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina Márcia de Souza. A Lexicologia e a teoria dos campos lexicais. **Cadernos do CNLF**, v. XV, n. 5, t. 2, Rio de Janeiro, p. 1332-1343, 2011.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 2. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco / Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2001.
- ANDRADE, Tadeu Luciano Siqueira. O item lexical ‘prostituta’ na obra de Jorge Amado: uma análise léxico-semântica. In: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 7, Porto de Galinhas, 2019. **Anais...** Porto de Galinhas: UFPE, 2019, p. 4814-4821.
- ANTUNES, Irandé. O léxico de uma língua. In: ANTUNES, Irandé. **O território das palavras: estudo do léxico em sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. p. 27-49.
- ARAÚJO, Thays Coelho; BARROS, Carolina Pinheiro. As variações lexicais para o conceito de ‘prostituta’ no município de Anori-AM: um estudo dialetológico. **Revista Moara**, n. 54, p. 1-18, 2019.
- AULETE DIGITAL. **Dicionário Online Aulete Digital**. Disponível em: <https://aulete.com.br/sendeiro>. Acesso em: 17 fev. 2025.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz?** 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- BARBOSA, Viviane de Oliveira. **Mulheres do Babaçu: gênero, materialismo e movimentos sociais no Maranhão**. 2013. 266f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.
- BASÍLIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português do Brasil**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- BATISTA, Bryana Connie Linda Lopes. **Trabalhando os mapas geolinguísticos**. Relatório final PIB-H/0002/2014. Departamento de Apoio à Pesquisa Programa Institucional de Iniciação Científica – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.
- BENKE, Vanessa Cristina Martins. **Tabus linguísticos nas capitais do Brasil: um estudo baseado em dados geossociolinguísticos**. 2012. 313f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa**, v. 40, São Paulo, p. 27-46, 1996.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001. p. 11-20.

BOTELHO, Lais Lara. **Os nomes para ‘a mulher que se vende para qualquer homem’ documentados em Mato Grosso: o que podem revelar os dados do ALiB?** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura – Habilitação em Português/Literatura) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana, 2021.

BOTELHO, Lais Lara; COSTA, Daniela de Souza Silva; CARLOS, Valeska Gracioso. Estudos alibianos em Mato Grosso: os nomes para prostituta. **Working Papers em Linguística**, v. 23, n. 1, Florianópolis, p. 215-228, 2022.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 1998.

BRIVIO, Gustavo do Rego Barros. **Representações sobre a prostituição feminina na obra de Jorge Amado: um estudo estatístico**. 2010. 250f. Dissertação (Mestrado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

CABRAL, Marina da Silva. Um breve percurso sobre a história da Linguística e suas influências na Sociolinguística. **UOX – Revista Acadêmica de Letras-Português**, n. 2, Santa Catarina, p. 85-93, 2014.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CARDOSO, Suzana Alice. A dialectologia no Brasil: perspectivas. **D.E.L.T.A.**, v. 15, n. Especial, p. 233-255, 1999.

CARDOSO, Suzana Alice. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

CARDOSO, Suzana Alice; MOTA Jacyra Andrade. Projeto Atlas Linguístico do Brasil: antecedentes e estágio atual. **Alfa**, v. 56, n. 3, São Paulo, p. 855-870, 2012.

CARDOSO, Suzana Alice. A história do Atlas linguístico do Brasil. In: CARDOSO, Suzana Alice et al. (org.). **Atlas linguístico do Brasil**. v. 1: Introdução. Londrina: EDUEL, 2014. p. 17-29.

CARDOSO, Suzana Alice et al. (org.). **Atlas linguístico do Brasil**. v. 1: Introdução. Londrina: EDUEL, 2014a.

CARDOSO, Suzana Alice et al. (org.). **Atlas linguístico do Brasil**. v. 2: Cartas linguísticas 1. Londrina: EDUEL, 2014b.

CAULFIELD, Susann. **Em defesa da honra: moralidade, modernidade e nação no Rio de Janeiro (1918-1940)**. Campinas: Ed. UNICAMP, 2000.

COELHO, Lidianne Pereira; MESQUITA, Diana Pereira Coelho. Língua, cultura e identidade: conceitos intrínsecos e interdependentes. **Entreletras**, v. 4, n. 1, Araguaína, p. 24-34, 2013.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Projeto Atlas Linguístico do Brasil.** Questionários. Londrina: EDUEL, 2001.

CORRÊA, Sonia; OLIVAR, José Miguel Nieto Olivar. A política da prostituição no Brasil: entre a “neutralidade do Estado” e os “problemas feministas”. Tradução de Natânia Lopes e Dennis Novaes. **Illuminuras**, v. 22, n. 1, Porto Alegre, p. 296-334, 2021.

COSTA, Geisa Borges. **Denominações para diabo nas capitais brasileiras**: um estudo geossociolinguístico com base em dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil. 2016. 203f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

COSTA, Geisa Borges. Tabus linguísticos no léxico religioso: um estudo geolinguístico com base no projeto Atlas Linguístico do Brasil. **Revista Matraga**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 52, p. 44-53, jan./abr. 2021.

COSTA, Geisa Borges; PAIM, Marcela Moura Torres. Fraseologismos e tabus linguísticos nas denominações para *diabo* no nordeste brasileiro. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v.25, n. 1, p. 94-108, abr. 2022.

DALTO, Vanessa Lini. Maluco, louco, pirado: as dificuldades de resposta no questionário do ALiB para a lexia doido e o papel do inquiridor. **Entretextos**, Londrina, v. 18, n. 1, p. 243-259, jan./ jun. 2018.

DANTAS, Rictor de Oliveira; CARLOS, Valeska Gracioso. Dialetoлогия: de Gilliéron à atualidade. **Muitas Vozes**, v. 9, n. 1, Ponta Grossa, p. 388-409, 2020.

DICIONÁRIO INFORMAL da língua portuguesa (*online*). **Dicionário**. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/sinonimos/puara/>. Acesso em: 14 dez. 2024.

ESPÍNDOLA, Karoline. **Variantes léxico-semânticas de patas dianteiras, crina do pescoço, crina da cauda, lombo e garupa nos dados do ALiB**: revelações geossociolinguísticas. 2021. 210f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

FARACO, Carlos Alberto. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). **Introdução à linguística**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 27-51.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio Século XXI**: o dicionário da Língua Portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.

FERREIRA, Carlota et al. **Atlas lingüístico de Sergipe**. Salvador: UFBA – Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FIRMINO, Marcelo. Fake News: Chamar político de rei das puaras ou dono de puteiro será crime? **Blog É assim: informação, independência e credibilidade**. Maceió, 2024. Disponível em: <https://eassim.com.br/tag/puara/>. Acesso em: 18 fev. 2025.

FONSECA, Cláudia. Mães “abandonadas”: fragmentos de uma história silenciada. **Revista Estudos Feministas**, n. 20, v. 1, Florianópolis, p. 13-32, jan./abr. 2012.

FONSECA JR., Antônio Soares. **Dicionário do português nordestino (nordestinês)**. São Paulo: Factash Editora, 2005.

FRANÇA, Genival Veloso. Prostituição: um enfoque político-social. **Femina**, v. 22, n. 2, Rio de Janeiro, p. 145-148, 1994.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Sociolinguística no/do Brasil. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 58, n. 3, Campinas, p. 445-460, 2016.

FREITAS, Maylle Lima. As três ondas de estudos variacionistas no Brasil: um panorama de investigação. 2022. Disponível em: <file:///C:/Users/Josane/Downloads/ASTRONDASDEESTUDOSVARIACIONISTASNOBRASIL.pdf>. Acesso em: 19 dez. 2022.

GABRIELLI, Cassiana Panissa. **O paraíso terreal não é cá, é lá: o turismo sexual em Salvador/BA**. 2011. 227f. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

GARCIA, Carlos. **O que é o nordeste brasileiro**. 6. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

GILLIÉRON, Jules; EDMONT, Edmond. **Atlas linguistique de la France**. Paris: Champion, 1902-1910.

GUÉRIOS, Mansur. **Tabus linguísticos**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1956.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOUAISSNA UOL. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Disponível em: https://houaiss.uol.com.br/houaisson/apps/uol_www/v7-0/html/index.php#0. Acesso em: 20 dez. 2022.

ISQUERDO, Aparecida Negri; BENKE, Vanessa Cristina Martins. Denominações para *prostituta*. In: MOTA, Jacyra Andrade; RIBEIRO, Silvana Soares Costa; OLIVEIRA, Josane Moreira (org.). **Atlas linguístico do Brasil**. v. 3: Comentário às cartas linguísticas 1. Londrina: EDUEL, 2023. p. 269-288.

ISQUERDO, Aparecida Negri; TELES, Ana Regina. A rede de pontos. In: CARDOSO, Suzana Alice et al. (org.). **Atlas linguístico do Brasil**. v. 1: Introdução. Londrina: EDUEL, 2014. p. 37-77.

JESUS, Mainara da Glória Araújo. **Denominações para ‘prostituta’**: análise de dados do APFB e do ALiB-Bahia. 2023. 48f. Monografia (Especialização em Linguística e Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2023.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LAVOR, Cassio Murílio Alves; VIANA, Rakel Beserra de Macêdo; ARAÚJO, Aluiza Alves. Os tabus de decência *rapariga* e *prostituta*, eufemizados e disfemizados na fala cearense, a partir de dados do ALiB. **Domínios de Lingu@gem**, v. 17, Uberlândia, p. 1-27, 2023.

LIMA, Tatiane Michele Melo de. **A prostituição feminina no Brasil**: da “questão de polícia” à conquista de direitos. 2011. 113f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

LINTON, Ralph. O indivíduo, a cultura e a sociedade. In: CARDOSO, Fernando Henrique; IANNI, Octávio (org.). **Homem e sociedade**: leituras básicas de sociologia geral. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1966. p. 98-102.

LUCCHESI, Dante. Os limites da variação e da invariância na estrutura da gramática. **Revista da ABRALIN**, v. Eletrônico, n. Especial, p. 227-259, 2011.

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. 20. ed. São Paulo: Editora Ática, 2000.

MACEDO, Ana Isabel Rocha. **Carmela**: uma história de amor. Vitória da Conquista: Edição da Autora, 2017.

MONTEIRO, José Lemos. **Para compreender Labov**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. **Fraseologia** – Era uma vez um Patinho Feio no ensino de língua materna. v. I. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.

MORAES, Paulo Roberto; FIORAVANTI, Carlos. **Nordeste**: o berço do Brasil. São Paulo: HARBRA, 1998 (Coleção Redescobrimdo o Brasil: regiões brasileiras).

MOREIRA, Júlio César Lima. Sociolinguística variacionista e estruturalismo linguístico: um diálogo. **Revista Somma**, v. 1, n. 1, Teresina, p. 155-172, 2015.

MOTA, Jacyra Andrade. Dois momentos da geolinguística no Brasil: APFB e ALiB. In: LOBO, Tânia et al. (org.). **Rosae**: linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 509-518.

MOTA, Jacyra Andrade. Diálogos necessários e interfaces possíveis entre a Dialetoologia e a Sociolinguística: entrevista com a professora e pesquisadora Jacyra Andrade Mota [Entrevista concedida a Clézio Roberto Gonçalves e Josane Moreira de Oliveira]. **A Cor das Letras**, v. 22, n. Esp., Feira de Santana, p. 241-259, 2021.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice. Dialectologia brasileira: o atlas linguístico do Brasil. Rev. **ANPOLL**, n. 8, p. 41-57, 2000.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice. Sobre a dialetologia no Brasil. In: MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice (org.). *Documentos 2: Projeto Atlas Linguístico do Brasil*. Salvador: Quarteto, 2006. p. 15-34.

NASSER, Claudiane Silva. Uma análise da noção de perspectiva da metáfora conceptual MULHER É PIRANHA em letras de música. **Antares –Letras e Humanidades**, v. 16, n. 37, Caxias do Sul, p. 1-13, dez. 2024.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2001.

OLIVEIRA, Josane Moreira. A sociolinguística laboviana: festejando o cinquentenário e planejando o futuro. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 58, n. 3, Campinas, p. 481-501, 2016.

OLIVEIRA, Josane Moreira. Revisitando a metodologia do Projeto ALiB. In: RAMOS, Conceição de Maria de Araújo; ALTINO, Fabiane Cristina; PAIM, Marcela Mora Torres (org.). **Documentos 8: Projeto Atlas Linguístico do Brasil. O ALiB e suas mulheres. Linhas de saudade e homenagem**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2023. p. 451-478.

OLIVEIRA, Marco Túlio Cícero da Costa. **Relatório técnico- trabalho de conclusão de curso - TCC reportagem: a música potiguar brega como identidade musical do RN**. Trabalho de Conclusão de Curso (Jornalismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022.

OLIVEIRA, Thiago Soares. A sociolinguística e a questão da variação: um panorama geral. **Revista de Letras**, v. 19, n. 25, Curitiba, p. 1-18, 2017.

PAIM, Marcela Moura Torres. A variação lexical do português falado no Brasil: reflexões sobre o campo semântico vestuário e acessórios nos dados do Projeto ALiB. In: CONGRESSO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA, 17, João Pessoa, 2014. **Anais...** João Pessoa: ALFAL, 2014.

PAIM, Marcela Moura Torres; SFAR, Inês; MEJRI, Salah. **Nas trilhas da fraseologia a partir de dados orais de natureza geolinguística**. Salvador: Quarteto, 2018.

PAIM, Marcela Moura Torres; RIBEIRO, Silvana Soares Costa. Os fraseologismos no português falado no Nordeste brasileiro: unidades fraseológicas para designar a pessoa que não gosta de gastar seu dinheiro. **A Cor das Letras**, v. 19, n. Especial, Dossiê: VII Encontro de Sociolinguística, Feira de Santana, p. 79-90, 2018.

PASIANE, Luísa Fraga. **Turismo sexual em cidades turísticas do Nordeste brasileiro: o impacto na imagem do Brasil**. Projeto de Pesquisa em Planejamento e Gestão do Turismo. Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2017.

PORTO, Carla Lisboa. **A mulher malandra e a popular nas percepções de Ismael Silva e do Jornal Correio da Manhã (1930 – 1935)**. 2008. 135f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2008.

POZZO, Daniela Fátima; LUZ, Rudson Adriano Rossato; ROSA, Geraldo Antônio. A língua brasileira e a colonialidade: marcas de um passado muito presente. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo**, v. 19, n. 1, p. 70-84, 2023.

PRUDENCIO, Sandra Cerqueira Pereira. **As denominações de cachaça**: um estudo dialetológico, etnolinguístico e semântico-cognitivo. 2021. 618f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

RIBEIRO, Paulo Gabriel Calvet. **E aquela que costura pra fora?!**: proposta de glossário para a tabuização e o processo de formação de palavras para prostituta, no Maranhão. 2017. 90f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Maranhão, São Luís, 2017.

RIOS, Dermival Ribeiro. **Dicionário prático da língua portuguesa**. São Paulo: Difusão Cultural do Livro, 1998.

ROBBIN, Daniel Abud Marques. Tabu linguístico de decência sob o viés sócio histórico: o campo semântico das relações extraconjugais e extraoficiais na história da língua portuguesa. **Labor Histórico**, v. 8, n. 2, Rio de Janeiro, p. 197-220, 2022.

ROCHA, Ruth. **Minidicionário Ruth Rocha**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2003.

ROSSI, Nelson. **Atlas prévio dos falares baianos**. Salvador: Instituto Nacional do Livro, 1963.

SALOMÃO, Ana Cristina Biondo. Variação e mudança linguística: panorama e perspectivas da Sociolinguística Variacionista no Brasil. **Fórum Linguístico**, v. 8, n. 2, Florianópolis, p. 187-207, 2011.

SANTOS, Ana Cláudia da Anunciação. “Mulheres de vida livre”: a prostituição feminina em Cachoeira – Bahia 1940-1970. In: ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA, 7, Feira de Santana, 2016. *Anais...* Feira de Santana: ANPUH, 2016.

SANTOS, Léia Cristina Oliveira; COSTA, Aniel de Souza Silva. O ALiB e a norma lexical em Mato Grosso do Sul: nomes para prostituta. **Revista Falange Miúda**, v. 5, p. 176-196, 2020.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa. **O léxico em estudo**: grafia, toponímia, lexicologia, etimologia. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa. Língua, cultura, léxico. In: SOBRAL, Gilberto; LOPES, Norma da Silva; RAMOS, Jânia (org.). **Linguagem, sociedade e discurso**. São Paulo: Blucher, 2015. p. 65-83.

SILVA, Ana Cristina Oliveira. **Estatuto social da prostituição**: uma crítica ao padrão conceitual de positivação atribuído à prostituição contemporânea. 2012. 175f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

TEDESCO, Maria Teresa; MOUTINHO, Lurdes. Variações e mudanças: as línguas giram. **Matraga**, v. 31, n. 62, Rio de Janeiro, p. 223-232, 2024.

TELES, Ana Regina Torres Ferreira; RIBEIRO, Silvana Soares Costa. A cartografia dos dados. In: CARDOSO, Suzana Alice et al. (org.). **Atlas linguístico do Brasil**. v. 1: Introdução. Londrina: EDUEL, 2014. p. 113-123.

TELES, Ana Regina Torres Ferreira. **Cartografia e Georreferenciamento na Geolinguística: revisão e atualização das regiões dialetais e da rede de pontos para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil formuladas por Antenor Nascentes**. 2018. 483f. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

THUN, Harald. O velho e o novo na geolinguística. Tradução de Cláudia Pavan, Gabriel Schmitt, Eduardo Nunes e Viktorya Santos. **Cadernos de Tradução**, n. 40, Porto Alegre, p. 59-81, 2017.

THUN, Harald. Dialektologia pluridimensional e relacional: entrevista com o Professor Dr. Harald Thun [Entrevista concedida a Marcelo Jacó Krug e Cristiane Horst]. **Working Papers em Linguística**, v. 23, n. 1, Florianópolis, p. 8-16, 2022.

VASCONCELOS, A. A prostituição de meninas e adolescentes no Recife. **Tempo e Presença**, v. 13, n. 258, São Paulo, p. 22-23, 1991.

WASH, Sheila; BARNES, Christie. **Bíblia da mulher de fé**. 2. ed. Tradução de Marcus Aurélio de Castro Braga. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

WELKER, Herbert A. **Dicionários**: uma pequena introdução à lexicografia. 2. ed. revista e ampliada. Brasília: Thesaurus, 2004.

XIAO, W. **O eufemismo e o disfemismo em português e chinês, na obra do Pe. Joaquim Gonçalves**. 2015. 92f. Dissertação (Mestrado em Estudos Interculturais Português-Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial) – Universidade do Minho, Braga, 2015.

XIMENES, Sérgio. **Minidicionário Ediouro da Língua Portuguesa**. 2. ed. Reform. São Paulo: Ediouro, 2000.

YIDA, Vanessa; GHOLMIE, Myriam Rossi Sleiman; VASCONCELOS, Celciane Alves. Estratégias para obtenção de respostas nos inquéritos do ALiB: a questão 054 (aftosa) nas capitais do Centro-Oeste e Sudeste. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 21, n. 1, p. 32-54, abr. 2018.

ZANUY, Maria Teresa Quintilà. La interdicción lingüística en las denominaciones latinas para « prostituta ». **Revista de Estudios Latinos**, Universitat de Lleida, v. 4, p. 103-124, 2004.

ZAVAGLIA, Claudia. Metodologia em ciências da linguagem: lexicografia. In: GONÇALVES, Adair Vieira; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa (org.). **Ciências da linguagem: o fazer científico?** v. 1. Campinas: Mercado de Letras, 2012. p. 231-264.

APÊNDICE 1: EXEMPLÁRIO DAS LEXIAS SIMPLES

Nº	LEXIA COMPLEXA	FORMAÇÃO MORFOLÓGICA	IDENTIFICAÇÃO DO INFORMANTE
1	<i>adúltera</i>	nome	Corrente (PI), Inf. 4; União dos Palmares (AL), Inf. 4
2	<i>bandida</i>	nome	Alto Parnaíba (MA), Inf. 2 e 3; Tauá (CE), Inf. 2; Angicos (RN), Inf. 1; Pau dos Ferros (RN), Inf. 2; Exu (PE), Inf. 3;
3	<i>biscate</i>	nome	São João dos Patos (MA), Inf. 2
4	<i>cachorra</i>	nome	Canto do Buriti (PI), Inf. 1; Mossoró (RN), Inf. 1; Angicos (RN), Inf. 1; Patos (PB), Inf. 4; Jeremoabo (BA), Inf. 3; Caetité (BA), Inf. 2 e 4; Itapetinga (BA), Inf. 4
5	<i>cadela</i>	nome	Canto do Buriti (PI), Inf. 1; Caetité (BA), Inf. 4
6	<i>chifreira</i>	nome	Brejo (MA), Inf. 4; Cuité (PB), Inf. 1
7	<i>cotovia</i>	nome	Cabrobó (PE), Inf. 1
8	<i>derrubada</i>	nome	Caruaru (PE), Inf. 1
9	<i>descarada</i>	nome	Santa Cruz Cabralia (BA), Inf. 1
10	<i>enrolona</i>	nome	Itaporanga (PB), Inf. 4
11	<i>fuleira</i>	nome	Exu (PE), Inf. 4; Caruaru (PE), Inf. 1 e 2
12	<i>fuleiragem</i>	nome	Crato (CE), Inf. 3
13	<i>galinha</i>	nome	Imperatriz, (MA), Inf. 4; Canto do Buriti (PI), Inf. 1; Sobral (CE), Inf. 4; Canindé (CE), Inf. 4; Iguatu (CE), Inf. 3; Exu (PE), Inf. 4; Petrolina (PE), Inf. 2; Juazeiro (BA), Inf. 2; Euclides da Cunha (BA), Inf. 1; Barreiras (BA), Inf. 1
14	<i>jacaré</i>	nome	Patos (PB), Inf. 3
15	<i>leviana</i>	nome	Iguatu (CE), Inf. 4
16	<i>malandra</i>	nome	Balsas (MA), Inf. 4; Caravelas (BA), Inf. 3
17	<i>margarete</i>	nome	Cabrobó (PE), Inf. 4
18	<i>meretriz</i>	nome	Brejo (MA), Inf. 3; Imperatriz (MA), Inf. 3 e 4; São João dos Patos (MA), Inf. 4; Piripiri (PI), Inf. 4; Canto do Buriti (PI), Inf. 4; Crateús (CE), Inf. 3; Quixeramobim (CE), Inf. 1; Campina Grande (PB), Inf. 3;

			Limoeiro (PE), Inf. 4; União dos Palmares (AL), Inf. 4; Santana do Ipanema (AL), Inf. 3; Jeremoabo (BA), Inf. 1; Santo Amaro (BA), Inf. 2 e 3
19	<i>pilantra</i>	nome	Pau dos Ferros (RN), Inf. 3; Santana (BA), Inf. 3
20	<i>piranha</i>	nome	Imperatriz (MA), Inf. 4; Alto Parnaíba (MA), Inf. 4; Canto do Buriti (PI), Inf. 1; Russas (CE), Inf. 4; Itaporanga (PB), Inf. 1; Patos (PB), Inf. 3; Arapiraca (AL), Inf. 3; Propriá (SE), Inf. 4; Santana (BA), Inf. 2; Jequié (BA), Inf. 4; Santa Cruz Cabralia (BA), Inf. 4; Caravelas (BA), Inf. 3
21	<i>pirigüete</i>	nome	Salgueiro (PE), Inf. 1; Cabrobó (PE), Inf. 1 e 4; Santo Amaro (BA), Inf. 1; Valença (BA), Inf. 2; Ilhéus (BA), Inf. 3
22	<i>prostituta</i>	nome	Turialva (MA), Inf. 2, 3 e 4; Brejo (MA), Inf. 1; Bacabal (MA), Inf. 1, 2 e 3; Imperatriz (MA), Inf. 2; Tuntum (MA), Inf. 1 e 2; São João dos Patos (MA), Inf. 4; Piripiri (PI), Todos os informantes; Picos (PI), Inf. 1, 2 e 4; Canto do Buriti (PI), 2, 3 e 4; Corrente (PI), Inf. 2 e 4; Camocim (CE), Inf. 1, 3 e 4; Sobral (CE), Todos os informantes; Ipu (CE), Inf. 1, 2 e 4; Canindé (CE), Todos os informantes; Crateús (CE), Inf. 1, 2 e 3; Quixeramobim (CE), Todos os informantes; Russas (CE), Inf. 1, 2 e 3; Limoeiro do Norte (CE), Inf. 1, 2 e 3; Tauá (CE), Inf. 1, 3 e 4; Iguatu (CE), Inf. 2; Crato (CE), Inf. 1, 2 e 3; Mossoró (RN), Inf. 1, 2 e 3; Angicos (RN), Inf. 2, 3 e 4; Pau dos Ferros (RN), Inf. 1, 2 e 4; Caicó (RN), Inf. 1, 2 e 3; Cuité (PB), Inf. 1, 2 e 4; Cajazeiras (PB), Todos os informantes; Itaporanga (PB), Inf. 3; Patos (PB), Todos os informantes; Campina Grande (PB), todos os informantes; Exu (PE), Inf. 2, 3 e 4; Salgueiro (PE),

			<p>Inf. 2 e 4; Limoeiro (PE), Todos os informantes; Olinda (PE), Inf. 1, 2 e 4; Afrânio (PE), Inf. 1, 2 e 3; Cabrobó (PE), Inf. 1, 2 e 3; Arcoverde (PE), Inf. 1, 2 e 3; Caruaru (PE), Todos os informantes; Floresta (PE), Inf. 1, 2 e 3; Garanhuns (PE), Todos os informantes; Petrolina (PE), Inf. 2, 3 e 4; União dos Palmares (AL), Inf. 1 e 3; Santana do Ipanema (AL), Inf. 1, 2 e 4; Arapiraca (SE), Todos os informantes; Propriá (SE), Todos os informantes; Estância (SE), Todos os informantes; Juazeiro (BA), Todos os informantes; Jeremoabo (BA), Todos os informantes; Euclides da Cunha (BA), Inf. 2, 3 e 4; Barra (BA), Inf. 1, 3 e 4; Irecê (BA), Inf. 1, 3 e 4; Jacobina (BA), Inf. 1, 2 e 4; Barreiras (BA), Todos os informantes; Alagoinhas (BA), Todos os informantes; Seabra (BA), (BA), Inf. 1, 2 e 3; Itaberaba (BA), Todos os informantes; Santo Amaro (BA), Inf. 1, 2 e 4; Santana (BA), Inf. 2; Valença (BA), Inf. 2 e 3; Jequié (BA), Inf. 2 e 3; Caetité (BA), Inf. 1, 2 e 3; Carinhanha (BA), Inf. 1, 2 e 3; Vitória da Conquista, (BA), Todos os informantes; Ilhéus (BA), Todos os informantes; Itapetinga (BA), Inf. 1 2 e 3; Santa Cruz Cabralia (BA), Inf. 2; Caravelas (BA), Inf. 1 e 2</p>
23	<i>puara</i>	nome	Caicó (RN), Inf. 4
24	<i>puta</i>	nome	<p>Tuntum (MA), Inf. 2 e 4; Alto Parnaíba (MA), Inf. 1 e 4; Picos (PI), Inf. 3; Camocim (CE), Inf. 3; Canindé (CE), Inf. 1 e 3; Crateús (CE), Inf. 3; Tauá (CE), Inf. 1 e 2; Mossoró (RN), Inf. 3; Itaporanga (PB), Inf. 3; Patos (PB), Inf. 3; Exu (PE), Inf. 4; Limoeiro (PE), Inf. 2; Cabrobró, Inf. 3 e 4; Arcoverde (PE), Inf. 1; Caruaru (PE), Inf. 1 e 2; Floresta (PE), Inf. 4; Garanhuns</p>

			(PE), Inf. 3 e 4; Arapiraca (AL), Inf. 1; Estância (SE), Inf. 1; Jeremoabo (BA), Inf. 1, 3 e 4; Euclides da Cunha, Inf. 1 e 3; Barra (BA), Inf. 2; Irecê (BA), Inf. 3; Seabra (BA), Inf. 1; Santana (BA), Inf. 1, 3 e 4; Caetité (BA), Inf. 2; Carinhanha (BA), Inf. 1; Santa Cruz Cabralia (BA), Inf. 1; Caravelas (BA), Inf. 4
25	<i>quenga</i>	nome	Imperatriz (MA), Inf. 1; Picos (PI), Inf. 3; Sobral (CE), Inf. 2; Crateús (CE), Inf. 4; Crato (CE), Inf. 3; Cajazeiras (PB), Inf. 1; Salgueiro (PE), Inf. 1; Afrânio (PE), Inf. 1; Caruaru (PE), Inf. 2; Garanhuns (PE), Inf. 3; Santana do Ipanema (AL), Inf. 2; Arapiraca (AL), Inf. 1; Barra (BA), Inf. 3; Carinhanha (BA), Inf. 3;
26	<i>rabugenta</i>	nome	Carinhanha (BA), Inf. 3
27	<i>rameira</i>	nome	Canto do Buriti (PI), Inf. 4; Camocim (CE), Inf. 4
28	<i>rampeira</i>	nome	Quixeramobim (CE), Inf. 3; Limoeiro (PE), Inf. 1; Ilhéus (BA), Inf. 3
29	<i>rapariga</i>	nome	Brejo (MA), Inf. 3; Bacabal (MA), Inf. 3; Tuntum (MA), Inf. 1, 2 e 3; São João dos Patos (MA), Inf. 2, 3 e 4; Balsas (MA), Inf. 1 e 2; Alto Parnaíba (MA), Inf. 1; Picos (PI), Inf. 3 e 4; Canto do Buriti (PI), Inf. 2 e 3; Corrente (PI), Inf. 1 e 4; Camocim (CE), Inf. 2 e 3; Ipu (CE), Inf. 1 e 3; Canindé (CE), Inf. 1 e 2; Crateús (CE), Inf. 1; Russas (CE), Inf. 1 e 4; Limoeiro do Norte (CE), Inf. 4; Tauá (CE), Inf. 1, 2 e 3; Iguatu (CE), Inf. 1 e 2; Crato (CE), Inf. 3; Mossoró (RN), Inf. 1, 2 e 3; Angicos (RN), Inf. 1; Pau dos Ferros (RN), Inf. 1, 2 e 3; Caicó (RN), Inf. 3; Cuité (PB), Inf. 1, 2 e 4; Cajazeiras (PB), Inf. 1, 2 e 4; Itaporanga (PB), Todos os informantes; Patos (PB), Inf. 1 e 2; Campina Grande (PB), Inf. 2; Exu (PE), Inf. 1, 2 e 4; Salgueiro (PE),

			<p>Inf. 1 e 3; Limoeiro (PE), Inf. 1 e 2; Olinda (PE), Inf. 2 e 4; Afrânio (PE), Inf. 1; Cabrobó, Inf. 3 e 4; Arcoverde (PE), Inf. 1 e 3; Caruaru (PE), Inf. 1,2 e 3; Floresta (PE), Inf. 2, 3 e 4; Garanhuns (PE), Inf. 1, 3 e 4; Petrolina (PE), Inf. 1; União dos Palmares (AL), Inf. 3 e 4; Santana do Ipanema (AL), Inf. 1, 2 e 4; Arapiraca (AL), Inf. 1 e 4; Propriá (SE), Todos os informantes; Juazeiro (BA), Inf. 1 e 3; Jeremoabo (BA), Inf. 4; Euclides da Cunha (BA), Inf. 3; Barra (BA), Inf. 1, 2 e 3; Irecê (BA), Inf. 3 e 4; Jacobina (BA), Inf. 1; Barreiras (BA), Inf. 1, 2 e 4; Seabra (BA), Inf. 1 e 3; Itaberaba (BA), Inf. 3; Santana (BA), Todos os informantes, Valença (BA), Inf. 4; Caetité (BA), Inf. 1 e 3; Carinhonha (BA), Inf. 1 e 3; Itapetinga (BA), Inf. 3</p>
30	<i>safada</i>	nome	<p>Bacabal (MA), Inf. 4; São João dos Patos (MA), Inf. 1; Mossoró (RN), Inf. 1; Angicos (RN), Inf. 1; Pau dos Ferros (RN), Inf. 3; Caetité (BA), Inf. 2; Vitória da Conquista (BA), Inf. 4; Santa Cruz Cabralia (BA), Inf. 1 e 4; Caravelas (BA), Inf. 4</p>
31	<i>sendeira</i>	nome	Brejo (MA), Inf. 4
32	<i>sirigaita</i>	nome	Brejo (MA), Inf. 2
33	<i>vadia</i>	nome	<p>Imperatriz (MA), Inf. 1; São João dos Patos (MA), Inf. 1; Balsas (MA), Inf. 4; Patos (PB), Inf. 4; Campina Grande (PB), Inf. 4; Exu (PE), Inf. 1; Cabrobó (PE), Inf. 1; Seabra (BA), Inf. 4; Caravelas (BA), Inf. 1</p>
34	<i>vagabunda</i>	nome	<p>Imperatriz (MA), Inf. 4; Crateús (CE), Inf. 4; Quixeramobim (CE), Inf. 3; Russas (CE), Inf. 4; Iguatu (CE), Inf. 3; Crato (CE), Inf. 2; Mossoró (RN), Inf. 1; Pau dos Ferros (RN), Inf. 3; Patos (PB), Inf. 4; Campina Grande (PB), Inf. 3 e 4; Salgueiro (PE), Inf. 2; Afrânio</p>

			(PE), Inf. 4; Jeremoabo (BA), Inf. 3; Barra (BA), Inf. 1 e 2; Irecê (BA), Inf. 1; Seabra (BA), Inf. 4; Valença (BA), Inf. 2; Carinhanha (BA), Inf. 4; Ilhéus (BA), Inf. 1 e 2; Santa Cruz Cabralia (BA), Inf. 1; Caravelas (BA), Inf. 3
35	<i>vigarista</i>	nome	Itaporanga (PB), Inf. 4
36	<i>vulgar</i>	nome	Patos (PB), Inf. 4

APÊNDICE 2: EXEMPLÁRIO DAS LEXIAS COMPLEXAS

Nº	LEXIA COMPLEXA	FORMAÇÃO MORFOLÓGICA	IDENTIFICAÇÃO DO INFORMANTE
1	<i>alça de caixão</i>	nome + preposição + nome	Jeremoabo (BA), Inf. 1
2	<i>banda voou</i>	nome + verbo	Afrânio (PE), Inf. 3
3	<i>cabeça de porco(a)</i>	nome + preposição + nome	Exu (PE), Todos os informantes
4	<i>cafetina da noite</i>	nome + preposição + nome	Caicó (PE), Inf. 4
5	<i>garota da vida</i>	nome + preposição + nome	Euclides da Cunha (BA), Inf. 2
6	<i>garota de programa</i>	nome + preposição + nome	Corrente (PI), Inf. 1 e 2; Limoeiro do Norte (CE), Inf. 1; Tauá (CE), Inf. 1 e 4; Olinda (PE), Inf. 1; Afrânio (PE), Inf. 1; Jeremoabo (BA), Inf. 2; Alagoinhas (BA), Inf. 2; Jequié (BA), Inf. 2; Carinhanha (BA), Inf. 2; Ilhéus (BA), Inf. 2
7	<i>fazedora de programa</i>	nome + preposição + nome	Ilhéus (BA), Inf. 1
8	<i>mãe solteira</i>	nome + adjetivo	Brejo (MA), Inf. 4
9	<i>moça da vida</i>	nome + preposição + nome	Iguatu (CE), Inf. 1
10	<i>mulher bandida</i>	nome + adjetivo	Limoeiro (PE), Inf. 4.; Floresta (PE), Inf. 4; Jacobina (BA), Inf. 3
11	<i>mulher bate bacia</i>	nome + adjetivo	Carinhanha (BA), Inf. 3
12	<i>mulher cachorra</i>	nome + nome	Caetité (BA), Inf. 4
13	<i>mulher comercial</i>	nome + nome	Santana (BA), Inf. 3
14	<i>mulher dama</i>	nome + nome	Estância (SE), Inf. 4; Santo Amaro (BA), Inf. 4
15	<i>mulher da vida</i>	nome + preposição + nome	Brejo (MA) Inf. 2 e 3; Piriri (PI), Inf. 1 Picos (PI) Inf. 1 e 2; Sobral (CE) Inf. 1; Crateús (CE), Inf. 2; Quixeramobim (CE), Inf. 4; Iguatu (CE), Inf. 1; Mossoró (RN), Inf. 4; Angicos (RN), Inf. 4; Salgueiro (PE), Inf. 3; Caruaru (PE), Inf. 4; União dos Palmares (AL) Inf. 1, 2 e 4; Arapiraca (AL), Inf. 4; Irecê (BA), Inf. 2; Jacobina (BA), Inf. 2; Seabra (BA), Inf. 2; Santo Amaro (BA), Inf. 3; Jequié (BA), Inf. 2
16	<i>mulher da vida livre</i>	nome + preposição + nome + adjetivo	Alagoinhas (BA), Inf. 3; Itapetinga (BA), Inf. 4

17	<i>mulher de bordel</i>	nome + preposição + nome	Campina Grande (PB), Inf. 2
18	<i>mulher de brega</i>	nome + preposição + nome	Petrolina (PE), Inf. 1
19	<i>mulher de programa</i>	nome + preposição + nome	São João dos Patos (MA), Inf. 4; Canindé (CE), Inf. 2; Caicó (RN), Inf. 3; Patos (PB), Inf. 1; Cabrobó (PE), Inf. 2; Floresta (PE), Inf. 2; Arapiraca (AL), Inf. 2; Barreiras (BA), Inf. 4; Alagoinhas (BA), Inf. 3; Santana (BA), Inf. 1
20	<i>mulher de rua</i>	nome + preposição + nome	Santana do Ipanema (AL), Inf. 1; Estância (SE), Inf. 3; Itaberaba (BA), Inf. 3
21	<i>mulher de vida fácil</i>	nome + preposição + nome + adjetivo	Patos (PB), Inf. 3
22	<i>mulher de vida livre</i>	nome + preposição + nome + adjetivo	Caicó (RN), Inf. 4
23	<i>mulher fácil</i>	nome + adjetivo	Canindé (CE), Inf. 3; Santana do Ipanema (AL), Inf. 2; Santana (BA), Inf. 3; Santa Cruz Cabralia (BA), Inf. 2
24	<i>mulher galinha</i>	nome + nome	Itapetinga (BA), Inf. 4
25	<i>mulher leviana</i>	nome + adjetivo	Santana (BA), Inf. 3
26	<i>mulher malandra</i>	nome + nome	Carinhanha (BA), Inf. 4
27	<i>mulher muito vulgar</i>	nome + advérbio + adjetivo	Cuité (PB), Inf. 4
28	<i>mulher safada</i>	nome + adjetivo	Irecê (BA), Inf. 1; Barreiras (BA), Inf. 4; Valença (BA), Inf. 1; Jequié (BA), Inf. 4
29	<i>mulher sem moral</i>	nome + preposição + nome	Iguatu (CE), Inf. 4
30	<i>mulher sem responsabilidade</i>	nome + preposição + nome	Carinhanha (BA), Inf. 4
31	<i>mulher solteira</i>	nome + adjetivo	Mossoró (RN), Inf. 4
32	<i>mulher sozinha</i>	nome + adjetivo	Valença (BA), Inf. 3
33	<i>mulher vadia</i>	nome + adjetivo	Picos (PI), Inf. 4
34	<i>mulher vagabunda</i>	nome + adjetivo	Afrânio (PE), Inf. 3
35	<i>mulher vira-lata</i>	nome + adjetivo	Jacobina (BA), Inf. 3
36	<i>mulher volável</i>	nome + adjetivo	Santana (BA), Inf. 3
37	<i>mulher vulgar</i>	nome + adjetivo	Pau de Ferros (RN), Inf. 4; Caicó (RN), Inf. 1; Arcoverde (PE), Inf. 3
38	<i>pessoa de nada</i>	nome + preposição + pronome	Alto Parnaíba (MA), Inf. 3
39	<i>puta de brega</i>	nome + preposição + nome	Estância (SE), Inf. 1

40	<i>puta velha</i>	nome + adjetivo	Mossoró (RN), Inf. 3
41	<i>sem futuro</i>	preposição + nome	Mossoró (RN), Inf. 3; Afrânio (PE), Inf. 2
42	<i>sem responsabilidade</i>	preposição + nome	Alto Parnaíba (MA), Inf. 2
43	<i>sem vergonha</i>	preposição + nome	São João dos Patos (MA), Inf. 1; Crato (CE), Inf. 4; Cabrobó (PE), Inf. 3; Caetité (BA), Inf. 1 e 4; Carinhanha (BA), Inf. 4
44	<i>rapariga velha</i>	nome + adjetivo	Mossoró (RN), Inf. 3
45	<i>vaca de primeira</i>	nome + preposição + adjetivo	Caetité (BA), Inf. 4
46	<i>vendedora de corpo</i>	nome + preposição + nome	Olinda (PE), Inf. 2